HAL
open science

Les grands barrages hydroélectriques au Pará, Brésil : entre reconfigurations de l'action publique et interactions contestataires

Léa Lebeaupin-Salamon

To cite this version:

Léa Lebeaupin-Salamon. Les grands barrages hydroélectriques au Pará, Brésil : entre reconfigurations de l'action publique et interactions contestataires. Science politique. 2018. dumas-01946159

HAL Id: dumas-01946159

https://dumas.ccsd.cnrs.fr/dumas-01946159

Submitted on 5 Dec 2018

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

MÉMOIRE

pour obtenir le diplôme de

MASTER DE L'UNIVERSITE SORBONNE NOUVELLE – PARIS 3

Master 2 Recherche
Mention : Etudes internationales et européennes
Spécialité : Etudes latino-américaines
Option : Science politique

Présenté par

Léa LEBEAUPIN-SALAMON

Dirigé par

Camille GOIRAND

Professeur de science politique

Les grands barrages hydroélectriques au Pará, Brésil : entre reconfigurations de l'action publique et interactions contestataires.

Mémoire soutenu le 6 juin 2018 en présence de Camille Goirand et Sébastien Velut

Institut des Hautes Etudes de l'Amérique latine
28 rue Saint-Guillaume 75007 Paris

Les grands barrages hydroélectriques au Pará, Brésil : entre reconfigurations de l'action publique et interactions contestataires.

Léa Lebeaupin-Salamon

Image 1 et 2 : Photographies de l'Acampamento Terra Livre, semaine de luttes indigènes à Brasília, lors de la manifestation contre les grands projets industriels. Le 26 avril 2017.

REMERCIEMENTS / AGRADECIMENTOS

En premier lieu, je souhaite adresser mes plus sincères remerciements à ma directrice de recherche Camille Goirand, dont les conseils avisés et la patience m'ont permis de mener à bien cette recherche. La pertinence des remarques et la compréhension des enjeux du sujet ont aidé à mieux définir les enjeux analytiques de mon observation de terrain. Je suis profondément reconnaissante pour le soutien sans faille dont j'ai pu bénéficier tout au long de cette recherche.

Je tiens également à remercier l'équipe pédagogique et administrative de l'IHEAL, qui font de cet institut un havre de stimulation intellectuelle permanente. Plus particulièrement, je souhaite remercier David Dumoulin de m'avoir fourni les conseils nécessaires à la mise en perspective théorique de cette réflexion.

Sur un plan plus personnel, je remercie ma maman, ma secrétaire personnelle la plus assidue, sans qui les deux ans de rédaction de ce mémoire auraient été bien plus difficiles. Un grand merci à Mathieu et Alexandre, mes correcteurs les plus fidèles et oreilles les plus attentives.

Ce mémoire est aussi dédié à tous mes copains, qui ont dû subir mes interrogations et doutes à de nombreuses reprises. Je vous remercie tous pour votre soutien et vos encouragements. De Nantes à Paris, en passant par le Brésil, sans vos épaules pour écouter mes plaintes, il aurait été difficile d'écrire ce mémoire.

À tous les enseignants de l'IHEAL, à toute ma famille et amis, aux membres de la FNLCA : Obrigada !

Eu quero agradecer particularmente aos professores que me ajudaram com este projeto durante os últimos anos. Esta pesquisa é, duma certa maneira, o resumo de todas as conversas que eu tive com os professores, e dos debates que alimentamos. Alguns se tornaram meus amigos e foram essenciais no meu desenvolvimento pessoal e no meu descobrimento da cultura brasileira. Espero que todos reconheçam uma parte das nossas discussões lendo esta pesquisa, e lembrem de uma parte da minha estadia no Brasil.

Um obrigada muito especial para a professora Jânia Saldanha, que sempre esteve ao meu lado para me apoiar em todas as minhas perguntas e que me fez descobrir uma parte incrível do Brasil.

Eu quero agradecer aos professores e alunos da Universidade Federal Santa Maria, que me hospedaram como se fosse minha casa : Ademar, Jeronimo, Luiz Ernani, Mohammed e todos que vão se reconhecer.

Da mesma maneira, eu sou muito grata a hospitalidade dos membros da Universidade Federal Do Pará : Eliane Moreira, Norbert Fenzl, Antonio Maués e Lise Tupiassu.

A Universidade Federal Fluminense sempre vai ser muito especial para mim, pois foi lá que comecei a amar o Brasil. O professor Eduardo Val é, com certeza, responsável pela minha escolha de tema.

Quero mandar agradecimentos a todos os membros do MAB, sem quem a pesquisa não seria possível, e particularmente para Jackson, Rogério e Frede.

Muito obrigada pelas boas vindas no Acampamento terra Livre 2017 e a todas as pessoas que cruzei no meu caminho no Brasil. Nunca vou esquecer as pessoas incríveis que encontroei no Rio, em São Paulo, Porto Alegre, Santa Maria, Brasília, Bélèm, Santarém, Itaituba, Altamira… Foram muitas cidades mas espero que todos vocês vão se reconhecer nestes agradecimentos. Até já!

RÉSUMÉ

Les risques liés à l'exploitation du potentiel énergétique en Amazonie, sont aujourd'hui un problème majeur de la science sociale au Brésil. Afin de pallier à la demande croissante en énergie, les mégaprojets hydroélectriques ont été mis en place dans un contexte particulier de politiques publiques libérales. Cependant, ces barrages ont provoqué depuis la fin des années 1980 de nombreuses mobilisations sociales, mettant en doute le bien-fondé de ces usines. Provoquant des problèmes environnementaux liés à la déforestation et à l'inondation des terres mais également des problèmes sociaux par le déplacement forcé des populations et le non respect du consentement des communautés affectées, des contestations se sont formées pour dénoncer les violations de droits humains. Répondant aux contestations environnementales et sociales montantes, les firmes multinationales en charge de ces projets sont alors tenues d'indemniser les populations et de mettre en place des programmes de développement. Ici, l'analyse se concentre sur ces grands programmes de responsabilité sociales des entreprises, sur leurs influences sur les politiques publiques brésiliennes et sur la structure de l'État.

Cette recherche permet alors de comprendre dans quelle mesure l'instauration de politiques publiques libérales a transformé l'action publique et les pouvoirs de l'État au Brésil. Elle permet de comprendre la reconfiguration des espaces de négociation et des interactions entre acteurs décisionnaires, mobilisations sociales et pouvoirs publics. À travers une études comparée sur plusieurs usines hydroélectriques, l'analyse porte sur la place de l'État dans ces programmes de responsabilité sociale, et sur la décharge de ses pouvoirs au profit de l'agenda des grandes firmes multinationales.

Mots-clés : Usines hydroélectriques ; barrages ; responsabilité sociale des entreprises ; mobilisations sociales ; mobilisations indigènes ; reconfiguration de l'État ; décharge de l'État ; politiques publiques brésiliennes ; privatisations.

RESUMO

Os mega-projetos hidroeléctricos no Pará, Brasil : entre reconfigurações da ação pública e interações desafiantes.

Os riscos relacionados à exploração do potencial energético na Amazônia são hoje um grande problema das ciências sociais no Brasil. Para atender à crescente demanda por energia, foram criados megaprojetos hidrelétricos em um contexto particular de políticas públicas liberais. No entanto, desde o final da década de 1980, essas barragens provocaram muitas mobilizações sociais, questionando os méritos dessas fábricas. Causando problemas ambientais relacionados ao desmatamento e inundações da terra, mas também problemas sociais através do deslocamento forçado da população e não respeito do consentimento das comunidades afetadas, surgiram disputas para denunciar as violações dos direitos humanos. Respondendo a desafios ambientais e sociais crescentes, as empresas multinacionais responsáveis por esses projetos são então obrigadas a compensar a população e estabelecer programas de desenvolvimento. Aqui, a análise enfoca esses grandes programas de responsabilidade social corporativa, sua influência nas políticas públicas brasileiras e na estrutura do Estado. Esta pesquisa permite compreender em que medida o estabelecimento de políticas públicas liberais transformou a ação pública e os poderes do Estado no Brasil. Ajuda a entender a reconfiguração de espaços de negociação e interações entre tomadores de decisão, mobilizações sociais e autoridades públicas. Por meio de um estudo comparativo de várias usinas hidrelétricas, a análise enfoca o lugar do Estado nesses programas de responsabilidade social e o cumprimento de seus poderes em favor da agenda das grandes empresas multinacionais.

Palavras-chave : Usinas hidrelétricas ; barragens ; responsabilidade social corporativa ; mobilizações sociais ; mobilizações indígenas ; reconfiguração do Estado ; enfraquecimento do Estado ; políticas públicas brasileiras ; privatizações.

ABSTRACT

Mega-dams in the Pará State, Brazil : between transformation of public action and contesting interactions.

Risks related to the exploitation of the energy in the Amazon rainforest, are today a major social science problem problem in Brazil. In order to meet the growing demand for energy, hydroelectric megadams were set up in a particular context of liberal public policies. However, since the end of the 1980s, these dams have caused many social mobilisations, questioning the merits of these factories. Causing environmental problems related to deforestation and flooding of the land but also social problems through the forced displacement of the population and the non-respect of the consent of the affected communities, disputes have arisen to denounce the human rights violations. Responding to environmental and social challenges, the multinational firms in charge of these projects are then required to compensate the population and set up development programs. Here, the analysis focuses on these major programs of corporate social responsibility, their influence on Brazilian public policies and the structure of the state. This research tries to understand how the establishment of liberal public policies has transformed public action and the powers of the state in Brazil. It helps to understand the reconfiguration of negotiating spaces and interactions between decision-makers, social mobilisations and public authorities. Through a comparative study of several hydroelectric factories, the analysis focuses on the place of the state in social responsibility programs, and on the discharge of State's power in favor of the agenda of large multinational corporations.

Keywords : Hydroelectric megadams ; corporate social responsibility ; social mobilisations ; indigenous mobilisations ; reconfiguration of the state ; extractives ; rethinking the State ; privatisation ; shrinking of the state ; Brazilian public policies.

Le Brésil, de beaucoup le plus vaste des États de l'Amérique du Sud - sa superficie couvre même une plus grande étendue que celle des États-Unis de l'Amérique du Nord - est pour l'avenir une des plus importantes, si ce n'est la plus importante réserve de notre monde. Il y a ici la richesse infinie de la glèbe qui n'a jamais connu ni culture, ni charrue et, sous elle, des métaux, des minéraux, des trésors naturels qui ont été à peine découverts et pas le moins du monde exploités. Il y a ici des possibilités de colonisation dans des proportions telles, qu'un imaginatif pourrait plus justement les calculer qu'un statisticien ordinaire : la seule différence des estimations, le simple fait qu'on se demande si ce pays qui compte aujourd'hui cinquante millions d'habitants pourra en avoir cinq ou sept ou neuf millions, donne une idée des bases de raisonnement qu'on possède pour le développement du Brésil dans cent ans, peut-être dans quelques dizaines d'années. Et on se souscrit volontiers à la juste formule de James Bryce : Pas un pays au monde, appartenant à une race européenne, ne possède une telle abondance naturelle pour l'expansion de l'existence humaine et d'une industrie créatrice.

Le Brésil a la forme d'une gigantesque harpe, et sa ligne de frontière reproduit curieusement le profil entier de l'Amérique du Sud. On y trouve à la fois la montagne, la côte marine, la plaine, la forêt, la region fluviale, et la fertilité, presque partout. Tous les climats : tropical, sub-tropical, européen ; son atmosphère est ici humide et là sèche, ici océanique et là alpine. […] Le regard ébloui se pose sur toutes les variétés d'un paysage sans cesse changeant , et la faune et la flore sont d'une richesse si grande qu'elles ne cessent, depuis des siècles, de reserver des surprises au chercheur : la seule enumeration des espèces d'oiseaux remplit des volumes de catalogues et chaque expedition nouvelle rapporte des centaines des nouvelles espèces. Mais seul l'avenir pourra reveler ce que cette terre recèle de latentes possibilités, de métaux, de minéraux. Ce dont on est certains, c'est que les plus grands gisements de fer du monde attendent ici, assez riches pour alimenter toute la terre pendant des siècles.

Stefan Zweig, *Brésil, terre d'avenir,* 1941.

LISTE DES ABRÉVIATIONS

BNDES - Banque Nationale pour le développement

EDF - Électricité de France

EIA - Étude d'Impact Environnemental

EPE - Entreprise de Planification Énergétique

FUNAI - Fondation nationale de l'indien

FBSB - Forum Brésilien pour la Sécurité Publique

GDF - Gaz de France

IBAMA - Institut brésilien de l'environnement et des ressources naturelles renouvelables

IPEA - Institut de recherche économique appliqué

ISA - Institut Socio-environnemental

MAB - Mouvement des Atteints par les Barrages

MPF - Ministério Público Federal

MST - Mouvement des Sans Terre

OIT - Organisation Internationale du Travail

ONG - Organisation non gouvernementale

ONU - Organisation des Nations Unies

PAC - Programme d'accélération de la croissance

PBA - Projet Environnemental de base

PMDB - Parti du Mouvement Démocratique Brésilien

PPP - Partenariats public-privé

PT - Parti des Travailleurs

RIMA - Rapport de l'impact environnemental

RSE - Responsabilité sociale des entreprises

SENAI - Confédération nationale des industries brésiliennes

UNDRIP - Organisation des Nations Unies pour la reconnaissance des droits des populations indigènes

WBCSD - Conseil mondial des entreprises pour le développement durable

WCD - Commission mondiale pour les barrages

SOMMAIRE

INTRODUCTION 2

Chapitre 1 - Une histoire longue des controverses sur l'action publique et les investissements étrangers en Amazonie 12

A - Le développementalisme et l'ouverture des portes de l'Amazonie aux transnationales européennes 13

B - Belo Monte, épicentre de la controverse sur les constructions en Amazonie 21

C - Conflits permanents de distribution des richesses dans les projets de barrages 28

Chapitre 2 - Une observation de l'impact social des barrages au Pará 35

A - Altamira, ville rurale transformée en ville la plus meurtrière du pays 36

B - Itaituba, une ville en phase de transformation ? 48

C - Quels interlocuteurs pour les actions contestataires ? 53

Chapitre 3 - L'impact global de l'arrivée des multinationales sur l'action publique et les conflits sociaux 59

A - La responsabilisation des acteurs à l'ère des partenariats public-privé 60

B - La transnationalisation des mouvements sociaux 66

C - Conflits sociaux et perte de souveraineté dans l'État du Pará, l'évolution des politiques publiques en question 73

CONCLUSION 80

BIBLIOGRAPHIE 85

FILMOGRAPHIE 91

TABLES DES MATIÈRES 92

TABLE DES ILLUSTRATIONS 94

TABLE DES ANNEXES 96

Réunis en avril 1997 en Suisse sous l'impulsion de la Banque Mondiale, les représentants des gouvernements, du secteur privé, des institutions financières et des organisations de la société civile décidèrent de la création de la Commission Mondiale des Barrages (World Commission on Dams - WCD). Le but était de mettre en place des bonnes pratiques pour la construction de ces mégaprojets, de faire converger les critères d'exploitation de l'eau et d'établir des lignes directrices et des normes acceptables à l'échelle internationale[1]. La WCD publia en novembre 2000 une liste de recommandations à suivre pour la construction des grands barrages, et permettre une nouvelle gouvernance dans la production d'énergie hydraulique et la reduction des impacts[2]. Ce rapport met en avant le nombre de déplacés qu'auraient provoqué les méga-barrages dans le monde : entre 40 et 80 millions. Le chiffre élevé choqua les acteurs de la société civile qui participaient à ce rapport mais l'impossibilité de mesurer avec précision le nombre d'habitants délogés, passant du simple au double était assez difficilement compréhensible. Les populations délogées sont absentes des rapports puisque le plus souvent absentes des politiques de dédommagement et ne parviennent pas à se mobiliser pour faire connaitre leurs revendications. Le professeur de droit de l'université de Santa Catarina (UFSC), résume ainsi une indignation assez généralisée parmi les défenseurs des droits humains et du droit environnemental : « J'ai tellement accompagné le sujet « Barrages » qu'il me paraissait évident que les soulèvements qu'ils provoquaient étaient l'expression localisée de l'indignation de tous. Mais, comme il m'a bien fallu le constater, les gens qui s'opposent aux barrages, sur place, s'insurgent, se rebellent, participent à des manifs violentes, avec morts d'hommes et de femmes, sans que tout cela ne soulève l'indignation médiatique […]. Les gens meurent déracinés par les barrages, perdent tout, grondent contre les autorités, affrontent des troupes munies de blindés et d'armes automatiques, mais sont évincés des circuits de communication[3] ».

Des polémiques autour du barrage de Belo Monte à la rupture du barrage de Samarco en 2015, les usines hydroélectriques brésiliennes ne cessent de faire parler d'elles encore aujourd'hui. Les risques liés à l'exploitation du potentiel énergétique en Amazonie, mis en lumière dans les années 1980[4] sont aujourd'hui au coeur des débats sociaux et politiques au

---

[1] Joke Waller-Hunter, « La gouvernance au service du développement durable dans le contexte de la mondialisation», *Reflets et perspectives de la vie économique n.*1 (Tome XLI), 2002, p. 19-33

[2] World Commission on Dams, *Dams and development : a New framework for decision-making,* 2000.

[3] Christian Caubet, « Comment peut-on se soulever contre des barrages ? », *Multitudes*, 2012/3 (n° 50), p. 149-153

[4] Candace Slater, *Entangled Edens: Visions of the Amazon*, University of California Press, 2002.

Brésil. De nombreuses recherches mettent en avant les dégradations environnementales[5] liées à la déforestation, à la pollution des fleuves et à l'inondation des terres[6]. Mais l'implantation de ces méga-projets n'est pas sans poser de problèmes sociaux : accaparement des terres indigènes[7], non respect des droits des populations affectées[8] (absence de consultation publique, obligations de compensation non respectées, déplacements forcés, non-inclusion de certaines familles dans les dédommagements…), violations des droits du travail en termes de sécurité et de droit à la syndicalisation[9]… Par ailleurs, l'arrivée de projets industriels d'une telle envergure provoque des changements irrémédiables dans les villes touchées : inflation due à l'afflux massif d'ouvriers, insécurité, services publics non adaptés à l'accroissement de la population (assainissement, transports publics, réseaux routiers, éducation…), promesses non tenues de développement de la ville.

Ces enjeux sont au coeur de ma recherche de Master à l'Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine (IHEAL-CREDA), dans laquelle j'ai étudié les interactions entre les différents acteurs, institutionnels, privés ou contestataires et les effets de ces interdépendances sur l'action publique, à partir de deux cas d'étude. Au cours de l'élaboration du sujet, de l'enquête de terrain et de la rédaction de ce mémoire, il m'a été permis d'observer les impacts de la mise en place de ce barrage hydroélectrique sur les populations locales et sur leurs rapports avec les institutions locales et firmes transnationales. Cela m'a permis de comprendre comment les politiques publiques d'industrialisation, les investissements étrangers et la gouvernance transnationales des entreprises altèrent les configurations de l'espace politique.
Dans le cadre de cette recherche, j'ai pu mener des observations de terrain et ainsi m'approcher des acteurs étudiés : agents institutionnels, militants indigènes, activistes environnementaux et syndicaux, représentants de politiques sociales des multinationales et défenseurs des droits des populations délogées. J'ai pu me rendre dans les villes porteuses des méga-barrages étudiés lors d'un terrain de recherche de trois mois, de mars à juin 2017. Cette experience a également été

---

[5] Jalcione Almeida, Lorena Cândido Fleury, "A construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte: conflito ambiental e o dilema do desenvolvimento", *Ambiente e Sociedade*, 16(4), 141-156, 2013.

[6] Christian Caubet, "Peuples autochtones sous la coupe du croissancisme. Usurpation de terres en Amazonie brésilienne au nom du fardeau hydroélectrique de l'homme blanc", *Ecologie e politique,* 51, 2015, pp. 121-137.

[7] « Indigène » étant le terme le plus fréquemment employé au Brésil, c'est celui que nous utiliserons ici, en dépit de ses connotations dans la langue française.

[8] L'Organisation des Nations Unis accuse l'État brésilien de non-respect de la déclaration pour les droits des peuples indigènes (UNDRIP), pourtant signée par le Brésil en 2007.

[9] L'Organisation Internationale du Travail (OIT) accuse l'État brésilien de violation des normes internationales de travail mais aussi de sa convention 169, en particulier pour absence de consultation publique lors de projets industriels sur territoires indigènes : *Convention n°169 relative aux peuples indigènes et tribaux*. Adoptée en 1989, entrée en vigueur en 1991. Genève : OIT.

l'occasion de m'entretenir avec de nombreux représentants d'institutions, ou associations, décideurs politiques, mobilisés ou impactés par les barrages.

Ce mémoire est centré sur l'étude de deux usines hydroélectriques de l'État du Pará : l'usine de Belo Monte sur le fleuve Xingu dans la municipalité d'Altamira et le projet de complexe hydroélectrique, en cours d'étude, sur le fleuve Tapajós, près d'Itaituba. Ces deux usines sont financées en partie par des capitaux étrangers, en l'espèce des capitaux d'entreprises françaises en partie publiques (EDF et Engie), ce qui constitue un des points de départ de la comparaison. Elles sont également sujettes à de nombreuses controverses et mouvements sociaux, qui militent pour la reconnaissance des droits des populations locales et une prise en compte des impacts directs (inondations, déplacements forcés, pollution du fleuve…) et indirects (inflation, insécurité, transformation du mode de vie) de la construction de ces infrastructures. Il est d'ores et déjà interessant de noter que l'étude comparée se fait autour de deux mégaprojets aux états d'avancement radicalement différents : Belo Monte est un barrage inauguré en 2016, qui est sur le point d'accueillir sa dernière turbine en janvier 2019. Le complexe hydroélectrique du fleuve Tapajós est un projet pour lequel l'IBAMA (Institut Brésilien de l'environnement et des ressources naturelles renouvelables), l'agence brésilienne pour l'environnement liée au ministère de l'environnement, a pour le moment formé des reticences. Le consortium d'entreprises intéressées pour la réalisation de ce projet est alors en pleine préparation d'une nouvelle proposition et d'une nouvelle étude d'impacts.

Le développement des grands projets de barrages hydroélectriques en Amazonie brésilienne s'inscrit principalement dans la période de développement néolibéral de l'État en Amérique Latine. Des années 1980 au début des années 2000, les structures de l'action publique se transforment sous pression des institutions financières, notamment de la Banque mondiale et des principes de Dublin de 1992. **Emilson Brito Rodrigues**[10] a récemment étudié ce phénomène de privatisation du secteur hydraulique au Brésil. À travers l'analyse de la reconfiguration territoriale en Amazonie, et des luttes pour l'hégémonie dans les prises de décision, il montre en quoi ces transformations entrainent une perte de souveraineté de l'État. **Carlos Luiz Bresser-Pereira**[11], qui a réalisé les travaux les plus importants sur le développementalisme brésilien, estime que l'État, ayant perdu son rôle de promoteur de la croissance et de garant de l'intégration sociale, s'est transformé en simple acteur subsidiaire de l'économie de marché. D'autres

---

[10] Emilson Brito Rodrigues, *Território e soberania na globalização: Amazônia, jardim de águas sedento*, São Paulo, Forum, 2012.

[11] Carlos Luis Bresser-Pereira, «El asalto al Estado y al mercado : neoliberalismo y teoría económica», *Nueva Sociead,* n° 221, 2009, p. 83-99.

approches permettent de rendre compte de façon moins linéaire de la complexité de ces transformations. En effet, la diffusion des principes managériaux s'est traduite par la mise en place de nouveaux modes de gouvernance au Brésil, qui se caractérisaient par une mise en concurrence des institutions publiques et privées, une autonomie des agences gouvernementales, et la privatisation de certains secteurs clés de l'industrie[12], sans pour autant que l'État ne se retire ou ne perde le contrôle de la décision. Les nombreuses recherches d'**Anthony Hall** mettent en valeur les conséquences de cette reconfiguration des structures de l'Etat dans la période libérale sur l'Amazonie, son environnement et ses populations locales[13].

L'analyse des réformes de l'action publique en Amérique Latine s'inscrit dans des débats plus larges de la science politique. À l'image de **Jonah Levy**[14] ou **Beatrice Hibou**[15], certains auteurs s'accordent à penser que ces mouvements de privatisation et de délégation accrue ne signent pas «l'érosion de l'interventionnisme étatique mais plutôt son redéploiement sur de nouvelles missions». Pour **Linda Weiss**[16], la théorie des Etats-faillis est contestable aujourd'hui, puisque les Etats latino-américains reconsolident leur puissance à travers la multiplication des accords coopératifs avec d'autres Etats, institutions internationales ou entreprises du secteur privé.

Dans sa thèse soutenue en 2016, **Damien Larrouqué[17],** s'appuyant sur les propositions de deux politistes de l'université de Louvain, **Geert Bouckaert et Chritopher Pollitt**[18], critique également cette idée que l'État serait failli et serait au service des intérêts de marché. Les Etats «Néo-Webériens» contrairement aux Etats s'appuyant sur la «Nouvelle Gestion Publique» anglo-saxons, accordent une place encore importante aux interventions publiques dans le domaine social, économique et culturel. Ainsi, les Etats latinos-américains, à l'image de certains États européens comme la France, la Belgique ou l'Italie, auraient entrepris des reformes de l'administration moins radicales qu'aux Etats-Unis par exemple, en restant attachés à une

---

12 Carlos Luis Bresser-Pereira, *A Crise do Estado: Ensaios sobre a Economia Brasileira,* Editora Nobel, 1992

13 Antony Hall, "Peopling the environment: A new agenda for research, policy and action in Brazilian Amazonia.", *Revista Europea de Estudios Latinoamericanos y del Caribe*, 62, 1997, pp. 9-31.

14 Jonah Levy (dir.), *The State after Statism*. Cambridge : Harvard University Press, 2006.

15 Béatrice Hibou, «De la privatisation des économies à la privatisation des États : une analyse de la formation continue de l'État», *In* Béatrice Hibou (dir.), *La privatisation des États,* Paris, Karthala, 1999.

16 Linda Weiss, « The Emergence of 'Catalytic' States », *The Myth of The Powerless State. Governing the Economy in a Global Era*. Oxford, Polity Press, 1998.

17 Damien Larrouqué, *Les politiques d'inclusion digitale en Amérique latine : de la rénovation éducative à la recomposition de l'état* , Thèse IEP de Paris, sous la direction d'Yves Surel, 2016.

18 Geert Bouckaert, Christopher Pollitt, *Public Management Reform : a Comparative Analysis,* Oxford, Oxford University Press, 2004.

bureaucratie de type wébérien. Malgré la préservation de l'*ethos* du service public et de la force des procédures légales, les États «Néo-Webériens» empruntent les principes d'efficacité aux idées fondatrices de la «Nouvelle Gestion Publique». Les travaux de Damien Larrouqué, sur les politiques publiques d'inclusion digitale dans quatre États d'Amérique latine, mettent à jour des évolutions institutionnelles et des interactions entre acteurs qui s'observent aussi dans le cas de constructions de barrages au Brésil.

Notre recherche comparée sur plusieurs cas de barrages permettra par ailleurs de tester certaines hypothèses explicatives proposées par **Pierre-Louis Mayaux** sur les privatisations des services d'eau en Amérique Latine[19], qui ont connu un âge d'or grâce à l'émergence de ces «partenariats public-privé (PPP)», comme pour les projets hydroélectriques. Ce chercheur montre comment la réforme des entreprises publiques, conçue comme une condition d'efficacité au cours des années 1990, a rapidement provoqué des contestations et des relations conflictuelles entre les populations locales, les institutions financières internationales et les leaders mondiaux du secteur. Comme Pierre-Louis Mayaux le souligne, la privatisation de ces secteurs fondamentaux pour les populations locales provoque des contestations dès lors qu'elles induisent des changements abrupts et de grande ampleur dans la vie locale[20]. Cette thèse est également valable pour le secteur énergétique, puisque l'ouverture de ce secteur aux PPP génère des changements irrémédiables dans les communautés excentrées des zones rurales brésiliennes. Cependant, contrairement à ces cas de privatisation des services d'assainissement, où l'impact de la délégation des services publics a été limité par des politiques publiques conciliantes et des programmes d'investissement dans l'assainissement, l'impact social et environnemental de l'implantation des barrages hydroélectriques n'a pas été amoindri par les discours justificateurs des gouvernants ou par la mise en place de dispositifs participatifs. Contrairement aux cas qu'il étudie, il n'y a pas eu de production de l'acceptabilité[21] dans ces cas où la puissance publique brésilienne s'est déchargée sur des acteurs privés pour assurer les services publics hydroélectriques. Les travaux de **Doris Buu-Sao** permettent de comprendre comment les contestations contre les barrages hydroélectriques, à l'image de celles menées par les organisations d'étudiants en Amazonie péruvienne[22], ne se résument pas à une opposition binaire

---

[19] Pierre-Louis Mayaux, « Du clientélisme au contrat : stratégies de changement et pérennité des privatisations dans les services d'eau des villes latino-américaines », *Revue internationale de politique comparée* 2010/3 (Vol. 17), p. 89-109.

[20] Sur ce sujet, voir aussi : Hichem Amichi *et al.*, « Encourager la subversion : recomposition de l'État et décollectivisation des terres publiques dans le Bas-Chéliff, Algérie », *Politique africaine,* (N° 137), 2015, p. 71-93.

[21] Pierre-Louis Mayaux, «La production de l'acceptabilité sociale. Privatisation des services d'eau et normes sociales d'accès en Amérique Latine», *RFSP*, (Vol 65), 2015, pp. 237-259.

[22] Doris Buu-Sao, « Ethnographie d'une organisation d'étudiants indigènes en Amazonie péruvienne : les ambivalences de la contestation », *Critique internationale,* (N° 57), 2012, pp. 37-52.

entre domination et résistance. Son ethnographie des étudiants indigènes montre comment les trajectoires, les expériences et les contacts avec l'urbain influencent l'engagement. Dans ce même sens, les groupes mobilisés contre les barrages cherchent à acquérir une légitimité nouvelle, en s'associant avec de nombreux acteurs. Alors même que les indigènes étaient auparavant opposés à toutes activités sur les terres amazoniennes, les activistes demandent à s'associer avec les grands groupes industriels à travers notamment les consultations publiques, afin de parvenir à des arrangements, des politiques de compensation plus inclusives et une meilleure prise en compte des droits humains. Comme Doris Buu-Sao l'évoque, ces dialogues avec le dominant, renvoient aux «transactions collusives», définies par **Michel Dobry** comme «des échanges entre des acteurs situés dans des secteurs ou des champs différents et autonomes, (…) les uns et les autres pris dans des jeux ou des enjeux spécifiques aux secteurs sociaux dans lesquels ils sont immergés[23]». Les acteurs aux intérêts divergents peuvent voir leurs intérêts converger et entrer en relation. Tous les acteurs ont des raisons valables d'entrer en relations les uns avec les autres et c'est l'analyse de ces accords tacites entre populations mobilisées, acteurs transnationaux et organes gouvernementaux constituant des espaces de socialisation qui nous permettra de rendre compte des enjeux de la contestation contre les mégaprojets au Brésil. Ces alliances temporaires ne traduisent cependant pas d'une obéissance parfaite des dominants aux dominés. Comme le souligne **Johanna Siméant**, les dominés peuvent parfois obéir pour des raisons seulement matérielles et rationnelles, sans pour autant adhérer à la politique mise en place, c'est alors une «fausse adhésion[24]» à l'égard des dominants. Le rapport de domination dans le cadre des contestations contre les méga-projets s'écarte alors de la définition de **Max Weber** selon laquelle la domination est : «toute chance de trouver des personnes déterminables prêtes à obéir à un ordre de contenu déterminé[25]».

Les mouvements sociaux contre les méga-projets, en particulier hydroélectriques, n'ont pas fait l'objet d'étude de cas spécifiques. Les premiers mouvements contestataires se sont formés à la fin des années 1970, lorsque la compagnie nationale Petrobras a réalisé les premières études sur le potentiel énergétique des barrages en Amazonie. Mais c'est en 1989 que les différents mouvements locaux se sont regroupés afin d'allier leurs forces au sein du MAB (Mouvement des Atteints par les Barrages. Depuis, l'organisation, basée à São Paulo, revendique sa présence dans toutes les villes affectées par les barrages, ou là où un projet d'usines hydroélectrique est prévu.

---

[23] Michel Dobry, « Valeurs, croyances et transactions collusives. Notes pour une réorientation de l'analyse de la légitimation des systèmes démocratiques », *in* Javier Santiso (dir.), *À la recherche de la démocratie. Mélanges offerts à Guy Hermet*, Paris, Karthala, 2002.

[24] Johanna Siméant, *Contester au Mali. Formes de la mobilisation et de la critique à Bamako*, Paris, Karthala, 2014.

[25] Max Weber, *Economie et société,* 1921.

Proche du Mouvement des Sans Terre (MST) et du Parti des Travailleurs (PT), l'organisation lutte pour la justice environnementale et cherche à faire de l'eau un bien public commun. C'est aujourd'hui le mouvement le plus actif pour la defense des populations atteintes par les impacts des grands projets de barrages.

Malgré la place particulière qu'occupe le MAB dans ces contestations, les actions conjointes entre populations autochtones et autres populations locales, que sont les communautés de pêcheurs ou de garimpeiros, sont fragiles et ponctuelles. Cette fragmentation des mouvements se traduit par un faible poids politique et des difficultés à inscrire ces débats à l'agenda politique. **Alyson Brysk,** qui a étudié l'effet de la transnationalisation des mouvements sociaux sur les mouvements indianistes[26], montre que «*les populations indigènes du bassin amazonien, pourtant les plus pauvres et qui ont le moins de contrôle politique par rapport aux propriétaires terriens ont toutefois mieux réussi dans les politiques nationales, grâce à leurs politiques identitaires et leurs liens solides*». Globalement, depuis la fin des années 1990, on constate une meilleure diffusion de l'information concernant les violations des droits de l'homme lorsqu'il s'agit de groupes indigènes, grâce au rôle actif des *advocacy networks* qui influencent l'opinion publique et font pression sur les États eux-mêmes[27]. Ce sont donc les conditions de la formation des actions collectives qui méritent d'être interrogée, dans un contexte où la mobilisation des acteurs à faible ressources est très atomisée. Selon **Hunt et Benford**[28], l'identité est produite par des activités de *Framing* et par la définition de revendications claires. Ils montrent que la contestation émane de groupes organisés et non d'individus atomisés, d'où l'importance de la constitution de communautés[29], processus qui a longtemps fait défaut aux acteurs que nous étudierons.

Pour **Keck et Sikkink**[30], afin de parvenir à faire remonter ces revendications sur la scène internationale, les groupes doivent se construire une identité, un agenda commun, changer leurs discours pour construire un message unifié, et ainsi pouvoir exercer une influence sur les politiques publiques. Dans le cas de la contestation contre les mégaprojets hydroélectriques, les mouvements sociaux indigènes sont parvenus à s'imposer sur la scène internationale, grâce à ces stratégies identitaires, dans un contexte qui leur était pourtant défavorable. En revanche, les

---

[26] Alison Brysk, *From tribal village to global village,* Stanford University Press, 1998.

[27] Sur ce point voir Julie Stewart, «When Local Troubles become transnational : The transformation of a guatemalan human rights movement», *Mobilization : an International Quaterly,* 1996.

[28] Scott Hunt, Robert Benford, «Collective Identity, Solidarity and Commitment», *In* David Snow, *The Blackwell Companion to social movements,* Temple University Press, 2004.

[29] Anthony Oberschall, *Social Conflict and Social Movements,* 1975.

[30] Margaret Keck, Kathryn Sikkink, *Activists beyond borders,* Cornell University Press, 1998.

autres populations locales entretiennent moins d'interactions avec les acteurs internationaux, financiers ou gouvernementaux. Grâce à la mise en commun de leurs revendications au niveau national à travers le MAB, ces groupes sont cependant de plus en plus intégrés aux négociations et parviennent également à former des alliances et à faire valoir leurs droits. L'analyse de ces nouvelles stratégies identitaires de populations «atteintes par les barrages» est, celle-ci, novatrice puisque ces groupes ne font pas partie intégrante d'une ethnie ou d'un mouvement culturel défini.

Dans sa thèse soutenue en 2016[31], **Swann Bommier** met en avant le développement «défectueux» d'une ville indienne à la suite de l'implantation d'une usine Michelin. Il montre comment les politiques publiques d'industrialisation, les investissements étrangers et la gouvernance transnationale des entreprises altèrent l'espace public. S'appuyant sur les travaux de **Cécile Renouard**[32] sur les politiques de responsabilité sociale des entreprises, et les théories de justice environnementale, il explore la façon dont les interactions entre les mouvements sociaux et les mécanismes internationaux de restitution de conflit peut amener les entreprises multinationales à respecter les droits humains. Dans les cas de barrages au Brésil, la corrélation entre arrivée de capitaux étrangers et injustice sociale sur le territoire sera également interrogée, à la lumière des travaux de **David Mosse**[33] sur la relation entre émergence des politiques libérales et pauvreté. À partir d'une analyse des sociabilités, des interactions et des trajectoires des acteurs locaux de la construction et de la contestation, il s'agira de comprendre la complexité des échanges, qui ne se résument pas à une simple opposition de dominants à dominés.

---

[31] Swann Bommier, *Un développement défectueux :Accaparement des terres, mouvements sociaux transnationaux et régulation extraterritoriale des entreprises: Michelin au Tamil Nadu (Inde),* thèse du CERI, soutenue en 2016, sous la direction de Christophe Jaffrelot et Cécile Renouard.

[32] Cécile Renouard, « L'affaire de tous. Libéralisme et théories de la justice sociale et écologique », *Revue française des affaires sociales,* 2015, pp. 13-32.

[33] David Mosse, «A Relational Approach to Durable Poverty, Inequality and Power», *Journal of Development Studies,* n.*7*, 2010.

Compte tenu de ces débats scientifiques, j'ai pu orienter mon enquête afin de produire une recherche novatrice s'insérant dans les grands débats de la science politique. La délimitation du sujet est un travail important puisque la construction des grands barrages en Amazonie entraîne de nombreux sujets de réflexion potentiels. Le terrain de recherche a permis de définir les bornes des problématiques que nous allions travailler. En rencontrant les mobilisés contre les grands projets de construction de barrages, les populations impactées et les acteurs de l'action publique au Brésil, nous avons pu construire l'hypothèse d'une reconfiguration des pouvoirs entre les institutions locales et les transnationales dans les villes en phase de transformation. L'étude dans deux villes de projets de barrages à l'état d'avancement différent nous a permis une comparaison bénéfique pour comprendre la restructuration des interactions entre les différents acteurs. C'est ainsi que j'ai pu construire une problématique s'implantant dans l'état de la recherche actuelle en science sociale, permettant une analyse novatrice des grands projets transnationaux et des mouvements sociaux créés contre les entreprises privées, devenues actrices privilégiées dans les constructions de politiques publiques. **Ainsi, de quelle manière les politiques de constructions hydroélectriques et les investissement étrangers ont transformé l'action publique et les mouvements contestataires dans l'État du Pará ? Comment les institutions publiques s'effacent ou se reconfigurent au profit des entreprises transnationales dans la construction d'usines hydroélectriques de l'État du Pará au Brésil ?**

Afin de répondre à ces question, le compte-rendu d'enquête en divisé en trois axes :

* Pour rendre compte de la transformation de l'action publique suite à la construction de barrages, la première partie se penche sur l'histoire longue des controverses autour des barrages, sur ce contexte de développementalisme qui a formé l'exploitation des ressources en Amazonie et sur la conflictualité qui en a découlé. Afin de comprendre comment le projet de Belo Monte s'est imposé comme le conflit le plus représentatif des problèmes de distribution des richesses et de justice environnementale, il sera nécessaire de revenir sur sa mise à projet et sur les longues contestations que le barrage a engendré. Il sera alors également question de la mise en place des politiques de privatisation de l'eau et d'ouverture du potentiel énergétique de l'Amazonie aux firmes multinationales.

* Dans un second temps, le mémoire rend compte de l'observation de terrain. Après un terrain de recherche de six mois et de nombreux entretiens semi-directifs réalisés, il s'agira de montrer comment les habitants d'Altamira et d'Itaituba ont ressenti les transformations subies.

Altamira, petite ville du Pará s'est peu à peu transformée en ville avec le plus haut taux d'homicides du pays, il s'agira alors d'analyser, à partir d'observations, en quoi ces bouleversements sont des effets indirects de la mise à projet du grand barrage de Belo Monte. À Itaituba, il s'agit de montrer en quoi la ville montre d'ores et déjà des signes de transformation alors même que le barrage est toujours à l'état de projet. Plus globalement, cette partie de notre recherche analyse les conséquences des mégaprojets de Belo Monte et du Tapajós sur l'action publique, sur les contestations et sur les politiques de développement.

* Enfin, ce mémoire rend compte de notre questionnement principal, à savoir en quoi les politiques publiques au Pará s'appuient sur les pratiques de compensation et de responsabilité sociale des entreprises. Plus globalement, il s'agit d'analyser comment l'arrivée des multinationales transforme l'action publique et les mouvements contestataires dans les villes isolées d'Amazonie et de se questionner sur un possible retrait de l'État face aux multinationales. Nous analyserons alors les interdépendances entre les politiques publiques d'industrialisation, les acteurs privés de production d'énergie et les mobilisations sociales.

Chapitre 1 - Une histoire longue des controverses sur l'action publique et les investissements étrangers en Amazonie

« Les forêts tropicales présentent une opportunité majeure et un important challenge pour les défenseurs des stratégies politiques développementalistes. Leurs ressources naturelles abondantes et leurs vastes zones dépeuplées ont offert aux gouvernements du Tiers-Monde une apparente facilité pour aborder les problèmes sociaux, économiques, politiques et géopolitiques. Montrant peu ou pas de respect pour les conséquences à long-terme, beaucoup de pays se sont embarqués dans des programmes rapides et mal planifiés d'extraction des richesses et de peuplement pour maximiser les avantages immédiats. De telles stratégies, normalement poursuivies par une combinaison d'intérêts domestiques et étrangers, sont conduites dans des buts qui s'étendent de la simple production de matières premières bon marché et résultent à la pression sur les terres et aux conflits sociaux dans des régions de plus en plus étendues. Le Brésil a été un partisan majeur de cette approche et a cherché à utiliser l'Amazonie, la plus grande zone de forêt tropicale au monde, pour des intérêts de développement économique et d'intégration nationale[34] », Anthony Hall, *Developping Amazonia, Deforestation and social conflict in Brazil's Carajás programme*, Manchester, Manchester University Press, 1989.

[34] Citation originale : « Tropical rainforests present a major opportunity, and a major challenge, to development policy-makers. Their abundant naturel resources and vast areas of largely unpopulated land have offered Third World governments an apparently easy route for tackling a range of social, economic, political and geopolitical problems. Showing little or no regard for long-term consequences, many countries have embarked on rapid and poorly-planned programmes of wealth extraction and farmer resettlement with a view to maximizing immediate advantage. Such strategies, usually pursued by a combination of domestic and foreign interests, are driven by motives which range from the simple generation of foreign exchange or supply of cheap raw materials, to the diffusion of land pressures and social conflicts in longer-settled regions. Brazil has been a major proponent of this approach and has sought to use its vast area of Amazonian rainforest, the largest in the world, for the purposes of economic development and national integration ».

Pour analyser les effets des constructions de grandes usines hydroélectriques au Brésil, il est nécessaire d'étudier la manière et le contexte dans lequel le développement de l'Amazonie s'est imposé comme une nécessité dans la construction de la nation brésilienne centralisée. En effet, la construction des méga-usines hydroélectriques s'est faite dans le cadre d'une planification politique en cours depuis plusieurs décennies. Les gouvernements et régimes successifs ont mis en place des politiques de désenclavement et de développement de la région, dans le but d'intégrer ce grand territoire au reste du Brésil, mais aussi pour fournir de l'électricité aux mégapoles du Sud-Est. Néanmoins, ces politiques de grands financements n'ont pas été sans conséquences pour l'environnement et pour les populations déjà installées. Les contestations contre les grands barrages ont existé depuis les prémices de ces politiques développementalistes. Ces mouvements sociaux s'inspirant des courants de justice sociale et de socio-environnementalisme sont parvenus à faire émerger le sujet dans l'opinion publique. Mais le point culminant de ces protestations s'est organisé contre le projet Kararâo, futur barrage de Belo Monte. Dans ce chapitre, nous tâcherons de comprendre en quoi les politiques développementalistes ont transformé le territoire amazonien, et en quoi les investissements étrangers ont nourri les conflits de justice sociale en Amazonie.

L'analyse se concentre sur les transformations des politiques publiques développementalistes brésiliennes de 1945 à nos jours. Il retrace l'évolution de l'intégration des financements étrangers dans ces projets de barrages et montre que même s'ils répondent à une volonté financière, leur arrivée s'inscrit également dans un tournant politique libéral. Le chapitre étudie également en profondeur les contestations qu'ont provoqué ces grands investissements, et retracera l'historique des contestations hydroélectriques, notamment les contestations transnationales autour de l'usine de Belo Monte. Il s'agira aussi d'analyser la manière dont ces mouvements sociaux se sont constitués et comment ils sont parvenus à faire évoluer l'opinion publique et l'action publique.

A - Le développementalisme et l'ouverture des portes de l'Amazonie aux transnationales européennes

> « En effet, en tant que Brésilien, je m'élèverais tout simplement contre l'internationalisation de l'Amazonie. Quelle que soit l'insuffisance de l'attention de nos gouvernements pour ce patrimoine, il est nôtre. En tant qu'humaniste, conscient du risque de dégradation environnementale dont souffre l'Amazonie, je peux imaginer que l'Amazonie soit internationalisée, comme du reste tout ce qui a de l'importance pour toute l'humanité. Si, au

nom d'une éthique humaniste, nous devions internationaliser l'Amazonie, alors nous devrions internationaliser les réserves de pétrole du monde entier. Le pétrole est aussi important pour le bien-être de l'humanité que l'Amazonie l'est pour notre avenir. Et malgré cela, les maîtres des reserves de pétrole se sentent le droit d'augmenter ou de diminuer l'extraction de pétrole, comme d'augmenter ou non son prix », Cristovam Buarque, du Parti des Travailleurs (PT), sénateur et futur ministre de l'éducation dans un interview au Journal *O Globo* le 10 octobre 2010[35].

a) Le désenclavement de l'Amazonie sous la période autoritaire

Le développement de cette zone longtemps déconnectée des villes urbaines et de l'activité économique a fait l'objet depuis les années 1950 de stratégies gouvernementales d'intégration, de modernisation et de protection contre d'éventuels dangers pour la souveraineté nationale[36]. Ces grands plans d'envergure nationale ont connu plusieurs phases. Martine Droulers sépare ces phases de développement dans trois périodes distinctes[37] :

- Sous le régime populiste, 1930-1945 : centralisateur et autoritaire, le régime politique cherche à développer les industries dans les États clés de Rio de Janeiro, São Paulo et dans le Minas Gerais. Les zones du Nord et de l'intérieur du pays sont oubliées, au profit d'un développement du littoral du Sud-Ouest.

- Sous le régime démocratique libéral, 1946-1964 : l'activité économique se resserre autour de l'état de São Paulo tandis que la ville de Brasilia est édifiée pour concentrer le pouvoir politique. Le Nord du pays entame un processus de «sous-développement». Sous la présidence de Getúlio Vargas (1951-1954), le Brésil rural et agraire se développe. La politique, plus

[35] Citation originale : « Como brasileiro eu simplesmente falaria contra a internacionalização da Amazônia. Por mais que nossos governos não tenham o devido cuidado com esse património, ele é nosso. Como humanista, sentindo o risco da degradação ambiental que sofre a Amazônia, podia imaginar a sua internacionalização, como também de tudo o mais que tem importância para a humanidade. Se a Amazônia, sob uma ótica humanista, deve ser internacionalizada, internacionalizemos também as reservas de petróleo do mundo inteiro. O petróleo é tão importante para o bem-estar da humanidade quanto a Amazônia é para o nosso futuro. Apesar disso, os donos das reservas sentem-se no direito de aumentar ou diminuir a extração de petróleo e subir ou não o seu preço ».

[36] Antony Hall, « Introduction », *in* Antony Hall (dir.), *Global impact local action, New environmental Policy in Latin America,* Londres, Institute for the study of Americas, 2005, page 5.

[37] Martine Droulers, « Chapitre 6. Le projet national et ses contradictions spatiales », *in* Martine Droulers, *Brésil, une géohistoire.* Paris, Presses Universitaires de France, « Géographies », 2001, pp. 221-272.

libérale, se traduit par une liberté d'association avec de grands groupes économiques et le gouvernement envisage le financement public des secteurs de l'énergie et des transports. La banque de développement économique est fondée en 1952, Petrobras en 1953. Sous Juscelino Kubitschek (1961-1964) le Brésil urbain et industriel est mis en avant. Cela se traduit par une hausse des barrières douanières à l'importation, incitant le développement d'une industrie brésilienne, soutenue par l'incitation aux firmes multinationales d'investir dans le pays. Ainsi, la première phase de travaux de désenclavement de l'Amazonie prend forme avec la construction de l'axe routier Belém - Brasilia.

- Sous le régime autoritaire militaire, 1964-1985 : de grands projets de colonisation agricole et minière voient le jour, l'Amazonie est le troisième espace d'intégration sociale ? . Les régimes militaires successifs, poursuivant la politique développementaliste de la période précédente, souhaitent investir dans l'industrie lourde, la sidérurgie, la construction navale et l'énergie hydroélectrique lors de la période dite du «miracle économique», de 1968 à 1973[38]. L'objectif est de faire croître les exportations et de devenir une grande puissance industrielle[39]. C'est à cette période que les travaux pharaoniques de la construction de la transamazonienne verront le jour[40]. Le barrage d'Itaipu par exemple, seconde plus puissante usine hydroélectrique au monde, a été construit entre 1975 et 1982. Les «projets d'impact» étaient conçus dans les agences technocratiques rattachées au pouvoir central et n'étaient révélés seulement lorsqu'ils étaient prêts à être mis à exécution, indépendamment de toute évaluation ou consultation des populations, afin d'assurer la sécurité du territoire. Selon Martine Droulers « *sécurité nationale et contrôle géopolitique du territoire sont les maîtres mots à l'époque* ». Cette doctrine de la « sécurité nationale »[41] exerce une forte influence à cette période car on considère que le développement économique ne peut être assuré sans un minimum de sécurité. Les entreprises publiques développent leurs activités et refaçonnent des pans du territoire, comme à Carajás[42]. Sous

---

[38] Antony Hall, David Goodman, *The future of Amazonia: Destruction or sustainable development?*, Basingstoke, Palgrave Macmillan, 1990.

[39] Antony Hall, "Disentangling Eden: Getting Development Right in the Amazon", *European Review of Latin America and Caribbean Studies, n 73,* 2002, pp. 113-117.

[40] Lúcio Flávio Pinto, « Chapitre 10. Politique sur la frontière », *in* Jean-François Tourrand *et al.*, *L'Amazonie*, Paris, Editions Quæ « Hors collection », 2010, pp. 141-150.

[41] Définition selon Chirio Maud, *in* « Fêtes nationales et régime dictatorial au Brésil », *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, 2006/2 (nº 90), p. 89-108. : « La «doctrine de la sécurité nationale», est développée au début des années 1960 dans les secteurs conservateurs des états-majors des armées, notamment au sein de l'École supérieure de la guerre (ESG). Elle suppose l'existence d'ennemis intérieurs occupés à mener une « guerre totale » – armée, politique, psychologique – destinée à faire basculer la nation puis l'ensemble de l'Amérique latine, selon la théorie des dominos, dans le camp communiste».

[42] Anthony Hall, *Op. Cit.,* 1989.

Emílio Médici, (1969-1974) est créé le plan national de développement, qui affiche une volonté de faire du Brésil une grande puissance industrielle. Le plan de planification cherche à favoriser l'intégration de l'Amazonie et du Nord par des déductions fiscales, des programmes de colonisation légale et la création d'agence de développement[43]. Ernesto Geisel (1974-1979) introduit le second plan national de développement. Ici, un rôle primordial est accordé aux entreprises publiques dans les secteurs de l'énergie, des transports et de la communication. Le gouvernement cherche alors à faire croître les exportations par une recherche de l'autosuffisance.

Les plans de planification cherchent à favoriser l'intégration de l'Amazonie et du Nord par des déductions fiscales, des programmes de colonisation légale et la création d'agence de développement. Les agences gouvernementales, au niveau de chaque Etat, cherchent à répartir les terres. Elles pratiquent la parcellisation géométrique en dépit des contraintes environnementales et sociales[44]. Mais comme le souligne Martine Droulers et les autres chercheurs à propos de cette période développementaliste comme Anthony Hall, les agences publiques se trouvent souvent manipulées par les entreprises privées, à la recherche du profit immédiat. Les grands investisseurs, nationaux ou internationaux dominent finalement les enjeux développementaliste en marginalisant les acteurs et agences locaux, sans prendre en compte les populations locales ou les considérations environnementales[45]. À cette époque les inégalités se creusent entre les différents États et au sein même d'un territoire. En conséquence, de nombreux migrants du Nordeste s'installent le long de la transamazonienne pour participer à la mise en valeur agricole de la forêt. Martine Droulers conclut son chapitre traitant de cette époque par cette phrase : « *La richesse se concentre tandis que la pauvreté s'étend, profonde dans les campagnes, ségrégative dans les villes. La non-réduction des inégalités enferme la grande masse de la population rurale dans le cercle vicieux d'un exode de la misère vers les villes, entraînant la précarisation des conditions de vie pour les familles et les individus qui luttent pour ne pas se laisser marginaliser*».

b) Le programme d'accélération de la croissance et les PPP

Dans les années 1990, les investissements dans les mégaprojets développementalistes ralentissent. En cause, le mouvement socio-environnementaliste dont nous détaillerons la portée par la suite, mais aussi la chute de la balance commerciale brésilienne qui ne permet plus d'auto-

---

[43] Carlos Luiz Bresser-Pereira, *Development and Crisis in Brazil: 1930-1983,* Boulder, Westview press, 1984.

[44] Antony Hall, *Development without progress*, Manchester University Press, 1989.

[45] Stephen Bunker, *Underdeveloping the Amazon. Extraction, unequal exchange, and the failure of the Modern State,* Chicago, The University of Chicago Press, 1985.

financer les entreprises publiques. La crise économique couplée à de nombreuses contestations sociales contre les grands barrages rend difficile la réalisation des grands chantiers publics. Mais la demande en énergie se fait de plus en plus pressante, particulièrement pour les mégalopoles particulièrement énergivores du Sud-Est. La saturation commence dans les années 2000, où les autorités organisent un rationnement de l'électricité[46]. En 2004, sous la présidence de Luiz Ignacio Lula da Silva, est créée l'EPE (Entreprise de Planification Énergétique). Cette agence gouvernementale est en charge de planifier une production puis une distribution de l'énergie sur l'ensemble du territoire. L'hydroélectricité est au centre du plan pour augmenter massivement les productions d'électricité. Ainsi, le gouvernement réoriente sa politique de développement et réaffirme sa volonté de financer les mégaprojets amazoniens. Après l'inauguration du projet de Belo Monte prévue, à l'époque, en 2008, l'EPE prévoit la construction de plusieurs dizaines de centrales le long des fleuves Xingu, Madeira, Trombetas, São Francisco ou Tapajós.

La BNDES, banque nationale pour le développement, ne possède cependant pas les fonds pour financer seule les projets tels que celui de Belo Monte. En 2007, le président Lula initie un grand plan de restructuration de l'économie brésilienne, le PAC (Programme d'accélération de la croissance)[47], qui a été prolongé par Dilma Rousseff et prévoit notamment la reprise de la construction du barrage de Belo Monte. Ce programme économique constitue un cas intéressant de transformation des missions et des actions auparavant attribuées aux pouvoirs publics. Le PAC s'appuie sur des capitaux privés pour financer des gros travaux d'infrastructure. L'objectif affiché est l'amélioration des conditions de vie des brésiliens les plus modestes en leur apportant énergie, emplois et en développant les régions isolées. Mais ce programme a suscité des controverses relatives au financement privés des mégaprojets, accusant le gouvernement du Parti des Travailleurs de se rapprocher dangereusement du marché capitaliste. Le PAC s'appuie sur le modele économique des PPP (partenariats public-privé)[48], théorisé dans les années 1980 par les théoriciens libéraux.

Le modèle s'exporte au Brésil en 2003, lors d'une réunion entre la Banque mondiale, le ministère des Relations extérieures, la SENAI (Confédération nationale des industries brésiliennes) et la BNDES. Ces parties prenantes mettent à jour la loi qui cadre ces partenariats,

---

[46] François-Michel Le Tourneau, « Fiabilité, propreté, coût : les défis du secteur de l'électricité au Brésil », *Problèmes d'Amérique latine* n.4 (N° 95), 2014, pp. 57-78.

[47] Maria Chaves Jardim, « L'État et le Marché dans le Brésil contemporain (2003-2012) : Le Programme d'Accélération de la Croissance (PAC) », *Problèmes d'Amérique latine*, (N° 94), 2014, pp. 11-24.

[48] Au sens de Pierre-Louis Mayaux, *Op. Cit.*, 2015 : «Les « partenariats public-privé » (PPP) renvoient ici à tout type d'arrangement contractuel associant un principal (public) et un agent (privé), et indexant directement la rémunération de l'agent sur ses performances. Il s'agit donc d'une forme de privatisation, entendue au sens large, comme tout processus d'accroissement du rôle du secteur privé dans les choix d'allocation des ressources».

et qui est donc le fondement du PAC, né en 2007. Les projets sélectionnés dans le cadre du programme sont ouverts aux investissements privés et internationaux par appel d'offre. Les firmes multinationales financent un consortium souvent associé à une entreprise en partie publique, Eletrobras pour le secteur énergétique, devient pleinement actionnaire du projet mais ne verra pas son nom apparaître. C'est ainsi que GDF-Suez est devenu le plus gros producteur d'électricité au Brésil. Lorsque Dilma Rousseff accède au pouvoir, elle continue à developper le PAC, financé par les PPP. Ce programme sera développé en six programmes : l'énergie, les transports, le développement urbain, «Minha casa mina vida», « Luz para todos » et « communauté citoyenne ».

c) Rio 1992 et la prise de conscience du développement durable

Comme nous avons pu le résumer dans les parties précédentes, l'Amazonie brésilienne est, depuis les années 1940, vue comme un territoire à désenclaver et à developper. Ses ressources ont longtemps été considérées comme d'indispensables outils pour faire du Brésil une importante puissance industrielle. Les politiques de colonisation légales mises en place dans les années 1970 ont considérablement fait croître la population de cette zone. Moins de 7 millions de brésiliens habitaient en Amazonie légale dans les années 1960, ils sont aujourd'hui plus de 20 millions[49]. Cette augmentation démographique a contribué progressivement à l'accroissement de la déforestation. Particulièrement sous le régime des militaires, mais aussi jusque dans les années 1980, les gouvernements semblaient davantage préoccupés par le développement économique que par la réduction de la taille de la forêt amazonienne.

Cependant, dès le début des années 1990, cette déforestation commence à être contrôlée. Cela coïncide avec l'organisation de la Conférence des Nations Unies sur l'environnement et le développement qui s'est tenue à Rio de Janeiro en 1992. Le gouvernement brésilien, alors soucieux de son image dans l'opinion publique internationale, des conséquences diplomatiques, et donc sur ses exportations[50] décide de se façonner le rôle de protecteur de l'Amazonie. Le retournement de paradigme dans les considérations environnementales n'est pas seulement du à l'organisation de la conférence de 1992. Le contexte politique nationale de retour à la démocratie était favorable à une meilleure prise en compte de ces enjeux. Le développement des ONGs sensibles aux questions environnementales et la diffusion de leurs campagnes à l'international a également permis à l'opinion internationale d'être sensibilisée à ces questions.

---

[49] Martine Droulers, *L'Amazonie. Vers le développement durable,* Paris, Armand Colin, 2004.

[50] Anthony Hall, *Op. Cit.,* 1997.

Les chercheurs en politiques environnementalistes nomment la période 1981-2005 de « constituante environnementale » pour le Brésil[51]. 1981 marque la création du ministère de l'environnement, qui deviendra en 1989 l'actuel IBAMA. À cette période, il faut alors osciller entre la protection de l'environnement et le développement du territoire. C'est ce que Carlos Milani appelle le conflit commerce-environnement[52]. Le compromis trouvé est la constitution d'aires protégées (UC, ou Unités de Conservation), un moyen de contrer la déforestation sans empêcher la construction de mégaprojets sur le reste des territoires. Mais ce n'est qu'en 1988, après l'assassinat de Chico Mendes, que le gouvernement brésilien supprimera les allocations financières attribuées pour s'installer et cultiver la terre en Amazonie[53].

Dans les années 1990, le mouvement devient alors « socio-environnementaliste » en prenant également en compte les problèmes économiques et sociaux de la région. Pour ce mouvement, les questions environnementales et de justice sociale sont intrinsèquement liées[54]. C'est également à cette époque que s'accélère la propagation du paradigme du développement durable dans le monde[55] grâce au rapport Bruntland, qui prône un développement économique et social soucieux de la préservation de l'environnement. Les politiques publiques brésiliennes continuent de se concrétiser, en gardant toujours une place pour la lutte contre la déforestation. Le rôle du Brésil est alors ambigu : le gouvernement prône la protection de la forêt tout en soutenant activement l'*agrobusiness* et faisant la promotion des ressources qu'offrent l'Amazonie sur les marchés internationaux[56].

Néanmoins, les principaux théâtres de lutte de ces politiques « socio-environnementalistes » sont les mégaprojets hydroélectriques, et parmi eux particulièrement l'usine de Kararaô. Les usines de Tucuruí, et de Kararaô sont sous les feux des projecteurs à la conférence de Rio de Janeiro. Les groupes mobilisés s'organisent et reçoivent le soutien massif des organisations internationales et

---

[51] Moïse Tsayem Demaze, Jean-Marie Fotsing, « La déforestation tropicale dans le contexte de mondialisation des risques écologiques : outils d'évaluation et de suivi », *in* Gilbert David (dir.), *Espaces tropicaux et risques. Du local au global*, Orléans, Presses universitaires d'Orléans et IRD, 2004, pp. 431 - 444.

[52] Carlos Milani, « Les rapports commerce-environnement et les dangers de l'écoprotectionnisme », *Cahiers des Amériques Latines,* n.20, Paris, IHEAL, 1995.

[53] Martine Droulers, Céline Broggio, « Chapitre III. L'Amazonie à l'heure du développement durable », *in Le Brésil,* Paris, Presses Universitaires de France, « Que sais-je ? », 2017, p. 103-120.

[54] Henri Acselrad, « Grassroots Reframing of Environnmental Struggles in Brazil», *in* David Carruthers, *Environnmental justice in Latin America*, London, MIT Press, 2008, pp.75-97.

[55] Catherine Aubertin, Franck-Dominique Vivien (dir.), *Le développement durable : enjeux politiques, économiques et sociaux,* Paris, La Documentation française et IRD Éditions, 2006.

[56] Moïse Tsayem Demaze, « Quand le développement prime sur l'environnement : la déforestation en Amazonie brésilienne », *Mondes en développement n.*3 (n° 143), 2008, p. 97-116.

de partis politiques, comme le Parti de Travailleurs (PT)[57]. Le parti politique apporte son soutien à l'Institut socio-environnemental (ISA - Institut Socio-environnemental) ou au MAB. Marina Silva sera au devant de la scène pour contester ce mouvement de justice environnementale et soutenir les mobilisations sociales. C'est elle que Luiz Ignacio Lula Da Silva choisira pour le portefeuille du ministère de l'environnement en 2003. Elle organise des forums de consultations publiques, et multiplie les outils de démocratie participative. Mais rapidement, c'est ce même parti qui se ralliera aux pressions des industriels et nommera un ministre de l'énergie du PMDB (Parti du Mouvement Démocratique Brésilien) de centre-droit, Silas Rondeau Silva en 2005. Ce dernier, succédant à Dilma Rousseff, est favorable au programme hydroélectrique amazonien. Il noue des liens privilégiés avec les dirigeants d'entreprises brésiliennes et les firmes transnationales. Dans le même temps, le PAC mis en place par le gouvernement Lula Da Silva s'inspire des principes libéraux pour developper les PPP et relancer le développement énergétique. Cependant, ce n'est pas la fin des politiques socio-environnementales au Brésil. Pour certains chercheurs[58], cette phase sous le gouvernement du PT se qualifie de « nouveau-développementalisme ». Les gouvernants, d'inspiration plus marxiste, sont favorables au développement économique et aux grands aménagements au nom d'une certaine idée du progrès et de la distribution des richesses pour les masses populaires. Ce courant s'illustre par le programme «Lumière pour tous[59]», en 2003, alors que Dilma Rousseff est ministre de l'énergie. Ce programme défend la construction des usines hydroélectriques, dans le but d'apporter l'énergie à tous les brésiliens, y compris dans les zones rurales. Dilma Rousseff continuera cette politique de « nouveau-développementalisme » sous sa présidence (2011-2016).

Il est encore trop tôt pour juger des politiques environnementales sous le gouvernement de Michel Temer (2016-…). Cependant, au début du mois de janvier 2018, le gouvernement a annoncé la fin des politiques de mégaprojets hydroélectriques au Brésil[60]. La raison officielle est une réponse aux contestations en cours depuis plusieurs décennies et une volonté de protéger l'environnement en développant l'énergie solaire. Mais ce changement de cap est, pour certains, plutôt une conséquence des procédures du Lava Jato ayant largement impliqué les dirigeants des grandes entreprises publiques comme Eletrobras. Les scandales de corruption ont affaibli les

---

[57] Céline Broggio *et al.*, « Les barrages hydroélectriques amazoniens, un enjeu de géopolitique interne au Brésil », *Hérodote,* n.2 (N° 165), 2017, pp. 185 - 203.

[58] Lecio Morais, Alfredo Saad-Filho, «Da economia política à política econômica : o novo-desenvolvimentismo e o governo Lula », *Revista de Economia Política*, vol. 31, no 4 (124), 2011, pp. 507 - 527.

[59] Nom original du programme : « Luz para todos ».

[60] Annonce faite dans les médias. Une analyse synthétique peut être lue sur le site de *Mongabay :* https://news.mongabay.com/2018/01/brazil-announces-end-to-amazon-mega-dam-building-policy/

ressources financières des entreprisses brésiliennes qui n'ont plus les capacités de financer ces projets. Les licences seront donc cédées aux firmes multinationales privées.

B - Belo Monte, épicentre de la controverse sur les constructions en Amazonie

> « Nous, peuples indigènes du Xingú, ne voulons pas de Belo Monte. Nous, les 62 leaders indigènes des villages de Bacajá, Mrotidjam, Kararaô, Terra-Wanga, Boa Vista Km 17, Tukamã, Kapoto, Moikarako, Aykre, Kiketrum, Potikro, Tukaia, Mentutire, Omekrankum, Cakamkubem et Pokaimone, avons déjà subi de nombreuses invasions et affronté de nombreux dangers. La forêt est notre épicerie, la rivière notre marché. Nous ne voulons pas que les cours d'eau du Xingú soient envahis et que nos villages et nos enfants, qui seront élevés selon nos coutumes, soient en danger. Nous ne voulons pas du barrage hydroélectrique de Belo Monte car nous savons qu'il n'apportera que destruction. […] Nous ne pensons pas qu'au seul niveau local, mais à toutes les conséquences destructrices de ce barrage : il attirera encore plus d'entreprises, plus de fermes, il favorisera l'invasion de nos terres, les conflits et même la construction de nouveaux barrages. Nous avons déjà prévenu le gouvernement que si la construction du barrage avait lieu, la guerre serait déclarée et il en porterait la responsabilité. […] Le gouvernement n'a pas compris notre message et, une fois de plus, a nargué les peuples indigènes, assurant qu'il construirait le barrage coûte que coûte. Le monde entier doit savoir ce qui se passe ici, il doit se rendre compte à quel point la destruction des forêts et des peuples indigènes signifie sa propre destruction. […] C'est pour ces raisons que nous ne voulons pas de Belo Monte. Ce barrage signifie la destruction de notre peuple. En conclusion, nous proclamons que nous sommes décidés, que nous sommes forts, que nous sommes prêts à nous battre et que nous nous souvenons des termes de la lettre qu'un Indien d'Amérique du Nord avait jadis envoyé à son président : 'C'est seulement lorsque l'homme blanc aura détruit la forêt entière, lorsqu'il aura tué tous les poissons et tous les animaux et aura asséché toutes les rivières qu'il s'apercevra que personne ne peut manger l'argent », Cacique Bet Kamati Kayapó, Cacique Raoni Kayapó et Yakareti Juruna, pour une pétition demandant l'appui des organisations internaltionales[61].

a) Le projet Kararaô à l'étude sous le régime autoritaire

1975 a été une année de grandes transformations dans la vallée du Xingu. Le passage de la transamazonienne dans la région est inauguré en 1972, mettant à jour le potentiel énergétique et mercantile des ressources naturelles de la région. En 1975, les travaux du barrage de Tucuruí commencent sur le fleuve Tocantins, voisin du Xingu. La même année, Eletronorte, entreprise

[61] Lettre originale en Annexe 2 : http://raoni.com/actualites-57.php

nationale d'énergie électrique pour le Nord du pays, créée deux ans plus tôt, commande des études sur la viabilité de l'exploitation du potentiel énergétique du fleuve Xingu. Cette étude fait partie du programme de développement[62] du général Ernesto Geisel (1974-1979). Quatre ans plus tard, le rapport conclut à un potentiel important sur le fleuve et recommande la construction de six usines hydroélectriques, dont la plus importante se nomme Kararaô. Pour la mise en service de ce vaste chantier, il sera nécessaire d'inonder avec le réservoir, 20000 kilomètres carrés de terres, incluant des terres indigènes, des villes encore peu développées et une grande partie de la forêt amazonienne[63]. Le début de la construction était prévu en 1993. En 1984, le projet reçu le soutien de la Banque Mondiale, qui fut décisif pour mener à bien le développement énergétique du pays.

Les protestations contre le projet se sont rapidement formées. En 1988, trois caciques des tribus concernées par les inondations sur leurs territoires font le déplacement à Washington, accompagnés d'anthropologues, pour établir un dialogue avec la Banque Mondiale et les ONGs de défense environnementale. À leur retour, les trois caciques sont emprisonnés pour «interférence dans la sécurité nationale»[64]. La même année, la Commission Pro-Indíos, association militant pour la reconnaissance des droits indigènes et *quilombolas* publie un livre collectif intitulé « *Les usines hydroélectriques du fleuve Xingu et les peuples indigènes*[65]». La contestation, revendiquée dans un premier temps par les populations indigènes, commence alors à prendre de l'ampleur. Mais l'événement le plus marquant de cette contestation se déroule à Altamira en 1988. La tribu Kayapó, accompagnée d'anthropologues organise une grande réunion pour contester le projet de barrage. L'événement de 5 jours attire plus de 600 indigènes, bien plus de journalistes, le chanteur Sting, des parlementaires européens et reçoit le soutien du Pape Jean-Paul II. Quelques semaines plus tard, le prêt de la Banque Mondiale pour financer le méga projet hydroélectrique est gelé[66]. La photo de Tuíra, cacique indigène menaçant le directeur d'Eletrobras d'une machette a été mondialement diffusée par les médias internationaux et ONGs.

---

[62] Nom original du programme : « II Plano Nacional de Desenvolvimento ».

[63] Antonio Carlos Magalhães, « Índios e barragens: a complexidade étnica e territorial na região do médio Xingu », *in,* Oswaldo Sevá (dir.) *Tenotã-Mõ. Alertas sobre as consequências dos projetos hidrelétricos no Xingu,* São Paulo, International Rivers Network, 2005, pp. 255-265.

[64] Felicio Junior Pontes, Jane Beltrão, « *Xingu, barragens e nações indígenas » in,* Oswaldo Sevá (dir.) *Tenotã-Mõ. Alertas sobre as consequências dos projetos hidrelétricos no Xingu,* São Paulo, International Rivers Network, 2005, pp. 74-90.

[65] Titre original : « As Hidrelétricas do Xingu e os Povos Indígenas ».

[66] Terence Turner, « An Indigenous Peolple's struggle for socially Equitable and Ecologically Sustainable Production : The Kayapó Revolt against Extractivism », *Journal of Latin American Anthropology,* 1995.

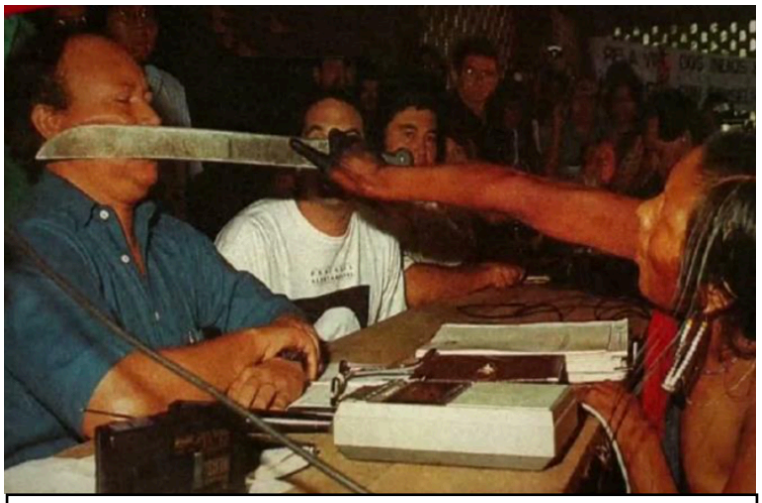


Image 3 : La membre de la tribu Caiapós, Tuíra, menace José Antônio Muniz Lopes à Altamira en 1989. Auteur inconnu.

Selon Marianne Schmink et Charles Wood[67], si la mobilisation contre le projet Kararâo a eu autant de répercussions c'est qu'elle correspondait aux attentes d'un nouveau débat émergeant particulièrement aux Etats-Unis. En effet dans les années 1980, l'inquiétude monte face aux menaces des scientifiques et climatologues sur le dérèglement du climat et sur les effets de la déforestation[68]. Le combat contre le projet Kararâo au niveau local coïncide avec une prise de conscience états-uniennes sur la nécessaire conservation de la foret amazonienne. Cet événement a également permis aux associations brésiliennes comme le MAB ou l'ISA d'acquérir de la légitimité, et de mobiliser plus largement au niveau national. Symboliquement, le directeur d'Eletrobras annonce le changement de nom du projet d'usine hydroélectrique et la décision d'abandonner définitivement l'usage de noms indigènes pour ce type de mégaprojets. La Banque Mondiale ne financera plus aucune usine hydroélectrique en Amazonie.

Image 4 : Sting à la contestation contre le projet Kararaô à Altamira en 1989. Auteur inconnu.

[67] Marianne Schmink, Charles H. Wood, « Contested Frontiers in Amazonia », *Journal of Latin American Studies*, Vol 26, 1994.

[68] Stefan Aykut, Amy Dahan, *Gouverner le climat ? Vingt ans de négociations internationales*, Paris, Presses de Sciences Po (P.F.N.S.P.), « Références », 2015.

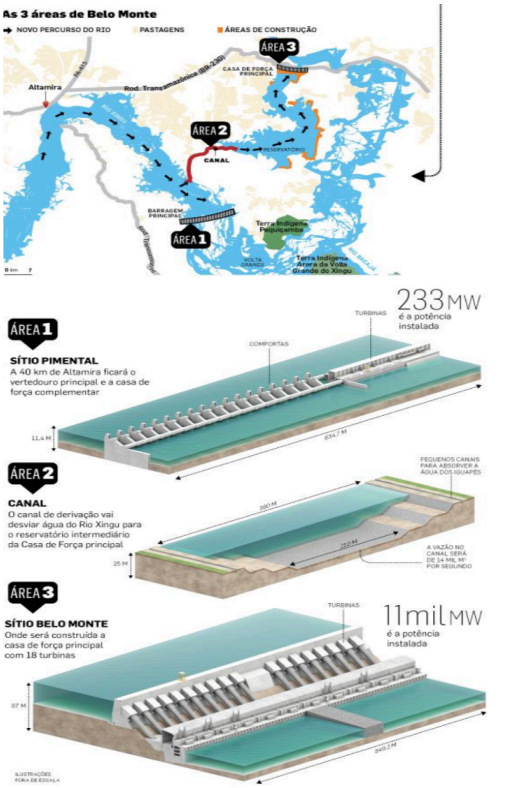


Schéma 1 : Schéma des trois sites de Belo Monte et leurs considérations techniques. Source : Renée Pereira, « Hidrelétrica de Belo Monte divide aldeias no Xingu », Journal *Estadão*, 4 janvier 2015.

b) La reprise du projet sous le nom de Belo Monte

C'est n'est qu'en 1994, qu'Eletrobras reprend le projet de barrages dans la vallée du Xingu. En 2000, le projet prend le nom que l'on connaît aujourd'hui : Belo Monte. Pour Antônia Melo du mouvement Rio Xingu Vivo Para Sempre, ce changement de nom est seulement une manière de tromper les populations mobilisées en 1989 et l'opinion publique. Cependant, en plus du changement de nom, Eletrobras dévoile un projet novateur sans réservoir, appelé « barrage au fil de l'eau ». Cette technologie permet d'éviter l'inondation de la terre indigène Paquiçamba[69]. Ce changement a eu comme objectif de faciliter l'obtention de la licence environnementale par l'IBAMA. Mais sans le soutien de la Banque Mondiale, la construction du barrage est difficilement soutenable par Eletrobras. Comme décrit dans le premier chapitre, c'est sous la présidence de José Sarney (1985-1990) et d'Itamar Franco (1992-1995) du PMDB (Parti du Mouvement Démocratique Brésilien) que le ministère de l'économie fait la promotion du potentiel énergétique de l'Amazonie auprès de grands groupes industriels notamment européens.

En 2001, le Conseil National de politique énergétique (CNPE - Actuellement ANEEL - Agence Nationale d'énergie électrique), l'agence du ministère de l'énergie, publie un rapport déclarant Belo Monte projet national d'intérêt stratégique. Pour Lucio Flavio Pinto, ce statut spécial conféré par le ministère indique une volonté gouvernementale de réaliser le projet quoiqu'il en coûte[70]. À partir de ce moment, le CNPE a travaillé à anticiper les entraves juridiques que doit surmonter Eletrobras pour construire l'usine.

Selon les mobilisés que nous avons rencontré à Altamira, à partir des années 2000, le consortium a engagé des sociologues de l'action collective, pour étudier et connaitre le champ d'action des mobilisations sociales contre l'usines : ONGs spécialisées, sénateurs et députés opposés au projet,

---

[69] Le projet de Belo Monte n'inonde effectivement pas la terre Paquiçamba mais depuis l'inauguration de 2015, la terre indigène devient une île en période de pluie, et n'a plus d'accès au fleuve Xingu en saison sèche.

[70] Lucio Flavio Pinto, « Grandezas e misérias da energia e da mineração », *in*, Oswaldo Sevá (dir.) *Tenotã-Mõ. Alertas sobre as consequências dos projetos hidrelétricos no Xingu*, São Paulo, International Rivers Network, 2005, pp. 95-113

syndicats, caciques indigènes…L'objectif est de connaitre en amont les potentielles résistances qu'allaient devoir surmonter Eletrobras et les firmes multinationales associées.
Le PT (parti des Travailleurs) a, dans les années 1990, largement milité contre les mégaprojets hydroélectriques en Amazonie. Mais en 2002, le futur président Luís Inácio Lula Da silva (2003-2011) fait de la réduction des carences énergétiques un des thèmes majeurs de campagne. Après son élection, Lula Da Silva se ralliera complètement aux préfets et députés du Pará militant pour la construction du projet.

En 2005, le projet est validé par le Congrès, faisant de la construction de la troisième plus grande usine hydroélectrique au monde non plus un projet, mais une réalité. Ce nouveau projet prévoyait l'inondation de 700 kilomètres carrés, principalement à Altamira. L'usine hydroélectrique de Belo Monte pré-approuvée par le congrès se découpe en trois sites comme décrit dans le schéma 2 : le premier barrage de Pimental, à 40 kilomètres d'Altamira, qui contrôle le niveau du fleuve Xingu ; le canal permettant un contrôle des inondations en période de pluie ; le site de Belo Monte produisant l'énergie hydroélectrique.
En 2007, le président Lula initie un grand plan de restructuration de l'économie brésilienne, le PAC [Programme d'accélération de la croissance][71], qui prévoit des investissements dans les infrastructures de transports, d'énergie, et d'assainissement. Le PAC s'appuie sur des capitaux privés pour financer des gros travaux d'infrastructure, tout en soutenant la création d'emplois permettant le développement des régions isolées. Ce programme de croissance sera renouvelé sous la présidence de Dilma Rousseff (2011-2016).
En 2008, a eu lieu la deuxième rencontre des peuples indigènes d'Altamira, réunissant organisations sociales, ONGs environnementalistes et caciques indigènes. Mais cet événement a eu beaucoup moins de répercussions que la première rencontre de 1988. Dès l'année suivante, l'Étude d'Impact Environnementale (EIA), analyse technique des impacts du barrage, voit le jour et recense les différents impacts que provoqueront la construction de l'usine ainsi que le nombre d'impactés. L'EIA a été réalisé par Leme, filiale du groupe GDF-Suez.

c) Un passage en force

Afin que la licence de construction soit autorisée par le gouvernement fédéral et le ministère de l'environnement brésilien (IBAMA), l'entreprise réalisant l'infrastructure doit fournir une liste de compensations sociales, environnementales et financières pour atténuer l'impact du mégaprojet. Cette obligation juridique a été introduite en 1986 dans le droit brésilien,

[71] Maria Chaves Jardim, *Op. Cit,* p.17.

s'inspirant de l'initiative du ministère de l'écologie français, pour l'organisation d'audiences publiques qui donnent le droit aux communautés d'afficher leurs griefs sur les projets les concernant. Cette liste de programmes et de projets de développement est appelé le PBA (Projet Environnemental de base). L'entreprise doit fournir un deuxième PBA dès lors que le projet peut menacer des territoires indigènes, et doit être rédigé en accord avec la population locale impactée, qui doit être régulièrement consultée. Si la licence est délivrée l'entreprise s'engage alors à respecter ces obligations. Le respect de ces compensations est assuré par l'IBAMA, la FUNAI, Fondation nationale de l'indien (organe gouvernemental indépendant créé en 1967) pour le PBA indigène, le ministère de l'éducation, de la santé ou tout organe gouvernemental concerné.

Carte 1 : Positionnement du barrage de Belo Monte et villes impactées. Source : Norte Energia.

Pour la licence de Belo Monte, le consortium Norte Energia a délivré son premier PBA en 2009, avec 45 programmes de compensations et 87 projets de développement. Après publication de l'EIA (Étude d'Impact Environnemental) et du RIMA (Rapport sur l'impact environnemental, plus technique que l'EIA), conformément aux lois brésiliennes, à la Constitution de 1988 ainsi qu'aux traités internationaux, le consortium a 45 jours pour organiser des consultations publiques.

Cependant, une série d'irrégularités ont été constatées concernant la tenue de ces audiences publiques. La déclaration de l'Organisation des Nations Unies pour la reconnaissance des droits des populations indigènes (UNDRIP) reconnait une obligation pour les États signataires de mettre en place un processus de consultation des populations touchées, notamment indigènes, dès lors qu'un projet aura un quelconque impact sur leur territoire. Le Brésil est signataire de cette déclaration depuis 2007, de plus, la constitution brésilienne de 1988 garantit aux populations indigènes la reconnaissance et la protection de leur terre ainsi qu'un accès garanti à

la justice, dans les articles 231[72], 232[73] et 67[74]. Cependant, à la fois l'OIT[75], et l'ONU[76], ont exprimé leurs doutes sur le projet de Belo Monte et ont accusé le Brésil d'avoir failli à son devoir d'information et de consultation des populations affectées par le méga-projet.
Les documents ont été en réalité distribués quelques jours seulement avant la tenue des réunions. Seulement 36 rapports ont été distribués à Altamira[77], rendant la consultation des données par tous les groupes difficile. Quatre réunions publiques ont été organisées, dans quatre villes différentes : Brasil Novo, Vitória do Xingu, Altamira et Belém. Mais la capacité d'accueil des salles réquisitionnées ne permettaient pas de recevoir toutes les parties prenantes. Comme nous l'a expliqué Thaís Santi, rencontrée le 6 mai 2017, procureur de la République à Altamira, la réunion pouvait accueillir seulement 100 personnes dans la salle, elle-même n'a pas pu y assister. Pour la procureur, également docteur en philosophie, il s'agit dune négation de la démocratie, excluant les principes de participation. Les réunions publiques ont été organisées uniquement pour se dédouaner d'éventuels problèmes avec la justice, et absolument pas pour prendre acte des revendications de chaque groupe impacté. Le MPF (Ministério Público Federal) a alors présenté une action en justice pour exiger la tenue de nouvelles consultations publiques et garantir le droit à l'information, et le droit d'être consulté. Pour elle, ces contestations étaient vues non comme un droit, mais comme une tentative d'empêcher le développement économique nécessaire au Brésil. Suite à la demande du MPF, l'IBAMA a suspendu temporairement la licence de construction. Les audiences publiques ont été de nouveau partiellement organisées en 2010, et le projet de Belo Monte a définitivement reçu son permis de construire.

Au cours de la construction de l'usine, le consortium Norte Energia a été condamné trois fois par l'IBAMA, pour non-respect des normes environnementales en vigueur : mort de plusieurs tonnes de poissons causée par la pollution du fleuve, non-respect des conditions de respect de la biodiversité, absence d'égouts dans les nouveaux quartiers construits par Norte

---

72 Article original : « *São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens* ».

73 Article original : « *Os índios, suas comunidades e organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e interesses, intervindo o Ministério Público em todos os atos do processo* ».

74 Article original : « *A União concluirá a demarcação das terras indígenas no prazo de cinco anos a partir da promulgação da Constituição"* ».

75 Organisation Internationale du Travail, (2012). *Committee of Experts on the Application of Conventions and Recommendations, Comments on Brazil.* Genève : OIT.

76 Human Right Council for the United Nations. (2015), *Hydroelectric dams and violations of indigenous peoples' right to free, prior and informed consent in the Brazilian Amazon*, Genève: OHCHR. En annexe 4.

77 Daniel Zugman, « O Dever de Consulta aos Povos Indígenas e a Construção Da Usina De Belo Monte», *Revista Discente GV,* n. 03, 2013, pp. 94 - 106.

Energia, construction illégale d'une ligne de transmission dans une zone protégée. Le ministère enquête toujours aujourd'hui sur d'autres actions illégales réalisées durant la construction, ou pour condamner l'entreprise pour non respect des conditions du PBA (Projet Environnemental de base).

Si la condamnation du consortium a été possible, c'est grâce à la pression exercée par les associations militantes au niveau local et au niveau international. L'association états-unienne International Rivers par exemple, a publié en 2009 une analyse critique des études d'impact réalisées par Leme[78]. Cette analyse complète a été réalisée par un panel de biologistes, ingénieurs, anthropologues ou même spécialistes de santé publique, il a été largement diffusé au niveau national et international. Ce rapport a permis de rendre public les impacts environnementaux du barrage de Belo Monte et pérenniser la mobilisation d'une frange importante d'associations contre la construction.

Malgré d'importantes mobilisations de la part d'acteurs internationaux, d'agents de la justice brésilienne et des populations impactées, le barrage a été partiellement inauguré le 5 mai 2016 par Dilma Rousseff, peu de temps avant sa destitution.

C - Conflits permanents de distribution des richesses dans les projets de barrages

> « Les décisions de ne pas faire un barrage sont rares et pas très convaincantes. Elles sont en effet prises dans des circonstances confuses, au sujet desquelles nous manquons d'informations. Les décideurs, qui n'associent pas leurs opposants, considèrent souvent ces résistances comme provisoires, sans le dire. Il suffira d'attendre que le vent tourne, tant il est difficile, pour les insurgés, de rester mobilisés pour garantir les conditions de leur bien-être actuel, qui leur seront arrachées pour augmenter celui de millions de personnes qui appuient sur les interrupteurs de leur propre bien-être, parfois à des milliers de kilomètres de là », Christian Caubet, professeur de droit à l'université de Santa Catarina, mobilisé contre la construction des méga-usines hydroélectriques[79].

---

[78] International Rivers, Análise Crítica do Estudo de Impacto Ambiental do Aproveitamento Hidrelétrico de Belo Monte, 2009. Disponible en ligne : https://www.internationalrivers.org/sites/default/files/attached-files/belo_monte_pareceres_ibama_online_3.pdf

[79] Christian Caubet, *Op. Cit.*, 2012.

a) *Les conflits de justice sociale contre les grands barrages*

Comme Christian Caubet le montre, le soulèvement social contre les grands projets de barrages n'est pas évident. Les groupes impactés, souvent minoritaires et disposant de peu de ressources, ont du mal à faire face à de grands groupes industriels et à des politiques publique de telle ampleur. Pour Andréa Zhouri, chercheuse en sociologie à l'Université Fédérale du Minas Gérais (UFMG), la mobilisation contre les usines hydroélectriques est un exemple des combats pour la justice sociale, qu'elle définit comme suit :

> « Face au discours hégémonique du développement, la notion de justice environnementale vise à dépasser celle de rationalité économique, en proposant une justice qui n'intègre pas seulement la repartition égalitaire des parts. La notion d'équité ne se rapporte pas uniquement à l'évaluation monétaire, à la comptabilité des ressources ou encore à l'équivalence des besoins. Elle introduit la reconnaissance de signifiants culturels distincts attribués au territoire, ce qui la lie aux principes de diversité et de démocratie. Dans cette perspective, le conflit que fait naître l'installation de centrales hydroélectriques est un exemple de combat pour la justice environnementale. Il rend compte de la bataille pour la réappropriation sociale de la nature, pour l'affirmation de projets sociaux et économiques alternatifs incluant les nombreuses significations des mots richesse et développement[80]».

Les mouvements sociaux formés contre les grands barrages au Brésil ont difficilement émergés dans le débat public. Ce n'est qu'à partir de la manifestation d'Altamira en 1989 que les médias se sont emparés de la question. Cependant, le barrage de Belo Monte n'est pas le seul ayant généré des contestations sociales. Cette partie s'attarde sur d'autres contestations sociales que certaines constructions de barrages ont pu provoquer, afin de mieux comprendre les dynamiques à l'oeuvre dans ces conflits de justice sociale.

- São João Marcos

Certaines recherches émergentes soulignent la naissance de maigres contestations dès les années 1950, notamment avec la disparition de la ville de São João Marcos dans l'État de Rio de

[80] Andréa Zhouri, Raquel Oliveira« Développement et violence sociale dans le Brésil rural : le cas des barrages hydroélectriques », *Ecologie & politique* n.1 (N°35), 2008, pp. 133-145.

Image 5 et 6 : La place centrale de São João Marco en 1930 à gauche, de nos jours à droite. Source : Danielle Feteira Soares, Dilma Andrade de Paulo, *Para não esquecer: a destruição da cidade de São João Marcos (1941-43), Encontro Ciências Sociais e Barragens,* UFBA..

Janeiro[81]. La ville a connu un certain succès économique grâce à sa situation géographique idéale entre les productions de café et les ports d'exportation. Seulement, la ville de Rio de Janeiro ayant connu une première crise énergétique dans les années 1930, Gétulio Vargas (1951-1954) décide d'augmenter la taille du réservoir du barrage adjacent en 1940. La ville est inondée et est aujourd'hui un site archéologique. Les 4500 habitants de l'époque ont protesté, mais leurs revendications individuelles n'ont pas été prises en compte face au besoin immédiat de production électrique.

- ***Itaipu et Tucuruí***

Dans les années 1970, Eletrobras amorce la construction de deux centrales à grande capacité: Tucuruí au Pará et Itaipu, entre le Paraguay et le Brésil. Les deux usines ont été inaugurées en 1984. Elles ont pour objectifs de régler les problèmes d'approvisionnement en électricité des grandes metropoles.

Itaipu, sur le fleuve Parana, était pendant plus de deux décennies la plus grande centrale hydroélectrique du monde. Elle se place aujourd'hui deuxième en termes de production d'énergie, après le barrage des Trois Gorges en Chine[82]. Les contestations se sont rapidement cristallisées contre le barrage d'Itaipu sous l'impulsion de la Commission Pastorale de la Terre (CPT), sous l'égide du pasteur Kurt Hajte. Celui-ci a distribué des études explicatives sur les

[81] Danielle Feteira Soares, Dilma Andrade de Paulo, *Para não esquecer: a destruição da cidade de São João Marcos (1941-43), Encontro Ciências Sociais e Barragens,* UFBA, 1998.

[82] François-Michel Le Tourneau, *Op. Cit.,* 2014.

impacts du barrage aux communautés pastorales situées le long du fleuve. Il soutient alors que les membres de la communauté seront dans l'obligation de déménager à cause de l'inondation probable des terres et invite les membres à une réunion publique en octobre 1978. 1500 agriculteurs de la région se sont alors réunis pour lister 23 griefs contre Eletrobras. Parmi ces revendications étaient déjà évoqués les problèmes de manque d'information et de consultation, mais surtout les problèmes d'indemnisation[83]. Quelques revendications ont également surgi en Argentine, située en aval du fleuve. Les riverains se plaignant de la modification du volume d'eau sur leur territoire[84].

L'usine hydroélectrique de Tucuruí se situe à quelques kilomètres d'Altamira. Les revendications des habitants n'ont pas eu d'écho majeur, mais leur proximité au barrage de Belo Monte leur a permis d'être pris en compte par les organisations internationales s'opposant aux grands barrages de la région[85]. En amont de la conférence de Rio en 1992, le programme de développement de l'écotourisme PROECOTUR et le programme d'utilisation durable de la biodiversité en Amazonie PROBEM sont mis en place. Eletrobras devra se conformer à ces programmes pour continuer de produire de l'énergie à Tucuruí, ce qui marque bien l'introduction de la dimension environnementale dans les priorités gouvernementales[86]. Le MAB travaille encore aujourd'hui à Tucuruí pour faire indemniser les populations déplacées en 1974.

Carte 2 : Positionnement du barrage de Jirau, Rondônia. Source : Journal *O Globo,* 3 avril 2012.

[83] Carlos Vainer, « Águas para a vida, não para a morte: notas para uma história do movimento de atingidos por barragens no Brasil», *In* Henri Acselrad; Selene Herculano José Augusto Pádua (dir.), *Justiça Ambiental e Cidadania*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2003.

[84] Alain Lamballe, « Une cartographie mondiale de la géopolitique de l'eau », *Sécurité globale*, 2012/3 (N° 21), p. 69-86.

[85] Céline Broggio, *Op. Cit.,* 2017.

[86] Neli Aparecida de Mello, Hervé Théry« L'État brésilien et l'environnement en Amazonie : évolutions, contradictions et conflits », *L'Espace géographique* 2003/1 (tome 32), pp. 3 - 20.

- ***Jirau***

L'usine de Jirau, plus contemporaine, fait partie du complexe de barrages de Santo Antônio, près de Porto Velho (Rondônia). La construction a débuté en 2008 et l'usine a commencé à produire de l'énergie en 2012. Lors de sa construction, le site industriel a été le foyer de grandes émeutes ouvrières. Les salariés de Jirau demandaient de meilleures conditions de travail, de meilleurs salaires et une amélioration de la sécurité sur le chantier,(43 ouvriers sont morts sur le site par manque de sécurité[87]). En 2011, les mobilisations deviennent violentes, la police militaire intervient sous le nom d'opération Vulcano. 24 ouvriers sont arrêtés, dont 14 portés disparus peu de temps après leur arrestation. La grève durera plus d'un an. Contrairement au projet de Belo Monte, les revendications n'ont pas eu de portée internationale, très peu de travaux scientifiques existent sur ce sujet et les médias ne s'y sont que très peu intéressés. Le barrage de Jirau a été en partie financé par GDF-Suez.

Image 7 : Révoltes ouvrières sur le barrage de Jirau, 2011. Source : Caio Cavechini, Carlos Juliano Barros, "Jaci – Sete Pecados De Uma Obra Amazônica", Repórter Brasil, 2015, 102 minutes.

b) Des acteurs qui peinent à se constituer en tant que mouvement social

Il existe 40 millions d'indigènes en Amérique Latine, ce qui représente moins de 10% de la population totale. Ils représentent seulement 1% de la population totale au Brésil. Les tribus indigènes constituent les populations les plus touchées par les mégaprojets en Amazonie, mais sont également plus largement dans le pays victimes de discrimination, d'inégalités sociales et de sous-représentation dans leur pays respectifs. La plupart vivent en situation d'extrême pauvreté selon la Banque Mondiale[88]. L'écart de taux d'alphabétisation entre les indigènes et les autres groupes ethniques est énorme, l'espérance de vie des Indiens du Brésil était en 1995 de 42,6 ans, et la malnutrition 2 fois plus élevée que dans le reste du pays. Ces populations ont sans cesse été victimes de violations des droits humains, et socialement marginalisées. Dans les années 1980, ces violations augmentent, en partie à cause de la crise de la dette, qui force les États à privatiser les terres indiennes et à les revendre à des investisseurs agricoles ou industriels.

---

[87] Selon rapport de Camargo Corrêa, un des sous-traitants en charge de la construction.

[88] Alison Brysk, *Op. Cit.,* 2000.

Cependant, les populations *riberinhas* non indigènes subissent les mêmes injustices. Le plus souvent, la réponse des populations marginalisées à ces abus est l'isolement. Si l'on reprend la classification de Hirschmann des réponses aux problèmes qui nous confrontent, ces groupes marginalisés répondaient par *"l'Exit"*[89].

Ainsi, peu à peu, le fossé s'est creusé entre les gouvernants cherchant à exploiter les ressources de l'Amazonie pour le développement économique et les populations riveraines, incapables de communiquer pour faire valoir leurs revendications. Elles se sont éloignées des institutions, des marchés, des États. Mais selon Alison Brysk[90], les indigènes sont parvenus à une meilleure représentation dans les années 90 : *"Malgré les nombreux problèmes, les indiens d'Amérique Latine sont parvenus à faire des progrès notables, sur le long terme, en une seule génération"*. Ces progrès sont observables dans le cas du barrage de Belo Monte, où les tribus indigènes sont parvenues à s'organiser et à se regrouper pour faire valoir leurs revendications. Ils sont alors parvenus à faire reconnaître de nombreuses terres, et à être en partie indemnisés grâce à leur présence dans les audiences publiques.

Pour améliorer la portée des demandes, les mobilisés contre Belo Monte se sont regroupés au sein d'organisations représentatives. Par exemple, lors des audiences publiques, seulement les grandes organisations ont un temps de parole prédéfini : Movimiento dos Atingindos par Barragens (MAB), Mouvement des Sans Terres, Mouvement des petits agriculteurs. Ces organisations, et en particulier le MAB se chargent de représenter les groupes mobilisés Ainsi, les acteurs se regroupent dans les organisations pour tenter d'acquérir une meilleur représentativité.

Les individus ressentent une insatisfaction des demandes, un décalage entre leurs attentes et les capacités objectives du système à les satisfaire. La constitution d'une identité partagée, les poussent alors à s'organiser. Mais l'organisation des populations *riberinhas* n'est pas évidente puisque la mobilisation ne va pas de soi dans ces groupes marginalisés.

Dans les usines de Jirau et de Belo Monte, divers acteurs se sentent atteints par les conséquences néfastes des mégaprojets : ouvriers, syndicalistes, populations riveraines, et peuples indigènes… Ces acteurs, ont été largement marginalisés dans les études d'impact[91] et souffrent d'un manque de représentativité qui les contraint de se regrouper pour faire reconnaître leurs revendications. Pourtant, cette concentration des mobilisés au sein des groupes représentatifs ne suffit pas toujours à faire valoir leurs droits. Comme dans le cas de Belo Monte,

---

[89] Albert Hirschmann, *Exit, voice and Loyalty: responses to Decline in Firms, Organizations and States,* Harvard University Press, 1970.

[90] Alison Brysk, *op. cit.*, 2000.

[91] Glaucia Maria Quintoni Baraúna, *Op. Cit.,* 2011.

c'est la transnationalisation de l'action collective qui a permis aux acteurs de peser contre les grands groupes industriels et les gouvernants.

Conclusion du chapitre 1

Déforestation, délogements, pollution des fleuves, extractions minières… Les impacts des grands plans d'investissement initiés sous la période autoritaire sont nombreux. Si nous nous sommes attardés dans ce chapitre sur d'autres mobilisations sociales liées aux constructions d'usines hydroélectriques, c'est pour montrer que les conflits générés autour de l'usine de Belo Monte ne sont pas des cas isolés. Les grands investissements en zone rurale provoquent depuis plusieurs décennies des impacts sociaux et environnementaux qui peuvent difficilement être financièrement indemnisés. Au fil de la prise de conscience internationale des problèmes environnementaux, les gouvernements successifs ont intégré dans ces grands plans d'investissement des conditions au développement de programmes écologiques et sociaux durables. Mais malgré les considérations environnementalistes, les programmes d'industrialisation continuent de se développer, en particulier avec les partenariats public-privé. Les contestations montent dans certaines zones, avec parfois l'appui d'organisations et d'associations internationales. Les mobilisations ne parviennent cependant pas à faire stopper ces plans de financement énorme. Les gouvernements ont besoin des partenariats privés pour financer les plans énergétiques et répondre à la demande croissante en énergie. Ainsi, ce chapitre a a pu observer de manière chronologique la manière dont les politiques développementalistes publiques et la recherche de rentabilité privée ont peu à peu transformé le territoire de l'Amazonie brésilienne. Les populations impactés, bien que de plus en plus organisées et ayant un impact sur la scene internationale, peinent à s'unifier et à former des mouvements sociaux pouvant négocier avec les décideurs politiques et managériaux. Après cette analyse des controverses de justice sociale liées aux usines hydroélectriques, nous tâcherons d'appliquer ce cadre théorique aux observations que j'ai pu mener à Altamira et Itaituba. En effet, le barrage de Belo Monte et la future usine hydroélectrique de São Luiz do Tapajós sont emblématiques de ces conflits socio-environnementaux. De plus leur temporalité radicalement différente permet de comparer à la fois les politiques publiques d'indemnisation et les changements dans la constitution des mouvements sociaux.

Chapitre 2 - Une observation de l'impact social des barrages au Pará

> «Historiquement, les populations inondées ont été les premières à se mobiliser, et en général, ceux qui se maintiennent au devant de la lutte[…]. Les populations impactées sont plus généralement ceux qui souffrent de modifications directes sur leurs conditions de vie», 1ère rencontre nationale des travailleurs atteints par les barrages, mars 1989[92].

Afin de comprendre les dynamiques à l'oeuvre dans les cas de constructions d'usines hydroélectriques au Pará et leurs impacts sur l'action publique, il a été nécessaire de mener une observation de terrain. Entre le mois de mars et le mois de juin, de nombreux entretiens semi-directifs ont été conduits, avec des représentants d'institutions gouvernementales, des mobilisés, et des habitants impactés par les grands barrages. Ces entretiens démarraient toujours sous la forme de discussions libres, où les enquêtés nous dévoilaient leurs préoccupations principales liées aux barrages. Nos questions portaient sur les politiques de dédommagement, sur les volontés de s'impliquer dans les mobilisations sociales et sur les transformations observées après le début des constructions. Les nombreux entretiens avec les impactés nous ont permis de nous imprégner d'un ressenti global sur les transformations sociales ayant eu lieu lors de l'arrivée des projets de barrage. Nos entretiens se sont déroulés principalement dans les villes d'Altamira et d'Itaituba. La visite de ces deux lieux a permis une analyse comparée entre deux constructions, à des phases complètement différentes. Le barrage de Belo Monte à Altamira a été récemment partiellement inauguré. Le barrage de São Luiz do Tapajós a reçu peu de temps avant l'enquête de terrain, un refus de licence de construction par l'IBAMA. Les visites à Belém, Santarém ou encore à Brasília ont permis de rencontrer d'autres types d'acteurs : acteurs de la mobilisation indigènes, sénateurs, procureur de la République et autres mobilisés dans les associations de défense de l'environnement ou de militants pour les droits sociaux.

Le chapitre questionne les impacts des investissements hydroélectriques sur la ville et sur ses habitants et se demande comment l'image de l'État auprès des populations s'est-elle transformée.

---

[92] «Historicamente os "afogados" têm sido os que primeiro se mobilizam e, em geral, os que se mantêm à frente da luta <...> atingidos são todos os que sofrem modificações diretas nas suas condições de vida», Primeiro Encontro Nacional de Trabalhadores Atingidos por Barragens, mars 1989.

Il retrace alors les transformations observées dans ces deux villes, ainsi que les parcours du militantisme, à Altamira et à Itaituba. La troisième partie de ce chapitre analyse les acteurs pertinents pour contester contre les mégaprojets hydroélectriques, après la mise en place des partenariats public-privés. Il s'agit de montrer comment les pouvoirs publics se sont progressivement effacés à Altamira et Itaituba, créant un sentiment de désillusion de leur influence chez les usagers, au profit d'une production de l'acceptabilité par les entreprises privées, à travers les programmes de compensation.

A - Altamira, ville rurale transformée en ville la plus meurtrière du pays

> « Chaque jour, environ 200 à 300 travailleurs ont été admis et licenciés par Norte Energia. Il y a donc eu un très grand afflux de gens qui arrivaient à Altamira, et parmi eux, un très grand nombre de personnes qui se retrouvaient au chômage. C'est l'un des facteurs qui a augmenté la violence dans la municipalité. Si bien que la population d'Altamira a pratiquement doublé au cours des cinq dernières années de construction. (...) Le plus grand héritage de Belo Monte est la violence et le crime[93] », Jackson Dias, militant du MAB Altamira, dans un interview pour le journal *Brasil de Fato,* le 9 juin 2017.

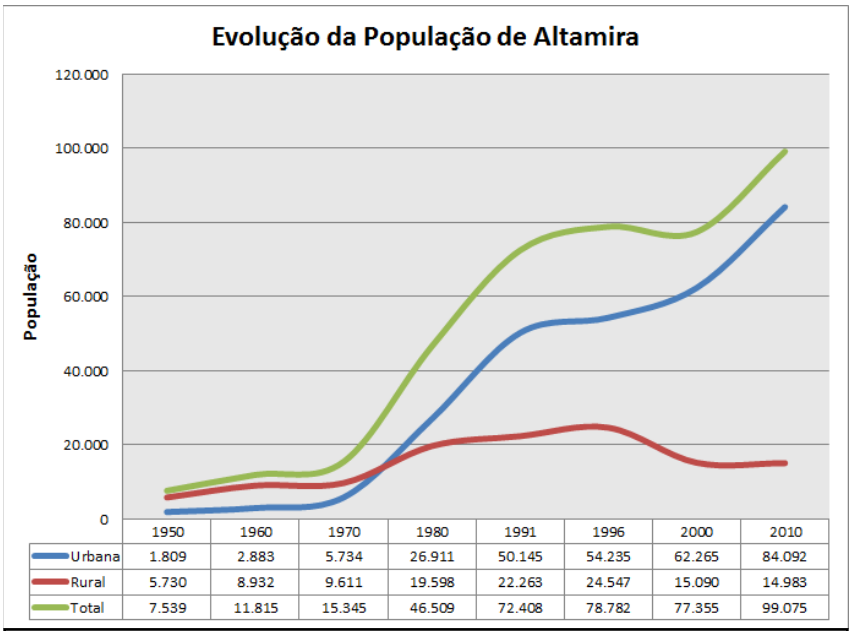
a) Transformations progressives de la ville

Malgré son titre de plus grande ville du Brésil en termes de superficie, l'arrivée à Altamira est toujours une aventure. Ancrée au coeur de l'État du Pará, le territoire d'Altamira bordé par les rives du fleuve Xingu, est constitué à 80% de zones rurales, forestières et de territoires indigènes protégés. La région est connue comme «Volta Grande do Xingu». Depuis plusieurs années, le territoire est au centre des attentions et des tensions provoquées par les politiques de développement des zones rurales et les grands projets industriels de l'Amazonie. On y accède par voie aérienne pour les plus gros budgets. Mais l'aéroport d'Altamira, constitué d'une seule piste, a surtout vocation à desservir les grosses villes du Sud-Est et la capitale fédérale afin de faire voyager ingénieurs et politiciens plus rapidement. Les vols sont rares, ne desservent pas le reste

[93] Citation originale : « Diariamente, cerca de 200 a 300 trabalhadores eram admitidos e demitidos, então era um fluxo muito grande de gente chegando na cidade, um fluxo muito grande de gente ficando desempregada dentro da cidade. Isso é um dos fatores que aumentou a violência no município. Tanto que a população de Altamira praticamente dobrou nesses últimos cinco anos de construção. (…) O maior legado de Belo Monte é a violência e a criminalidade », Jackson Dias, *Brasil de Fato,* 9 juin 2017.

de l'Amazonie et sont extrêmement onéreux puisque les voyageurs sont souvent défrayés par leur entreprise.

Fondée officiellement en 1911, la ville d'Altamira a été occupée par les missions jésuites depuis près de 300 ans. Depuis, la ville a connu une forte activité économique jusqu'à la moitié du XXème siècle grâce à l'exploitation du caoutchouc, extrêmement prolifique dans la région. Mais c'est à partir de 1972 que la ville connaîtra sa plus ample phase de développement économique et démographique, par la mise en place de deux politiques publiques de développement. C'est à ce moment que la route BR-230 est arrivée à Altamira, reliant ainsi la ville au reste de l'Amazonie et du pays. La « *Transamazônica* » est toujours en chantier aujourd'hui puisque non bétonnée sur tous les tronçons, mais elle permet tout de même de relier Altamira au reste du pays. Auparavant, elle était relativement à l'écart de l'évolution générale de la société brésilienne. À cette époque, le gouvernement autoritaire brésilien a mis en place dans plusieurs villes d'Amazonie des programmes de colonisation légale[94], et la première phase du PIC-Altamira (*Programa Integrado de Colonização*) commença en 1972. Ce programme consistait à faire la promotion des ressources et des opportunités économiques qu'offraient les villes rurales aux alentours de la BR-230 grâce à la mise en place d'avantages fiscaux et immobiliers pour les nouvelles populations arrivantes. C'est ainsi que comme on peut le voir dans le graphique 1, la

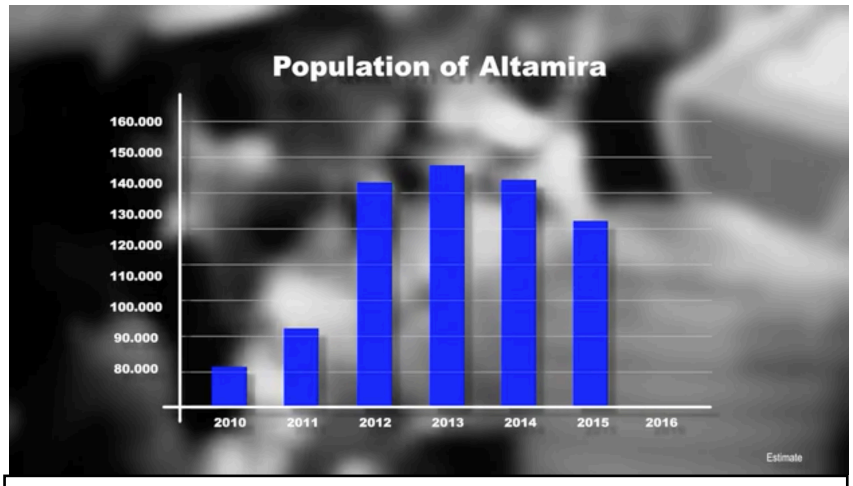


Graphique 1 : Évolution de la population d'Altamira, de 1950 à 2010. Source : José Queiroz de Miranda Neto e José Antônio Herrera, « Altamira-PA: novos papéis de centralidade e reestruturação urbana a partir da instalação da UHE Belo Monte », *Confins*, 28, 2016.

[94] Anna Luiza Ozorio De Almeida, Charley Vellosodos Santos, *A Colonização oficial Amazônia nos anos 1980,* Instituto de pesquisa econômica aplicada, IPEA, 1990.

ville d'Altamira a connu un premier processus migratoire dans les années 1970, passant de 15000 à 45 000 habitants en moins de 10 ans.

Les ressources du grand territoire, finalement reliées au reste du pays, ont été bien plus facilement acheminables. Les *garimpeiros* (chercheurs d'or), pêcheurs, petits paysans mais aussi entreprises minières se sont fait bien plus nombreux dans la région. La ville d'Altamira occupe alors une place centrale pour cette région sud du Pará, concentrant les activités de commerces et de services, tout en conservant un mode de vie traditionnel, essentiellement basé sur la pêche.
En 2010, avant le début des travaux du barrage, la population s'élevait à un peu plus de 80000 habitants. Deux ans plus tard, la population a presque doublé, dépassant 140000 résidents, comme le montre le graphique tiré du film d'André d'Elia. Cette augmentation subite de la population n'est pas sans conséquence. En effet, les infrastructures d'Altamira n'étaient pas adaptées à recevoir une augmentation si subite de la démographie[95]. Les transports publics, presque inexistants, sont inefficaces pour desservir les 150000 habitants qui constituaient la population de la ville en 2013. Le réseau routier souffre de nombreux embouteillages et accidents. Même si la majorité de cette nouvelle population était constituée d'ouvriers, ceux-ci sont souvent arrivés avec famille et enfants. Les écoles, universités et hôpitaux ont été submergées par la demande et n'ont pas pu répondre aux besoins de tous les altamirenses.



Graphique 2 : Évolution de la population d'Altamira, de 2010 à 2015. Source : André d'Elia, "Belo Monte: Anúncio de uma guerra", 2012, 105 minutes.

À Altamira, c'est dans un hôtel étoilé, avec climatisation et petit-déjeuner occidental que j'ai du loger pendant 10 jours. Le coût d'une nuit est d'environ 100 réais (25 euros), et j'ai pourtant choisi un des hôtels les moins chers de la ville. La raison n'est pas un choix de confort personnel, mais bien une obligation. En effet, Altamira n'étant pas une ville touristique, seuls les ingénieurs de Belo Monte, les médiateurs internationaux ou les chefs politiques sont amenés à se

[95] José Queiroz de Miranda Neto et José Antônio Herrera, « Altamira-PA: novos papéis de centralidade e reestruturação urbana a partir da instalação da UHE Belo Monte », *Confins*, 28, 2016.

loger à Altamira sur le court terme. Ici, seuls des hôtels ciblant les professionnels existent, aucun hôtel de tourisme ne fait la promotion des circuits touristiques ou des curiosités à découvrir dans la région. Les nouveaux arrivants à Altamira sont, le plus souvent, logés par des amis, des syndicats de travailleurs ou dans des auberges assez insalubres.

Mais les hôtels à Altamira ne sont pas le seul poste de dépense onéreux lorsque l'on compare avec le coût de la vie moyen au Brésil. La vie dans le petit centre-ville d'Altamira est assez coûteuse. Comptez environ 40 réais (10 euros) pour un repas traditionnel dans un restaurant par exemple.

Ce problème d'inflation est en réalité un véritable cercle vicieux. Au début des années 2000, les altamirenses s'attendaient à l'arrivée massive de nouveaux habitants, due à la demande massive de main d'oeuvre. L'usine a effectivement eu besoin de main d'oeuvre, mais ces ouvriers venus en masse pour Belo Monte n'ont pas trouvé de contrat stable, et donc, pas de revenus stables. Les commerces dans le centre ville ont tellement proliféré que l'offre était trop abondante pour une population qui n'en avait pas les moyens. Pour survivre, les commerçants se sont vus dans l'obligation d'augmenter les prix des produits déjà assez élevés en raison des coûts de livraison par la transamazonienne.

Aujourd'hui, ce que l'on observe à Altamira ce sont des commerces abandonnés, vidés, ou en vente. Les commerçants ont très peu de clients dans la journée. En plus du manque de moyens, les populations traditionnelles qui habitaient auparavant dans le centre-ville ont été délogées, et le réseau de bus est toujours absent. Le seul moyen de se déplacer dans le centre pour ces populations reste le moto-taxi, qui coûte environ 20 réaux aller retour. La ville a donc été désertée de ses habitants depuis le début des travaux du barrage de Belo Monte.

Mais le problème principal ressenti par la population est celui de la montée de l'insécurité depuis les années 2010. En 2017, l'IPEA (Institut de Recherche économique appliqué[96]) et le FBSB (Forum Brésilien pour la Sécurité Publique[97]) ont publié un «atlas de la violence[98]», où Altamira apparait comme la ville la plus meurtrière du pays. Le taux d'homicide, est calculé suivant le nombre d'homicides volontaires commis dans l'année, rapporté à la population globale. Ce rapport analysait le nombre d'homicides pour la période 2005-2015. Celui ci atteint 105,2 pour la ville d'Altamira. À titre d'exemple, pour la même période, ce même taux est de 90,4 au

[96] Nom original : Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada

[97] Nom original : Fórum Brasileiro de Segurança Pública

[98] Atlas da Violência, IPEA, FBSB, 2017. Disponible en ligne : http://www.ipea.gov.br/portal/images/170609_atlas_da_violencia_2017.pdf

Honduras, et de 53,7 au Venezuela[99]. Bien sûr, ces calculs sont critiquables mais ils alertent néanmoins sur l'insécurité de la zone ressentie au quotidien par les habitants d'Altamira. Juliana, habitante du quartier Laranjeiras nous a témoigné le 4 mai 2017 son angoisse à se rendre dans le centre de la ville depuis que son cousin a été assassiné en 2015. Elle n'ose plus aller faire ses courses non accompagnée ni sortir de Laranjeiras lorsque la nuit tombe. Juliana n'est malheureusement qu'un exemple des nombreux témoignages que j'ai recueilli lors de mon séjour.

Depuis l'autorisation de permis de construire de l'usine hydroélectrique en 2010, des effets irrémédiables se font observer par les habitants mais également par les instituts de recherche étudiant le phénomène. La ville a alors été globalement transformée par ce deuxième épisode migratoire. Et les infrastructures ne sont toujours pas prêtes à recevoir une telle augmentation de la population altamirense. Le consortium d'entreprises chargées de la construction du barrage était alors chargé de développer la ville et d'indemniser la population, afin que les effets collatéraux ne soient pas trop lourds de conséquences pour les riverains.

b) Les politiques de compensation : une illusion du dédommagement

Si Domingos Juvenil, maire d'Altamira, a cherché à persuader les altamirenses du bien fondé de la construction de l'usine de Belo Monte, c'est pour appuyer la politique développementaliste du gouvernement et du consortium. Norte Energia a promis d'employer, au fil de la construction, de 2010 à 2019, plus de 20 000 employés. Les contrats devaient alors favoriser les ouvriers de la région, mais la perspective de tant d'embauche a logiquement attiré des milliers de travailleurs brésiliens. En 2010, ce sont des milliers d'habitants des régions Nordestine ou Centre, touchées par le chômage, qui ont immigré vers Altamira. Comme notre développement précédent le démontrait, un tel afflux de nouveaux habitants n'est pas sans conséquence. Effectivement, Norte Energia n'avait pas la possibilité d'employer la totalité de ces nouveaux arrivants. C'est pourquoi

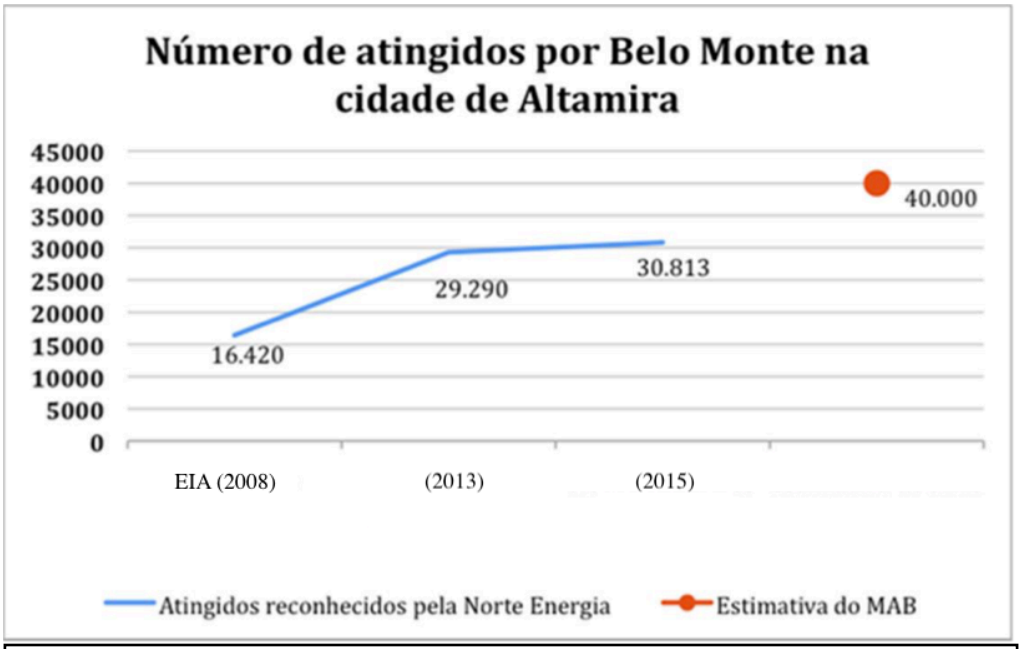
Image 8 : Photographie d'une file d'attente devant le centre de travail de Norte Energie. Source : Photographies de Lalo de Almeida, publiée à de nombreuses reprises dans le journal *Folha de Sao Paulo*.

[99] Selon les données 2017 de l'Office des Nations Unies contre la Drogue et le Crime (UNODC), données disponibles en ligne.

l'entreprise a procédé à une politique de contrats courts, souvent à la journée. Les ouvriers non permanents doivent patienter au bureau des ressources humaines, où on les informe des besoins de la journée. On estime à 10000 le nombre de personnes employées à plus ou moins long terme sur le chantier. Ces contrats courts ont également permis à Norte Energia de ne pas rémunérer leurs collaborateurs lorsque le permis de construire a été suspendu par l'IBAMA.

Marcelo, rencontré à Altamira le 4 mai 2017 nous a longuement détaillé son expérience dans le chantier de Belo Monte : « *J'ai vendu ma maison près de Salvador en 2012 pour m'installer ici. Avec l'argent j'ai acheté cette maison à Jardim Independente. J'ai pu travailler quelques semaines puis mon contrat s'est arrêté car le barrage n'avait plus de licence. Quand j'ai repris le travail, j'ai eu un accident sur le chantier. Je n'ai pas pu travailler pendant trois mois et je ne recevais pas de salaire. Quand j'ai voulu reprendre, ils m'ont dit qu'il n'y avait plus de place. Je n'ai jamais pu reprendre le travail. Aujourd'hui plus personne ne veut m'acheter la maison, je n'ai pas de quoi retourner dans le Nord. Je suis coincé ici, où je ne peux pas travailler*[100]».

Des centaines d'hommes sont aujourd'hui installés à Altamira, sans emploi, et n'ayant pu travailler sur le chantier que quelques jours. Beaucoup, comme Marcelo, ont tout investi à



Graphique 3 : Nombre d'impactés par Belo Monte à Altamira. En bleu, nombre reconnu par Norte Energia, en rouge nombre estimé par le MAB. Photographie d'une file d'attente devant le centre de travail de Norte Energie. Source : José Queiroz de Miranda Neto e José Antônio Herrera, « Altamira-PA: novos papéis de centralidade e reestruturação urbana a partir da instalação da UHE Belo Monte », *Confins*, 28, 2016.

[100] Citation originale : «Vendi minha casa perto de Salvador em 2012 para me mudar aqui. Com o dinheiro comprei a casa no Jardin Independente. Trabalhei algumas semanas mas meu contrato parou porque a licença foi suspensa. Quando voltei ao trabalho, tive um acidente no sítio. Não consegui trabalhar por três meses e não recebi salário. Quando quis retornar, me disseram que não havia vaga. Nunca pude voltar ao trabalho. Hoje ninguém quer comprar a casa, não tenho nenhum dinheiro para voltar ao Norteste. Estou preso aqui, onde não posso trabalhar».

Altamira croyant aux promesses de développement, et n'ont aujourd'hui plus de quoi retourner sur leur terre.

Un premier recensement de la population a été fait en 2008 lors de l'étude d'impact afin de dédommager les populations affectées par le barrage, et plus spécifiquement par les inondations du réservoir. Souvent critiqué, le cadastre réalisé par Leme, filiale de GDF-Suez, responsable du PBA, a du être repris à plusieurs reprises, comme le montre le tableau numéro 3.

Le consortium a ensuite proposé aux impactés l'indemnisation financière ou la possibilité d'être relogé. En raison de la spéculation immobilière dû à l'afflux massif d'ouvriers, la somme versée pour compensation ne suffisait pas dans la plupart des cas à se reloger à Altamira. Les habitants ayant accepté cette indemnisation financière l'ont fait, selon le MAB, par manque de soutien juridique, mauvaise connaissance de leurs droits et parce qu'ils ont été convaincus par l'argumentaire de l'entreprise.

Image 9 : Francinette et son petit-fils dans leur maison du quartier Laranjeiras. Source : Photographie prise à Altamira le 4 mai 2017.

Mais lorsque les délogés acceptent d'être placés dans les nouveaux quartiers construits par Norte Energia en dédommagement, les conditions sont loins d'être réunies pour assurer de bonnes conditions de vie.

Francinette, réinstallée dans le lotissement Laranjeiras en 2013, nous a reçu pour nous parler des problèmes qu'elle connait dans la maison dont elle est aujourd'hui propriétaire.

« Jusqu'en 2014, je vivais dans une maison sur pilotis avec mes deux filles et mes deux petits-enfants. Nous avions une maison avec 3 chambres, héritée de mon père. Elle n'était pas spacieuse mais nous vivions dans le centre, où je pouvais vendre mes plats sans me déplacer. Aujourd'hui nous avons cette maison avec deux chambres. Nous la trouvions confortable jusqu'à la saison des pluies, où l'eau est entrée par tous les trous. Ici à Laranjeiras, je n'ai plus l'impression de vivre, mais de survivre. Je n'ai plus les moyens de me déplacer dans le centre qu'une fois par semaine, pour acheter de quoi vendre des brochettes au bout de la rue. Aucun de mes petits-enfants n'est scolarisé, et nous ne pouvons plus bénéficier de la Bolsa Família[101] *».*

[101] Citation originale : «*Até 2014, eu morava em uma palafita com minhas filhas e dois netos. Nós tínhamos uma casa com 3 quartos, que meu pai me deu. Não era um palácio, mas a gente morava no centro, onde podia vender meus pratos direito. Hoje a gente tem esta casa com dois quartos. No inicio achava confortável até a chuva, quando a água entrou por todos os buracos. Aqui em Laranjeiras, já não sinto vontade de viver, mas eu estou sobrevivendo. Não posso me dar ao luxo de ir ao centro. Vou uma vez por semana para comprar algo para vender espetos no bairro. Nenhum dos meus netos vai na escola e a gente não recebe a Bolsa Família*».

Comme celle-ci nous l'a longuement décrit, les logements attribués pour pallier au délogement sont loin de correspondre aux standards attendus pour des conditions de vie décente. De plus, les maisons, toutes de la même taille, sont attribuées sans prendre en considération la taille de la famille ou le nombre d'enfants. Les matériaux utilisés étant de faible qualité, les maisons sont aujourd'hui en piteux état, ne résistant pas aux fortes pluies de l'hiver, ni même adaptées aux températures extrêmes de l'été. Les résidents peuvent théoriquement faire des réclamations sur l'état de la maison dans les trois ans après son acquisition. Cependant, depuis que le logement lui a été attribué, Francinette et les autres habitants du lotissement n'ont jamais eu de contact avec les techniciens promis par Norte Energia. Apres ce délai, plus aucun recours n'est possible.

Image 10 et 11 : Photographies du quartier Laranjeiras. Source : Photographies prises à Altamira le 4 mai 2017.

Mais ce que reprochent les habitants des nouveaux lotissements d'Altamira, c'est surtout l'éloignement du centre et du fleuve. Les populations traditionnelles qui vivaient essentiellement de la pêche, en plus de souffrir d'une forte décroissance de poissons dans le fleuve, souffrent de l'éloignement de toute activité économique ou culturelle. La ville d'Altamira ne bénéficiant d'aucun service de transport en commun, il est extrêmement difficile de se rendre dans le centre-ville ou dans les zones de pêche.

Norte Energia dans son PBA, avait garanti le développement de services publics essentiels à la vie dans ces nouveaux quartiers. Mais lors de ma visite en Mai 2017, beaucoup des lotissements n'avaient aucun commerce, les emplacements prévus pour les centres de santé étaient abandonnés, et beaucoup de rues ne bénéficiaient pas d'éclairage public, ce qui, de facto, augmente les risques d'insécurité. Les écoles en revanche, construites comme partie du programme de compensation, sont ouvertes et fonctionnelles, elles accueillent les enfants des cinq lotissements d'Altamira.

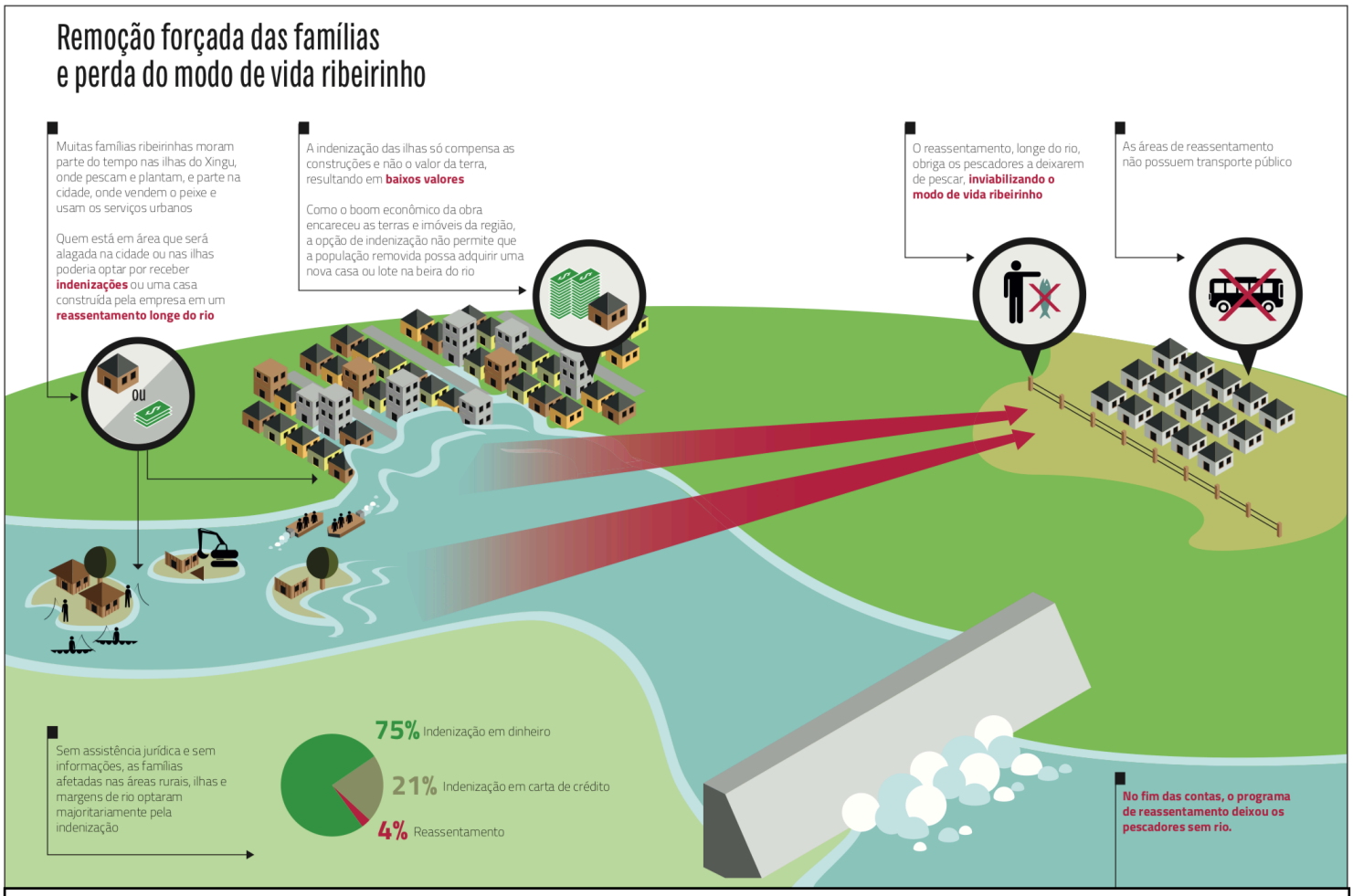


Schéma 2 : « Déplacements forcés et porte du mode de vie des populations riveraines ». Source : schéma réalisé par Bruno Fonseca pour l'Instituto Socioambiental en juin 2015.

Les habitants des anciennes zones identifiées comme à risque ont, pour la plupart, bien été relogés par le consortium Norte Energia. Cependant, les conditions de développement de la ville ainsi que le respect des conditions de vie décentes n'ont pas toujours été respectées. Hôpitaux fermés, service d'égout minimal, insalubrité, absence de transports en commun… Seulement une partie du PBA a en effet été réalisé.

Ce schéma issu d'un rapport de l'ISA montre bien les problèmes posés par le relogement des populations à Altamira. Comme le titre l'indique, il ne s'agit pas seulement de déplacements forcés mais d'une perte d'un mode de vie particulier qu'avaient adoptées les populations riveraines.

Mais en plus des problèmes que posent le relogement dans des quartiers entièrement nouveaux, il subsiste à Altamira un quartier où les habitants n'ont pas été dédommagés. Le RIMA ne prévoyait pas d'inondations du quartier *Independente II*. Cependant, le réservoir d'eau ayant été déplacé, les maisons sont inondées une bonne partie de l'année, rendant l'espace de vie insalubre. Avec le débordement du reservoir, les habitants vivent au-dessus d'un mètre d'eau, avec des égouts à ciel ouvert et aucun système sanitaire salubre. Lors de notre visite, les

Image 12, 13, 14 et 15 : Photographies dans le quartier *Independente II* montrant l'insalubrité des résidences. Les maisons ont été réaménagées pour permettre l'accès au dessus du mètre d'eau et des égouts à ciel ouvert. Avec la pluie, les déchets s'échouent et stagnent sous les maisons. Source : Photographies prises le 4 mai 2017.

habitants n'étaient toujours pas indemnisés, ou relogés. Grâce à l'aide du MAB et des autres mouvements sociaux de la ville, leur cause a pu être relayée à un niveau international et créer un nouveau scandale contre Norte Energia.

En mars 2016, Victoria Tauli-Corpuz, rapporteuse spéciale des questions indigènes à l'ONU, a profité d'une visite aux caciques des tribus affectées par Belo Monte pour visiter le quartier d'*Independente II* et constater les dégâts. Cette visite, a donné lieu à un rapport public de l'ONU, qui a poussé Norte Energia à agir. Lors de notre visite en mai 2017, les habitants se préparaient à un recensement des familles, qui pourrait permettre une relogement. Après des années de militantisme, la situation n'a pu évoluer que par la pression des organisations internationales et une médiatisation de leurs luttes pour de meilleures conditions de vie.

Le 16 mars 2018, l'IBAMA a reconnu officiellement l'impact de l'usine de Belo Monte sur les habitants de cette zone[102]. Norte Energia avait donc 60 jours, selon la loi brésilienne, pour fournir un plan d'indemnisation pour les 968 reconnues officiellement comme victimes des inondations causées par le barrage. À la fin du mois, de mai, Norte Energia n'a toujours pas fourni de programme d'indemnisation et sera donc sûrement dans l'obligation de payer une amende, sans pour autant reloger les populations de *Jardim Independente II* laissées à l'abandon.

Image 16 et 17 : Photographies dans le quartier *Independente II* montrant la vie des habitants du quartier et leurs tentatives d'échapper aux inondations incessantes. Source : Photographies prises le 4 mai 2017.

c) La formation des contestations

Basés à Altamira depuis plus de 15 ans, la mission locale du MAB a évolué au fil du temps. Mobilisés dans un premier temps dans le but de faire reculer et empêcher la construction du barrage de Belo monte, le comité local tente aujourd'hui de soutenir la population atteinte par les inondations ou par les effets indirects ainsi que d'informer sur les politiques de dédommagements existantes. En outre, le comité lutte toujours contre la marchandisation du marché de l'eau et de l'électricité, mais l'inauguration du barrage de Belo Monte en 2016 par la présidente Dilma Rousseff a laissé un goût amer aux militants.

À Altamira, Jackson Dias et sa femme Elisa Estroniolo sont les grandes figures de la protestation contre le barrage de Belo Monte. Ils sont tous les deux employés du MAB Altamira et sont soutenus par un petit groupe d'une dizaine de volontaires en formation. Le comité s'attelle

[102] Voir la communication officielle de l'IBAMA sur leur site : « Norte Energia deverá reassentar moradores de bairro alagado em Altamira (PA) », 16 mars 2018, disponible en ligne : http://www.ibama.gov.br/noticias/436-2018/1387-norte-energia-devera-reassentar-moradores-de-bairro-alagado-em-altamira-pa

tous les jours à discuter de l'organisation de l'action, à organiser des réunions publiques avec les altamirenses ou des manifestations locales ou régionales. Ils se tiennent à la disposition de toutes les victimes collatérales du barrage pour leur prodiguer conseils et soutien. Les militants sont familiers d'une bonne partie de la population et passent quotidiennement dans les nouveaux quartiers construits par Norte Energia pour se tenir informés de toutes les revendications. Leurs demandes principales aujourd'hui sont de faire reconnaître les impacts du quartier *Independente II*. Cependant, il est aussi important de faire reconnaître les impacts indirects de la construction de Belo Monte : effets de l'inflation, insécurité, insalubrité, précarité des altamirenses… Les membres du MAB militent pour une politique effective de développement d'Altamira mais aussi pour ne pas reproduire les mêmes transformations désastreuses dans d'autres villes accueillant des projets hydroélectriques.

Par ailleurs, le MAB est loin d'être le seul organisme de mobilisations de la ville. Comme nous avons pu le voir dans le premier chapitre, le projet hydroélectrique de Belo Monte a su attirer de nombreux mouvements contestataires, notamment internationaux, en accueillant par exemple en 1988 un regroupement des ONGs et représentants d'institutions transnationales à Altamira. Malgré tout, depuis l'inauguration partielle du barrage en 2015, la volonté de militantisme s'est quelque peu affaiblie. Les ONGs les plus reconnues au niveau international, telles que Greenpeace, Survival ou Amazon Watch ont cessé de publier des rapports sur Belo Monte depuis 2015.

Il subsiste tout de même à Altamira des acteurs fortement impliqués dans la dénonciation des effets indirects de Belo Monte et pour faire entendre la reconnaissance du droit à l'indemnisation. Parmi eux, la figure d'Antônia Melo est connue de tous à Altamira. Fondatrice de l'association «*Rio Xingu Vivo Para Sempre*», elle s'est imposée comme le visage emblématique de la lutte contre la construction de Belo Monte. L'association avait pour but initial de lutter contre les impacts environnementaux et de sauvegarder la biodiversité du fleuve Xingu. Rapidement, Antônia Melo s'est associée avec les caciques indigènes pour porter au plus haut les revendications communes. Ainsi, lorsque des

Image 18 : Photographie de ma rencontre avec Antônia Melo à Altamira le 5 mai 2017.

articles de presse ou des documentaires sont réalisés, les journalistes s'adressent en particulier à Antônia Melo. Elle est devenue en quelques années la figure de la contestation contre Norte Energia au niveau national. Son action continue sur d'autres fronts, où elle lutte notamment contre le projet canadien d'usine minière à Altamira, Belo Sun[103].

Le barrage de Belo Monte est en état de fonctionnement partiel depuis 2015, 40 ans après les premières études d'impact menée par Eletronorte. Peut-on considérer le long délai de construction comme une réussite des mouvements sociaux ou un échec ? Doit-on considérer l'inachèvement des mouvements de contestation puisque l'usine a vu le jour ? Ou doit-on nuancer cet échec par l'obligation des entreprises à créer de véritables politiques de compensation ? La réussite ou l'échec des mouvements sociaux est difficile à mesurer[104], mais comme le souligne Benjamin Arditi[105] : « Ainsi, les révolutions sont-elles toujours inachevées, mais l'impulsion qu'elles ont pu donner peut continuer à progresser à travers des mouvements d'émancipation». Les différents mouvements sociaux constitués contre Belo Monte ne sont pas parvenus à empêcher la construction, mais ils ont fait connaître et médiatisé leurs revendications dans la sphère publique internationale et auprès des organisations internationales par une fonction de catalyseur. Ces expériences ont participé à la création d'un climat de défiance envers la production d'énergie hydroélectrique et a remis en cause la propension des entreprises privées à s'installer en Amazonie sous le couvert de politiques de développement et d'indemnisation. Les mouvements ont mis en lumière les problèmes d'inégalité, d'injustice économique et environnementale en les plaçant au centre des débats public.

B - Itaituba, une ville en phase de transformation ?

> « Le Diálogo a tenté de transformer les formes traditionnelles de construction de barrages. Nous avons tenté d'être justes avec chaque citoyen et écouter ce que chacun avait à dire. Maintenant que la licence a été refusée par l'IBAMA, nous voulons travailler à faire accepter une nouvelle forme qui soit acceptée par les populations indigènes de la région. Nous ne sommes pas contre la population, nous travaillons pour eux. Même après ce premier refus de l'IBAMA, le barrage sera construit

---

[103] Pour mieux comprendre les intérêts défendus par Antônia Melo, voir la lettre de dénonciation de l'association Xingu Vivo en annexe 3.

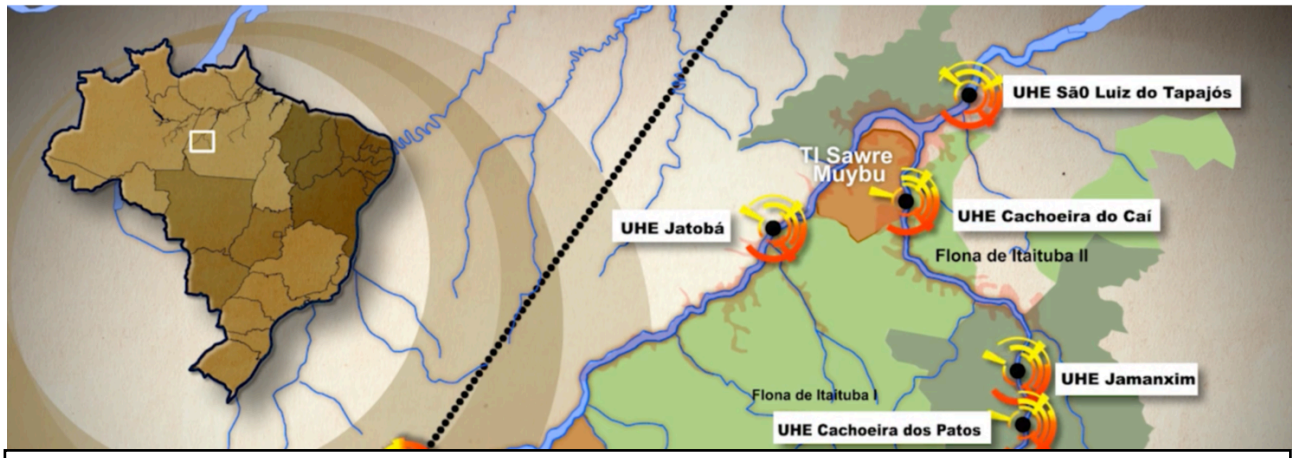
[104] Catherine, Neveu, « Qu'achève-t-on dans des mouvements sociaux ? », *L'Information géographique*, vol. vol. 78, no. 2, 2014, pp. 85-94.

[105] Benjamin Arditi, « Les soulèvements n'ont pas de plans, ils sont le plan : politiques performatives et médiateurs fugaces en 2011 », *Raison publique*, 2014.

dans les prochaines années[106] », Sandra Siqueira, employée du Diálogo Tapajós à Itaituba. Propos recueillis à Itaituba le 24 mai 2017.

a) Le projet et les enjeux du projet sur le Tapajós

Le bassin du Tapajós a jusqu'ici été préservé de la déforestation et du développement industriel puisque ses rives font majoritairement partie de réserves naturelles ou d'unités de conservation. La zone recense quelques industries minières et forestières mais l'éloignement conséquent de Belém ou Manaus a tempéré l'installation d'industries étrangères. C'est aujourd'hui le dernier affluent de la rive droite de l'Amazone à ne pas être coupé par un barrage. Or, depuis 2012, un consortium d'entreprises brésiliennes et de firmes multinationales s'intéresse au potentiel énergétique de cet affluent. Ce consortium est composé de Eletronorte (entreprise publique créée en 1975), Camargo Corrêa (entreprise brésilienne de construction), EDF (dont le capital est détenu à 83,1% par l'État français), CEMIG et COPEL (entreprises anciennement nationales d'énergie), GDF-Suez (dont le capital est détenu à 36% par l'État français), Endesa (entreprise espagnole de distribution d'électricité). Ces entreprises ont créé le groupe de dialogue du Tapajós afin de réaliser les études d'impact, le RIMA et l'EIA.

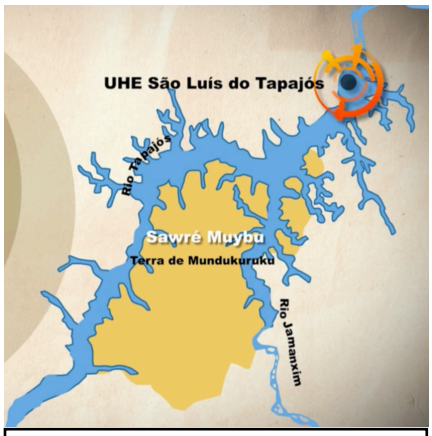


Carte 3 : Carte montrant l'emplacement des 5 barrages sur le fleuve Tapajós. Source : André d'Elia, "Belo Monte: Anúncio de uma guerra", 2012, 105 minutes.

Le projet est un complexe hydroélectrique composé de cinq barrages : São Luiz do Tapajós, Jatobá, Jamanxim, Cachoeira do Caí, Cachoeira dos Patos.

[106] Citation originale : « O Diálogo tentou transformar as formas tradicionais de construir barragens. Tentamos ser justos para cada cidadão e escutar o que cada um precisava. Agora que o IBAMA suspensou a licença, nos queremos trabalhar por ume nova forma que seja aceitada pelos indígenas da região também. Não somos contra a população, nos do dialogo, trabalhamos por eles. De fato, mesmo com a suspensão, o barragem vai acontecer nos próximos anos», Sandra Siqueira, propos recueillis à Itaituba le 24 mai 2017.

Le plus imposant de ces cinq barrages sera le premier de l'affluent, celui de São Luiz do Tapajós, avec un potentiel énergétique de 8040 mégawatts[107]. Le projet prévoyait une construction du barrage sur la période 2016 - 2019. Le RIMA et l'EIA ont été dévoilés par le groupe de dialogue du Tapajós en mai 2014. Depuis les tensions liées aux constructions de barrages dans les années 1990 et les scandales provoqués par la construction du barrage de Belo Monte, les entreprises productrices d'électricité et les autorités brésiliennes ont considérablement modifié leurs approches. La principale nouveauté consiste en l'adoption d'un modèle « au fil de l'eau », qui ne nécessite pas de retenue d'eau trop conséquente. Les nouveaux modèles de barrages, tels que ceux de Jirau ou Santo Antônio sur le fleuve Madeira permettent ainsi une préservation relative du caractère naturel du bassin, générant une moindre dégradation de l'environnement en comparaison de celle causée par Belo Monte[108].



Carte 4 : Carte montrant l'emplacement de l'usine hydroélectrique de São Luiz do Tapajós et la terre Munduruku reconnue *Sawré Muybu*. Source : André d'Elia, "Belo Monte: Anúncio de uma guerra", 2012, 105 minutes.

Cependant, en avril 2015, la licence de construction de São Luiz a été suspendue par l'IBAMA après évaluation des études d'impact. Ce rejet de l'IBAMA est la conclusion d'un bras de fer entre le gouvernement, porteur du projet, et les organisations de défense de l'environnement. La construction de barrages étant interdites dans les zones forestières protégées, le gouvernement a, en 2012, réduit la surface de la zone protégée du bassin du Tapajós, permettant la licence. Néanmoins, les ONGs internationales comme International Rivers, Greenpeace ou l'organisation brésilienne Instituto Socioambiental (ISA) se sont mobilisées pour dénoncer les pratiques du consortium. Dans cette zone protégée, vivent des indigènes de la tribu Munduruku, dont la terre *Sawré Muybu* n'était pas encore démarquée officiellement. Les Munduruku, une des tribus les plus organisées dans la contestation, ont établi une stratégie pour la

Image 19 : João Pedro Gonçalves da Costa lors de l'Acampamento Terra Livre 2017.

[107] Les informations relatives au barrage de São Luiz sont tirés du RIMA, publié en 2014 par le Diálogo Tapajós.

[108] François-Michel Le Tourneau, *Op. Cit.*, 2014.

démarcation de la terre, en collaboration avec la FUNAI, Fondation nationale de l'indien, organe gouvernemental indépendant[109]. En avril 2015, la FUNAI, sous la direction de João Pedro Gonçalves, déclare le territoire Sawré Muybu terre indigène protégée L'IBAMA n'a pas d'autre choix que de refuser la licence du barrage de São Luiz. Par la suite, João Pedro Gonçalves a été démit de ses fonctions sous la présidence de Michel Temer (2015-).

Mais l'empiétement des terres indigènes n'est pas l'unique raison pour laquelle l'IBAMA n'a pas accordé la licence de construction de l'usine. En cause, la crise budgétaire, qui a impacté les moyens de l'État pour developper la production énergétique. De plus, de nombreuses études indiquent aujourd'hui la relativité de la rentabilité des usines hydroélectriques[110]. Le consortium du Diálogo Tapajós travaille toujours sur des alternatives afin de faire accepter les études d'impact. Cependant, au mois de janvier 2018, le président de l'EPE, (Empresa de Pesquisa Energética), organe gouvernemental du ministère de l'énergie, a annoncé la vente des capitaux au secteur privé d'Eletrobras, entreprise nationale en charge de la plupart des usines hydroélectriques. Celui-ci a annoncé la volonté de privatisation dans le but d'abandonner peu à peu la construction de mégaprojets hydroélectriques au Brésil, pour se concentrer sur l'énergie solaire et éolienne. Le projet du complexe du Tapajós n'est pas abandonné, mais laissé, une fois de plus, à l'entière charge du secteur privé.

b) Une formation des contestations proactive

À Itaituba, Fred Vieira, coordinateur local du MAB, est aujourd'hui le seul salarié de l'organisation. Son travail est radicalement différent de celui de Jackson et Elisa à Altamira que nous avons évoqué précédemment car les besoins militants diffèrent. À Altamira, les impacts liés à la construction du barrage se font ressentir depuis déjà plusieurs années. Comme analysé précédemment, le travail du MAB Altamira se résume principalement à de l'assistance juridique et du soutien aux populations dont le mode de vie a été bouleversé par les impacts directs et indirects de l'usine. Ici, l'action du MAB est beaucoup plus restreinte. Le travail de Fred consiste principalement à informer les habitants d'Itaituba sur les procédures en cours pour l'accord de permis de construire et sur les projets du consortium pour mettre à jour le PBA et le RIMA. Fred connaît toutes les associations de la ville, tous les caciques des tribus indigènes et plus globalement la plupart des habitants du centre-ville partisans de la cause.

---

[109] Lors de l'Acampamento Terra Livre (ATL) de 2017, João Pedro Gonçalves da Costa, ancien directeur de la FUNAI et sénateur de l'Amazonie et Aleksandra Munduruku, cacique ont accepté de décrire la stratégie adoptée pour faire démarquer la terre *Sawré Muybu*.

[110] Elisângela Papst, "Viabilidade financeira ou econômica: estamos avaliando os custos sociais e ambientais de projetos de usinas hidrelétricas no Brasil?", Brasília, *Revista da Universidade de Brasília,* 2014.

Il est intéressant de noter que le travail d'information du MAB est moins conséquent pour le projet du complexe du Tapajós. En effet, Itaituba étant situé à une distance relativement proche d'Altamira, et les conséquences du barrage ayant eu une telle résonance dans la région et dans le pays, qu'ici, il est impossible d'ignorer les différents impacts relatifs à la construction de l'usine. Fred, comme Edimilson Cloth de l'IPAM (Institut de recherche environnementale en Amazonie) décrivent de la même manière la réaction des habitants d'Itaituba à l'annonce du projet de construction de barrages dans la région à partir en 2008. Au départ très réticents, les habitants d'Itaituba craignaient les mêmes conséquences qu'à Belo Monte : inondation des terres, inflation, indemnisation partielle… Dès les prémices de l'étude de projet, les organisations militantes se sont formées, parmi lesquelles le MAB d'Itaituba, pour être prêtes à revendiquer leurs droits au moment opportun. Puis, les opinions se sont faites de plus en plus contestataires au fil des e réunions publiques organisées par le consortium. Les promesses d'emploi, de développement de la ville, de croissance commerciale et d'augmentation de l'attractivité de la zone n'ont pu convaincre qu'une partie infime de la population.

Afin de ne pas risquer la formation de contestations trop importantes, les entreprises intéressées par le projet, ont fait appel à des chercheurs indépendants pour former le «Diálogo Tapajós». L'équipe du Diálogo Tapajós était constituée de treize membres : journalistes, spécialistes de la communication, graphistes, journalistes et s'est implantée de 2013 à 2015 à Itaituba. Leur objectif principal était la rencontre et la diffusion d'informations auprès de la population. Afin de maintenir de bonnes relations entre le consortium et les riverains du Tapajós, le Diálogo a organisé régulièrement des réunions publiques, des discussions avec les caciques indigènes et les syndicats. Ils ont largement diffusé des bulletins d'information, plaquettes avec cartes et schémas, et ont mis à disposition les études d'impact et programmes de compensation dans des versions informatives et ludiques. Le but était de montrer que, contrairement aux anciennes constructions de barrages dans la région, le projet du Tapajós se montrait ouvert à la discussion, moderne dans ses innovations techniques et attentif aux besoins de la population impactée. Le consortium a donc cherché à créer un climat de confiance.

Après le refus de la licence par l'IBAMA, les équipes de terrain présentes à Itaituba ont été démises de leurs fonctions. Cependant, l'équipe coordinatrice basée à São Paulo continue de travailler avec le consortium pour trouver des alternatives au projet, tout en revendiquant leur indépendance vis à vis du consortium. Silvia Pompeia m'a reçu le 13 juin 2017 dans son bureau de São Paulo pour m'expliquer les défis de cette nouvelle forme de communication qu'a choisi le consortium du Diálogo : « *Nous ne voulions pas travailler pour être à la disposition d'Eletronorte. Quand ils nous ont demandé notre aide, j'ai exigé en contrepartie une totale indépendance. Nous travaillons avec les informations produites par les ingénieurs choisis par Eletronorte mais nous essayons d'être objectifs dans les*

informations que nous diffusons aux habitants d'Itaituba. Eletronorte finance le Diálogo, mais avec la promesse d'être libres dans les outils de communication que nous produisons[111]».

C - Quels interlocuteurs pour les actions contestataires ?

> «Le travail de négociation a été intense avec les Mundurukus. Nous avons réussi à faire reconnaître leur terre à temps pour faire suspendre la licence de l'usine. Mais le barrage sera construit quoiqu'il arrive. Le problème reste en suspens pour les populations riveraines, qui n'ont pas d'agences gouvernementales comme la FUNAI pour défendre leurs droits[112]», Jõao Pedro Gonçalves da Costa, propos recueillis le 25 avril 2017 à Brasilia, lors de l'Acampamento Terra Livre, semaine de contestation indigène.

a*) Difficile identification des interlocuteurs*

Lors de nos rencontres avec de nombreux mobilisés dans l'État du Pará, une question revenait sans cesse, à savoir: contre qui les mobilisés portent-ils leurs revendications ? Cependant, que ce soit le MAB, Antônia Melo, l'IPAM (Institut de recherche environnementale de l'Amazonie) ou le CIMI (conseil indigéniste missionnaire), aucune de ces organisations que nous avons rencontré ne parviennent réellement à identifier le destinataire de leurs revendications. Les mobilisés s'insurgent, produisent du contenu informatif mais ne parviennent pas à négocier avec les acteurs en charge de la construction des barrages.

La difficulté réside dans la multiplication des acteurs impliqués dans les politiques de développement énergétique. Depuis la mise en place des Partenariats-Publics-Privés, l'État et ses instances gouvernementales ne sont plus les seuls interlocuteurs. Dans les projets de constructions dans années 1980, l'entreprise en charge était majoritairement publique. Ainsi, les acteurs mobilisés, lorsqu'il y en avait, s'adressaient directement aux ministères concernés et aux agences du gouvernement telles que la FUNAI ou l'IBAMA. Le consortium de Belo Monte

---

[111] Citation originale : *« A gente não queria trabalhar à disposição da Eletronorte. Quando eles pediram nossa ajuda, exigi ser independente na forma do trabalho. Nos trabalhamos com as informações dos engenheiros escolhidos por Eletronorte mas nos tentamos ser objetivos sobre as informações que nos passamos aos moradores de Itaituba. A Eletronorte financia o Diálogo, mas com a promessa de ficar totalmente livre nos instrumentos de comunicação que produzimos »*, propos recueillis à São Paulo le 13 juin 2017.

[112] « Foi uma negociação intensa com os *Mundurukus*. Conseguimos reconhecer a terra protegida a tempo para suspender a usina. Mas o barragem acontecerá de qualquer jeito. O problema fica com os ribeirinhos, que não tem uma agencia igual à FUNAI para defender os proprios direitos», João Pedro Gonçalves da Costa, propos recueillis le 25 avril 2017 à Brasilia.

regroupe une pléiade d'acteurs bien plus diversifiés. Eletronorte, filiale d'Eletrobras, a été créée en 1962 comme une entreprise publique. Suite aux politiques libérales des années 1990, Eletrobras s'est peu à peu transformée en société anonyme d'économie mixte, dont le capital est en partie détenu par l'État brésilien. D'autres investisseurs privés détiennent donc des actions de l'entreprise, et les négociations se font dans un compromis entre les actionnaires. Pour construire l'usine hydroélectrique de Belo Monte, Eletrobras a créé une filiale, Eletronorte, qui elle même fait partie du consortium Norte Energia, entièrement dédié à ce projet. Dans le consortium de Belo Monte, ce sont des entreprises privées principalement brésiliennes qui ont investi dans le consortium. Le groupe Engie, (GDF-Suez à cette période), sous sa filiale Leme, a été contracté pour réaliser l'EIA, le RIMA, le PBA et les audiences publiques. Finalement, c'est Leme qui a défini les politiques de compensation et tenté de faire accepter les plans d'indemnisation de la population, et les politiques de développement. Les partenariats public-privé brouille l'identification des interlocuteurs. Le consortium de Belo Monte est officiellement brésilien, mais financé à la fois par Eletrobras, société à fonds publics, et par des entreprises privées, qui contractent elles-mêmes d'autres multinationales pour répartir les tâches liées aux politiques de responsabilité sociale. L'interlocuteur pertinent pour adresser ses revendications est donc multiple. À qui par exemple, adresser ses griefs concernant l'absence de transport en commun dans les nouveaux quartiers construits dans le cadre des politiques d'indemnisation ? L'IBAMA, agence gouvernementale, qui a accepté le plan de développement de Norte Energia ? Norte Energia, encore responsable de l'absence de dédommagement de la population ? Leme, et ainsi GDF-Suez, qui a façonné le plan d'indemnisation ? La mairie d'Altamira, responsable des politiques publiques de développement ? Avec la privatisation des chantiers publics, la responsabilisation est compliquée, chacun rejetant la faute sur l'autre.

Dans le cas de l'usine São Luiz de Tapajós, le manque de clarté dans l'identification des interlocuteurs est similaire. De nombreuses entreprises financent les études d'impact, mais certaines, dont GDF-Suez, se sont déjà désengagées de la construction. Eletrobras est, dans ce cas-ci toujours l' investisseur le plus important. S'adresser aux responsables des politiques de dédommagement devient de plus en plus complexe, en particulier pour les plus petites structures, qui, par manque de moyens, peuvent difficilement se déplacer lors de réunions souvent organisées au siège social des entreprises (São Paulo pour la plupart des entreprises privées, Florianópolis pour Engie) ou à Brasilia.

Le MAB a rapidement compris ce besoin d'unifier les ressources militantes pour avoir plus de poids dans la négociation. Rogério Paulo Hohn, rencontré le 31 mars 2017, se souvient de la première rencontre nationale des travailleurs atteints par les barrages. Cette rencontre a permis aux différents mouvements locaux de s'unifier, afin d'acquérir un pouvoir de négociation

plus important contre le grand plan 2010 d'Eletrobras. Il existait déjà à l'époque un certain nombre de mouvements locaux mobilisés contre les barrage de Tucuruí, d'Itaipu, ou de Itaparica[113]. Le MAB est constitué en 1992 et permet une mise en commun des luttes locales. Plutôt que de protester contre les impacts locaux des grandes usines hydroélctriques, le mouvement national des atteints par les barrages se donne pour mission de lutter plus globalement contre la privatisation de l'eau et contre les grandes politiques développementalistes dans les zones rurales. Ainsi, le MAB a pu s'imposer comme la tête de pont des négociations lorsqu'un nouveau projet de barrages voit le jour ou lorsqu'il s'agit d'organiser des consultations publiques. Grâce à son comité national et son ancrage local, le MAB peut rapidement diffuser les informations et organiser contestations ou négociations. Ainsi, le comité national a rapidement accès aux décideurs politiques et responsables des programmes de compensation privés. Que ce soit à Itaituba ou à Altamira, les mouvements sociaux locaux sont parvenus à mobiliser une bonne partie de la population, ou du moins ont réussi à mettre en avant les problèmes liés aux constructions de barrages. Leur mission principale étant de faire prendre conscience à la population impactée des risques encourus et de leurs droits à la consultation, ou à l'indemnisation, on peut penser que ceux-ci ont rempli leur rôle. Mais ces mouvements locaux ne parvenant pas à discuter avec les décideurs politiques ou privés, l'impact de leurs mouvements est très limité. Avec un répertoire d'actions collectives limité, il est pour eux difficile de modifier durablement les politiques publiques.

b) *Production de l'acceptabilité*

Lorsqu'il parle des équipes du Dialogo Tapajós, Fred, du MAB, évoque *«ceux qui connaissent tout le monde à Itaituba, même les chiens errants !»*. C'est une manière pour lui de souligner que les membres de cette équipe déployée par le consortium pour communiquer avec les habitants se sont tellement rendus disponibles et attentifs qu'ils connaissent maintenant tous les résidents de la ville. En réussissant à communiquer de manière intensive avec la population d'Itaituba, le consortium à cherché à faire accepter le projet de barrages, malgré les réticences dues à la connaissance des conséquences néfastes de Belo Monte.

L'observation de terrain a permis de tester les hypothèses de Pierre-Louis Mayaux, qui a travaillé sur les privatisations des services d'eau en Amérique Latine[114]. La privatisation des services de gestion de l'eau a connu un âge d'or grâce à l'émergence de ces «partenariats public-privé

[113] Carlos Vainer, *Op. Cit.,* 2003.

[114] Pierre-Louis Mayaux, *Op. Cit.,* 2010.

(PPP)», à l'image des projets hydroélectriques. Ce chercheur montre comment la réforme des entreprises publiques, conçue comme une condition d'efficacité au cours des années 1990, a rapidement provoqué des contestations et des relations conflictuelles entre les populations locales, les institutions financières internationales et les leaders mondiaux du secteur. Comme Pierre-Louis Mayaux le souligne, la privatisation de ces secteurs fondamentaux pour les populations locales provoque des contestations dès lors qu'elles induisent des changements abrupts et de grande ampleur dans la vie locale. Cette thèse est également valable pour le secteur énergétique, puisque l'ouverture de ce secteur aux PPP génère des changements irrémédiables dans les communautés excentrées des zones rurales brésiliennes. Comme à La Paz ou Carthagène, on constate à Belo Monte une absence d'élaboration de réel discours justificateur de la part des gouvernants.

Pierre-Louis Mayaux[115] montre qu'à Carthagène, les processus de réformes n'ont pas été accompagnés d'un débat politique quant à leur bien-fondé mais bien par des discussions discrètes, permettant de former une acceptabilité du projet. Il montre également que ce phénomène s'accompagne d'une dépolitisation de la population, suscitant une indifférence, une apathie ou une ignorance. Comme dans son étude de cas, la plupart des habitants d'Itaituba ignorent même que le projet du Tapajós est financé par des capitaux privé. Le consortium du Tapajós a dépensé énormément d'argent pour produire cette acceptabilité à Itaituba. Mais cette dépense d'argent permettra, selon les équipes du Diálogo Tapajós, à faire accepter plus facilement le barrage, puisque les habitants connaitront à l'avance les conséquences. Ceci permet alors d'annihiler les contestations sociales et d'accélérer les étapes de la construction une fois que la licence sera accordée. En comparaison du projet de Belo Monte, les entreprises investies dans le projet du Tapajós ont alors radicalement changé de stratégie. Pour les équipes du Diálogo, il s'agit de faire un barrage qui aura moins d'impacts sociaux, puisque toutes les parties prenantes seront consultées, pour d'autres, il s'agit plutôt d'apaiser les tensions sociales en amont, pour économiser de l'argent et du temps au consortium à la fin du processus.

c) La désillusion du pouvoir d'action des organes gouvernementaux

Christian Geffray, anthropologue français qui a longtemps étudié les liens de pouvoir en Amazonie, décrit la persistance des schémas oligarchiques dans certaines villes du Pará, particulièrement celle de Marabá[116]. Il y observe la persistance des pratiques politiques marquées

---

[115] Pierre-Louis Mayaux, *Op. Cit.,* 2015.

[116] Christian Geffray, *Chroniques de la servitude en Amazonie brésilienne : essai sur l'exploitation paternaliste,* Paris, Karthala, 1995.

par le clientélisme et la domination des grandes familles. On peut imaginer le même type de schéma à Altamira, où des actions anti-corruption avaient été menées dans les années 1990.

Domingos Juvenil, maire d'Altamira depuis 2001, fait partie de cette oligarchie familiale ancrée à Altamira depuis plusieurs générations. Avant d'être maire d'Altamira, il a occupé de nombreuses fonctions politiques depuis 1975. Alternant les postes de président de l'assemblée législative du Pará, de député fédéral, ou de maire de Vigia, une autre commune du Pará. Aujourd'hui, son fils, Ozório Juvenil, député fédéral, suit le même chemin. Rencontré le 11 mai 2017, celui-ci nous confiait à propos des problèmes de sous-développement à Altamira : « *Ce n'est pas que nous faisions rien pour les altamirenses, c'est qu'ils ne veulent pas travailler. Ils sont habitués à vivre dans le confort où tous les avantages arrivent automatiquement. Il faut les éduquer, leur montrer comment travailler par eux-mêmes*[117]». Comme dans beaucoup de villes au Brésil, les décisions politiques sont prises par une élite oligarchique, qui fait très peu participer les citoyens.

Comme le souligne Pierre-Louis Mayaux, c'est traditionnellement ces élites politiques qui doivent fournir la légitimité nécessaire à l'acceptation des transformations abruptes de la vie locale. Et pourtant, les enquêtés, à la fois à Altamira et à Itaituba n'ont plus confiance dans ces institutions pour accorder de l'aide ou développer la ville. Cette défiance est née d'une multiplication des promesses et des déceptions venant des mairies, mais aussi d'un climat global de défiance dû à la corruption. En 2016, Felício Pontes, à l'époque promoteur du ministère public fédéral de l'État du Pará, déclarait : «*Le motif qui explique le choix irrationnel de l'installation d'usines hydroélectriques au Brésil en Amazonie est la corruption. En d'autres termes, la planification énergétique n'est pas traitée comme un sujet stratégique au Brésil, qui considérerait le futur de la nation, mais, au moins depuis l'époque de la dictature militaire, comme moyen d'enrichissement pour les entreprises et la classe politique. Je pense que, jusqu'à ce que ces questions explosent et soient résolues, nous continuerons à avoir des barrages coûteux et inefficaces, qui causeront de sérieux dommages sociaux et environnementaux à la forêt amazonienne*[118]».

En plus de ces inévitables problèmes de corruption au Brésil, les populations impactées, que ce soit les indigènes ou les populations traditionnelles, ont perdu l'illusion d'obtenir le soutien d'agences étatiques telles que la FUNAI ou l'IBAMA. Leurs échanges avec les organismes

---

[117] Citation originale : « Não é que a gente faz nada por Altamira, o problema é que eles não querem trabalhar. Eles sempre vivem no hábito que as vantagens vão cair de nada. Tem que educar eles, mostrar como merecer», Ozório Juvenil, 11 mai 2017.

[118] Citation originale : « O motivo que explica a opção irracional por instalações hidroelétricas na Amazônia é a corrupção. Em outras palavras, o planejamento energético não é tratado como um assunto estratégico no Brasil, que considera o futuro da nação, mas sim, ao menos desde a época da ditadura militar, como fonte de dinheiro para empreiteiras e políticos. Eu acho que, até que essas questões sejam expostas e resolvidas, continuaremos a ter barragens caras e ineficientes, e que causam sérios danos sociais e ambientais à Amazônia ». Source : Interview pour *Mongabay,* disponible en ligne : https://pt.mongabay.com/2018/01/brasil-anuncia-fim-da-politica-construcao-megabarragens-na-amazonia/

mobilisés leur ont fait prendre conscience du faible pouvoir d'action des agences publiques lorsqu'il s'agit de mégaprojets au poids financier et politique aussi important. Les populations indigènes ayant de bonnes relations avec les agents de la FUNAI, des négociations ont permis de petites améliorations sociales, telles que la construction d'écoles dans les *aldeias,* la traduction des documents officiels en langue guarani ou encore la demande, encore très peu respectée, de consultations publiques. Quant aux populations traditionnelles, celles-ci n'ont accès à aucune arène de négociation privilégiée.

Conclusion du chapitre 2

En seulement quelques années, Altamira a doublé sa population. La ville a connu de nombreux bouleversements depuis l'arrivée de la transamazonienne sur son territoire. L'accès par cette route a facilité l'extraction des ressources primaires et la déforestation. Mais en 2010, les promesses d'emploi et de développement de la ville par le consortium en charge du chantier de Belo Monte ont apporté des changements irrémédiables. Hausse du taux d'homicides, nombre d'accidents de la route démesurée, chômage élevé, hausse de l'insécurité, entassement des habitants dans des habitations insalubres, hôpitaux saturés, salubrité publique déplorable… Tous ces problèmes constatés à Altamira ne sont pas directement imputables au barrage de Belo Monte, mais ce sont bien des impacts indirects de l'arrivée d'un investissement de cet envergure. Les politiques d'indemnisation existent pour résorber les changements imposés au habitants des villes impactées. Cependant, ce chapitre a pu montrer que ces politiques ne sont en réalité que partiellement appliquées, et que la réalisation des études d'impact n'est faite que pour permettre la signature de la licence de construction par l'IBAMA.

Les habitants d'Itaituba ne sont pas ignorants face aux impacts indirects que pourraient causer l'arrivée du chantier du Tapajós. Par conséquent, ceux-ci ont été pro-actifs dans la constitution de mouvements sociaux. Mais depuis les premières études d'impact du projet Kararaô, les firmes hydroélectriques et les gouvernements appuyant ces investissements ont également évolué. Afin de ne pas reproduire les mobilisations transnationales provoquées par la construction du barrage de Belo Monte, le consortium du Tapajós tente de produire l'acceptabilité du projet par les riverains et les mobilisés en amont. La firme produit du contenu informatif, développe des procédés techniques permettant un moindre impact environnemental et communique largement auprès de toutes les organisations et habitants impactés. Le but est de produire l'illusion de l'identification d'un interlocuteur unique pour faire connaître ses revendications. À travers les programmes de responsabilité sociale des entreprises, les usagers impactés à Altamira et les contestataires d'Itaituba ne se tournent plus vers l'État mais bien vers les firmes transnationales.

Chapitre 3 - L'impact global de l'arrivée des multinationales sur l'action publique et les conflits sociaux

> « La réflexion sur le rôle des multinationales dans les pays du Sud s'inscrit dans ce clair-obscur, dans cet espace gris où les torts sont partagés et les visées confuses. Entre « doux commerce » et guerre économique, comment déchiffrer les échanges planétaires ? Comment discerner qui est redevable de quoi, comment et à qui ? Peuvent-elles, et de quelle manière, contribuer au développement durable des communautés locales des pays du Sud où elles ont leurs activités ? Depuis quelques années, sous la pression combinée de l'opinion publique de leurs pays d'origine et des pays hôtes, sous des menaces environnementales et politiques accrues, elles ont repris les objectifs du développement durable à leur propre compte. Face à la montée des inégalités à l'intérieur des pays, face aux scandales financiers et aux abus dont elles ont pu être la source, elles cherchent à gagner une légitimité non seulement économique et juridique mais aussi morale». Renouard Cécile, *La responsabilité éthique des multinationales,* Paris, Presses Universitaires de France, « Éthique et philosophie morale », 2007.

Après avoir détaillé le contexte dans lequel les investissements étrangers se sont développés en Amazonie brésilienne et au Pará et comment les politiques gouvernementales ont mis au point les partenariats public privé pour financer le développement énergétique, nous nous sommes particulièrement intéressés aux observations de terrain. L'enquête de terrain à Altamira et Itaituba et la discussion avec de nombreux acteurs impliqués dans les constructions de barrages au Pará ont permis d'analyser l'impact global de l'arrivée des mégaprojets sur l'action publique et sur les conflits sociaux. La réflexion sur le rôle des multinationales dans les zones territoriales en voie de développement est intéressante, puisque ce sont des zones dans lesquelles l'État peut difficilement asseoir sa souveraineté.

Dans ce chapitre, la question est donc de comprendre comment les politiques publiques au Pará s'appuient sur les pratiques de compensation et de responsabilité sociale des entreprises et comment cela influe sur les conflits sociaux. Le premier raisonnement sera de déterminer comment la responsabilisation des acteurs est questionnée dans ces grands partenariats public-privé. Dans une seconde partie, l'analyse se concentrera sur l'impact des mégaprojets transnationaux sur les mobilisations sociales, et plus spécifiquement, l'influence de l'international

sur les conflits. Enfin, il s'agira d'analyser comment l'arrivée des multinationales transforme l'action publique et les mouvements contestataires dans les villes isolées d'Amazonie et de se questionner sur un possible retrait de l'État face aux multinationales. Nous analyserons alors les interdépendances entre les politiques publiques d'industrialisation, les acteurs privés de production d'énergie et les mobilisations sociales.

A - La responsabilisation des acteurs à l'ère des partenariats public-privé

> « Ce n'est pas une simple métaphore de dire qu'il y a un abandon accéléré du territoire, puisque le modèle économique refuse au pays les outils de sa régulation, mettant dans d'autres mains (généralement étrangères) les projets et objectifs pouvant être entièrement étrangers ou défavorables aux intérêts niveau national. C'est de cette façon que des zones entières restent théoriquement sur le territoire, faisant partie de la carte du pays, mais sont retirées du contrôle souverain de la nation [119] »
> Milton Santos, *O país distorcido : O Brasil, a globalização e a cidadania,* São Paulo, Publifolha, 2002.

a) Quel est l'acteur responsable ?

Comme cela a été longuement détaillé dans les deux premiers chapitres, à partir des années 1980, les gouvernements brésiliens successifs ont eu largement recours aux investissements étrangers pour financer les grands plans de développement industriel. La multiplication des acteurs privés impliqués dans la construction de mégaprojets permet, selon certains chercheurs comme Fabienne Boudier[120], un brouillage de l'implication et du contrôle de chacune des parties prenantes (fournisseurs, donneurs d'ordre, organismes financiers, États…), empêchant d'imputer clairement la responsabilité sociale et permettant à chacun d'y échapper. Ainsi, elle se demande : *« comment délimiter le périmètre de la responsabilité sociale des FMN ? Sont-elles totalement, ou au contraire aucunement, responsables des manquements de leurs fournisseurs, des autorités du pays d'accueil ou des autres acteurs avec lesquels elles coopèrent ? La responsabilité sociale demande-t-elle à être*

---

[119] Citation originale : « Não é simples metáfora dizer que está havendo uma entrega acelerada do território, já que o modelo econômico consagrada recusa ao país as ferramentas da sua regulação, pondo em outras mãos (geralmente estrangeiras), cujos projetos e objetivos podem ser inteiramente estranhos ou adversos ao interesse nacional. É desse modo que áreas inteiras permanecem nominalmente no território, fazendo parte do mapa do país, mas são retiradas do controle soberano da nação».

[120] Fabienne Boudier, Faouzi Bensebaa, «Responsabilité des firmes multinationales : faut-il être propriétaire pour être responsable ?», *Mondes en développement, n.4,* (n144), 2008, p27-44.

partagée entre les différentes parties prenantes ? Dans quelle mesure une firme qui n'exerce pas son influence sur ses partenaires pour faire respecter le droit au travail ou le droit environnemental est-elle responsable des violations de ces droits par ces derniers ?». Ce fut le cas pour la construction du barrage de Belo Monte, où la multiplication des organismes responsables rendaient impossible la responsabilisation d'une firme particulière. Mais les conséquences pour l'image du consortium et du gouvernement porteur du projet ont été désastreuses. GDF-Suez par exemple, s'est vue obligée de promettre un retrait des consortiums de constructions de barrages en Amazonie après avoir subi la pression de Greenpeace et avoir reçu le « Public Eye Award[121]» en 2010. Les entreprises investies dans la construction de barrages au Pará ne pouvant plus se permettre de recevoir les critiques des organisations internationales, les politiques de «Green-Washing» se sont développées, à l'image de celle mise en place avec l'envoi de l'équipe de communication du Diálogo Tapajós à Itaituba.

De plus les investissements étrangers ont largement évolué dans les dernières décennies. Au lieu de financer directement les mégaprojets, notamment hydroélectriques, les firmes multinationales ont recours à des formes organisationnelles détournées : vente de savoir-faire et de technologie, contrat de gestion, rapports et études… Ainsi, les firmes n'ont pas de droits de propriété sur la construction[122]. C'est le cas par exemple de l'usine de Belo Monte, où Leme, filiale d'Engie, est uniquement chargée de l'étude d'impact du barrage, et ne détient aucun titre de propriété. Lors du congrès de droit environnemental de São Paulo, le 7 juin 2017, José Lourival Magri, responsable du développement durable chez Engie Brésil a accepté de nous accorder un entretien. Le discours officiel de la multinationale consiste à dire qu'ils ne sont plus engagés dans l'usine de Belo Monte. En effet, Engie s'est retiré du consortium après la répétition des scandales provoqués par les amendes infligés par l'IBAMA et par l'opération anti-corruption Lava Jato. Cependant, Leme, filiale du groupe, est encore impliqué dans le consortium, et est notamment en charge de la réalisation des programmes de développement compris dans le PBA. Dans le cas du barrage de São Luiz de Tapajós, les firmes ayant financé les études d'impact n'ont pas indiqué leur forme organisationnelle pour le moment. Il convient alors de s'interroger sur la part de responsabilité engagée par les firmes dans de tels cas puisque l'identification d'un acteur responsable pour les dommages causés n'est pas simple.

---

[121] Vote organisé chaque année en marge du forum économique mondial pour mettre en lumière les manquements des multinationales en matière de droits de l'Homme et de désastre écologique. Pour plus d'informations : < http://publiceyeawards.ch>

[122] Fabienne Boudier, Production mondialisée : du besoin d'un nouveau triptyque "concept, mesure, théorie", *La Mesure de la Mondialisation, Cahiers du GEMDEV,* (31), 2007, 99-114.

La Banque Mondiale emprunte la définition de responsabilité sociale des entreprises (RSE) au Conseil mondial des entreprises pour le développement durable (WBCSD), regroupement international d'entreprises dont l'action cite à promouvoir la place des firmes dans le développement durable : « L'engagement (ou l'obligation) pour le monde des affaires de contribuer au développement économique durable, en travaillant avec les salariés, leurs familles, la communauté locale et la société au sens large pour améliorer la qualité de vie, de façon à contribuer au développement et aux affaires». Cette définition, ainsi que la littérature et la recherche sur la RSE[123], montre que la firme est évaluée en fonction de ses actions, de ses comportements, sans s'intéresser à la propriété des actifs. La globalisation de l'économie et l'ouverture aux marchés privés des ressources primaires dans les pays en voie de développement, soulèvent des problèmes sociaux ou environnementaux. Ainsi, les firmes multinationales sont susceptibles de jouer un rôle déterminant dans certains territoires. Pour Dubbink, les firmes ont le pouvoir économique et social de pouvoir agir pour un développement raisonnable[124]. Elles ont l'aptitude d'influencer le résultat de processus sociétaux pertinents pour trouver des solutions à des problématiques de politiques publiques, sans solliciter les institutions politiques et gouvernementales. Les firmes n'auraient alors plus qu'un objectif de maximisation de la rentabilité mais aussi d'utilisation de ces profits pour remplir des objectifs sociaux sur le plus long terme. Elles sont alors contraintes de développer ces politiques de RSE pour maintenir une bonne image sur les marchés boursiers. Dans le cas brésilien, l'État a largement fait la promotion des capacités de ses ressources et a mis en place des politiques néo-libérales promouvant des avantages fiscaux à l'entrée d'investissement étranger. Il peut alors y avoir une forme de complaisance des États vis-à-vis des firmes multinationales, limitant ce développement intensif entièrement privé des politiques de RSE[125]. L'absence de contrôle de chacune des parties prenantes interdit d'imputer clairement la responsabilité sociale à un acteur et permet à chacun d'y échapper, comme c'est le cas dans la réalisation des programmes de développement obligatoires, mais partiellement appliqués, des PBA dans le cas des usines hydroélectriques.

b) Le rôle du ministère public fédéral (MPF) dans la régulation de la responsabilisation

Le Ministério Público Federal (MPF) pourrait être l'équivalent des procureurs de la République en France, à la différence que cet organe brésilien est indépendant des trois autres

---

[123] Jérôme Ballet, François De Bry, *L'éthique et l'entreprise*, Paris, Seuil, 2001.

[124] Wim Dubbink, «Democracy and Private Discretion in Business», *Business Ethics Quarterly*, 15(1), 2005, pp. 37-66.

[125] Fabienne Boudier, Faouzi Bensebaa, *Op. Cit.,* 2008.

pouvoirs législatif, exécutif, et judiciaire[126]. Tous ses membres, *procuradores* ou *promotores,* ont une autonomie complète pour exercer leurs fonctions. Leur rôle est de garantir l'ordre judiciaire et pour cela, les membres doivent s'assurer du respect des principes démocratiques, de la défense des droits individuels et de la garantie des valeurs sociales. Il intervient dans tous les sujets d'intérêt public et doit agir pour défendre l'intérêt commun. La défense des droits individuels sur lesquelles le MPF agit sont par exemple le droit à vie, le droit à la santé, à l'éducation… Le MPF est donc en charge de la surveillance des organes gouvernementaux, et doit s'assurer que l'État remplit son rôle. Pour ce faire, le MPF a deux attributions exclusives. L'action civile publique permet au MPF de responsabiliser, au nom de la collectivité, toute personne physique ou morale, y compris les administrations et agents publics. Si l'action civile parvient à prouver la violation de droits, l'organe public est alors condamné à réparer les dommages causés ou à payer une amende. L'action pénale publique, réservée uniquement au MPF, lui permet de dénoncer un crime contre l'intérêt général commis par une personne physique ou morale privée. Le MPF est divisé en bureaux régionaux, chaque procureur couvrant jusqu'à 10 municipalités.

Le MPF a eu un rôle majeur d'investigation et de dénonciation dans les enquêtes anti-corruption du *Lava Jato.* Depuis 2014, le MPF se charge de collecter des données de corruption et de dénoncer les agents publics et institutions mêlés dans les scandales de corruption. L'action du MPF a été largement médiatisée lors de la rupture du barrage de Fundão, aussi appelé Mariana, dans l'État du Minas Gerais. Le 5 novembre 2015, la rupture du barrage a provoqué le déversement de 50 millions de mètres cubes de résidus toxiques, provoquant une pollution irrémédiables des terres, et la mort de 19 habitants de la municipalité de Mariana. Le MPF a engagé 13 actions civiles publiques contre 21 personnes physiques responsables et 4 entreprises pour crimes environnementaux et homicides par négligence. Pour le moment, le MPF est parvenu à obtenir des garanties de remboursement à hauteur de 3 millions de réaux pour indemniser les populations et à imposer une amende d'un milliard de réaux à Samarco, la firme responsable du projet de Mariana.

Durant l'enquête de terrain, j'ai eu la chance de pouvoir m'entretenir longuement avec Thaís Santi, procureur de la République à Altamira et avec Luís de Camões Lima Boaventura, procureur à Santarém, qui m'ont longuement décrit leurs missions quotidiennes. Dans les municipalités que les deux procureurs gèrent, la problématique des impacts des grandes constructions hydroélectriques est omniprésente, ils travaillent conjointement pour défendre les intérêts individuels et l'intérêt commun. Depuis 2012, Thaís Santi s'interroge sur le bien fondé de

[126] Carla Mereles, « Ministério Público: Quais as suas funções ? », *Politize!,* 2017.

l'usine hydroélectrique de Belo Monte et sur ses conséquences sur l'espace public, les altamirenses et les populations indigènes. Elle a poursuivi des actions en justice contre le consortium afin d'obliger l'organisation d'audiences publiques et a remis en question les études d'impact à de nombreuses reprises. Les investigations du MPF à Altamira ont permis à l'IBAMA de suspendre la licence de construction et infliger à Norte Energia des amendes pour compenser l'impact environnemental. Aujourd'hui, elle remet en question l'application des programmes du PBA que Norte Energia s'est engagé à respecter. La procureur à Altamira tente en particulier de monter une action civile pour faire reconnaître le crime d'ethnocide, provoqué par le consortium Norte Energia en association avec le gouvernement fédéral. Dans leur rapport, le MPF définit l'ethnocide comme suit : « On peut considérer comme ethnocide toute décision politique prise en l'absence du consensus des communautés affectées par de telles décisions, qui entraînent la destruction du mode de vie des communautés, ou constituent une menace sérieuse à la continuité de ce mode de vie[127] ». Thaís Santi dénonce, par le biais du MPF, l'action des responsables des programmes de compensation, en particulier en ce qui concerne certaines tribus indigènes. Les *Arara* par exemple, font partie d'une tribu qui n'est entrée en contact avec les autres habitants d'Altamira que récemment. Quand les négociations avec le consortium ont commencé, les *Arara*

Image 20 : Thaís Santi, procureur de la République accompagnée à droite du président de la FUNAI Antonio Costa, à gauche du responsable de l'IBAMA à Altamira, Hugo Loss lors d'un débat public sur les conséquences de Belo Monte à Altamira en 2017. Source : Lilo Clareto pour le MAB.

[127] Définition originale : «Pode-se considerar como *ação etnocida*, no que concerne às minorias étnicas situadas em território nacional, toda decisão política tomada à revelia das instâncias de formação de consenso próprias das coletividades afetadas por tal decisão, a qual acarrete mediata ou imediatamente a destruição do modo de vida das coletividades, ou constitua grave ameaça (ação com potencial etnocida) à continuidade desse modo de vida».

n'avaient pas de responsable de la FUNAI à leurs côtés, comme pourtant prévu par la Constitution. Les négociateurs de Norte Energia ont proposé aux *Arara* de leur offrir la compensation de leur choix pour les indemniser de l'inondation de leurs terres et de la probable extinction des poissons du fleuve Xingu. Cependant, les *Arara* se sont divisés, voulant tous demander des biens matériels différents. Finalement, l'accord du PBA a été signé, les *Arara* acceptant de laisser leurs terres, en échange de 60 ballons de football, 3 écrans plasma, quelques matelas et des palettes de soda. La procureur dénonce l'ethnocide provoqué par Norte Energia car les *Arara* sont maintenant confrontés à des problèmes de diabète, se sont divisés en plusieurs camps, n'ont plus la possibilité de pêcher, n'ont pas acquis de connaissances pour la plantation et ont perdu leur savoir médicinal traditionnel par exemple. Pour elle, un PBA qui génère une dépendance absolue aux biens matériels doit être dénoncé. Parmi d'autres actions, elle tente également de faire reconnaître l'interdépendance du barrage de Belo Monte à la future usine minière de Belo Sun. La construction de Belo Monte n'aurait pas été pensée pour résoudre les problèmes d'insuffisance énergétique des grandes métropoles brésiliennes mais pour fournir en électricité la future usine privée d'extraction minière toute proche.
Luís de Camões Lima Boaventura essaye de son côté d'anticiper les problèmes que pourraient poser le barrage de São Luiz do Tapajós. Il travaille conjointement avec Thaís Santi mais également avec la rapporteuse des Nations Unies pour les peuples indigènes, Victoria Tauli-Corpuz.

De par ces tentatives d'action en justice, le MPF joue un rôle fondamental dans la responsabilisation des firmes multinationales et des actions de l'État. Finalement, le MPF est peut-être le seul organe qui permet aux populations impactées de faire valoir leurs droits et d'identifier correctement l'acteur responsable des impacts environnementaux et sociaux. Cependant, si le MPF permet cette responsabilisation des acteurs, les moyens de coercition sont très faibles. Si l'organe privé ou public est mis en cause, celui-ci ne pourra être condamné qu'à des sanctions monétaires ou à proposer une indemnisation des dommages causés. Les amendes infligées sont peu conséquentes et n'empêchent pas le lancement de nouveaux mégaprojets sur le long terme.

B - La transnationalisation des mouvements sociaux

> « Une contestation transnationale est l'interaction épisodique et collective entre des auteurs de revendications et leur cible, impliquant au moins un acteur étatique, et des parties dans plusieurs pays. Les mouvements sociaux transnationaux peuvent ainsi être définis comme des organisations internationales non-gouvernementales opérant dans plus de deux États et ayant pour objectif le changement social ». Sidney Tarrow, « La contestation transnationale », *Cultures et conflits,* n°38/39, pp. 187-223, 2000.

a) *Stratégies de mobilisation différentes à Altamira et Porto Velho*

Afin de comprendre les effets de la transnationalisation des mouvements sociaux contre le barrage de Belo Monte, cette partie compare les mouvements contestataires qui se sont formés contre les barrages hydroélectriques de Belo Monte à Altamira et de Jirau à Porto Velho. Ces deux usines hydroélectriques ont la particularité d'avoir connu de nombreuses mobilisations. Ces mobilisations ont rassemblé des acteurs très divers : tribus indigènes protestant contre l'appropriation de leurs terres et les déplacements forcés; activistes environnementaux agissant pour une meilleure prise en compte des conséquences néfastes des projets; luttes syndicales pour l'amélioration des conditions de vie et de travail des ouvriers; activistes internationaux pour la reconnaissance des violations des droits de l'homme.

Seulement, même si les deux projets ont connu tous les deux d'imposantes oppositions, les conséquences de ces mobilisations n'ont pas été identiques. En partie grâce aux mobilisations qui ont connu un écho international, la construction de l'usine de Belo Monte a été réétudiée, stoppée à de nombreuses reprises et le projet de 1979 n'est toujours pas complètement inauguré.

La construction de l'usine de Jirau quant à elle, a pu prendre fin rapidement, malgré les oppositions, les affrontements violents, les disparitions suspectes de militants ouvriers et l'assassinat d'une militante du MAB.

Cette affirmation amène à se questionner sur la portée de la transnationalisation des mouvements sociaux, et à se demander si cette internationalisation permet une meilleure prise en compte des revendications et ce qu'apporte réellement l'internationalisation au mouvement social.

Image 21: Départ de feu dans les hébergements ouvriers du chantier de Jirau. Source : Caio Cavechini, Carlos Juliano Barros, "Jaci – Sete Pecados De Uma Obra Amazônica", Repórter Brasil, 2015, 102 minutes.

Dans le complexe du Rio Madeira, dont fait partie le barrage de Jirau, des groupes distincts se sont mobilisés sans jamais faire fusionner leurs luttes[128]. En 2006, les acteurs défendant les intérêts environnementaux parviennent à convaincre l'IBAMA, l'agence brésilienne pour l'environnement, de revoir les études sur l'impact écologique du projet[129] ce qui oblige le consortium à réaliser de nouvelles études. En effet, l'entreprise responsable de l'étude d'impact aurait profité de son monopole et est accusée de conflits d'intérêts. Elle aurait négligé les impacts sur les poissons, la pêche, et n'aurait pas considéré les répercussions pour toutes les communautés locales. Cependant, le gouvernement fait pression sur l'IBAMA, organe pourtant officiellement indépendant, pour autoriser le début des travaux. La construction commence en 2008. Le MAB, qui regroupe les plaintes des riverains indique que plus de 5000 personnes sont forcées au déplacement pour des raisons directement liées aux travaux. Mais de nombreux pêcheurs et agriculteurs sont également obligés de trouver de nouvelles terres pour survivre à l'assèchement du fleuve et à l'inondation des terrains cultivables aux alentours. Contrairement aux obligations juridiques, les audiences n'ont prévu que très peu de place pour le débat et ont exclu les classes les plus défavorisées[130]. De nombreux chercheurs, activistes et scientifiques ont protesté contre ce manquement à la démocratie à partir de 2008. C'est aussi à cette période que les syndicats de travailleurs se

Image 22 : Tract du MAB pour protester contre l'assassinat de Nicinha.

[128] Glaucia Maria Quintoni Baraúna, *Mobilização e conflito sócio-ambiental no Rio Madeira,* Universidade Federal do Amazonas, 2011.

[129] Oswaldo Sevá, "Tentativas hidrelétricas nos rios Xingu paraense e Madeira-Mamoré internacional", *Anais do II Encontro de Ciências Sociais e Barragens,* Universidade de Salvador/BA, 2007.

[130] Alfredo Wagner Berno de Almeida, "Universalismo e localismo: Movimentos sociais e a crise dos padrões tradicionais de relação política na Amazônia", *A Amazônia e a crise da modernização,* Museu Paraense Emilio Goeldi, p. 521-537, 1994.

mobilisent contre les conditions de travail : salaire très bas, accès difficile aux commerces de première nécessité, réseau de transports défaillant, services inexistants sur le chantier… Le constructeur engage la construction de baraquements pour loger les ouvriers mais ceux-ci ne respectent en rien les normes de l'Organisation Internationale du Travail : entassement des employés, électricité défaillante, espace insuffisant, risque accru de développement de maladies… C'est pour ces raisons qu'en 2011, les ouvriers se sont mobilisés violemment contre les responsables du site et ont mis à feu la ville temporaire mise en place pour loger les ouvriers. Les luttes ne sont plus pacifistes mais extrêmement violentes et illustrent le colère ressenti par la plupart des habitants du chantier de Jirau. En 2016, Nilce de Souza Magalhães, plus connue sous le nom de Nicinha, militante du MAB, a été assassinée un mois avant sa rencontre avec les responsables de l'IBAMA pour plaider la reconnaissance des impacts environnementaux provoqués par le barrage. À Jirau, les mobilisations sont violentes, mais ne parviennent pas à mobiliser les acteurs internationaux. La réalisation du barrage est faite dans les temps, sans être repoussée ni remise en question.

Contrairement aux contestations ayant lieu à Jirau, les mobilisations sociales contre Belo Monte parviennent à mobiliser au-delà des frontières nationales. Les activistes environnementaux se mobilisent depuis les années 80 pour rendre visible les effets néfastes du troisième plus grand projet d'usine hydroélectrique au monde. L'IBAMA a fait interdire à de nombreuses reprises les travaux pour analyser son impact. Les recherches ayant mis en évidence la mort de milliers de poissons, la probable inondation de 15 000 km2 et le déplacement forcé de 40 000 riverains, les mouvements socio-environnementaux se sont largement mobilisés. La défense des tribus indigènes a toujours été plus importante dans ce projet, en partie grâce à la présence de leaders charismatiques, tentant de rassembler les revendications de chaque tribu en un seul message. Les mobilisations autour de Belo Monte ne se sont jamais transformées en événement violent. Le rassemblement de 1989 à Altamira, mentionné précédemment, a réuni des personnalités du monde entier, et comptait sur la présence d'observateurs de l'ONU, de l'Organisation Internationale du Travail et d'ONGs internationales telles que Greenpeace ou International Rivers[131].

La stratégie adoptée par les acteurs mobilisés à Belo Monte est donc bien différente de celle des ouvriers et riverains de Jirau. Les revendications autour de Belo Monte sont parvenues à attirer des observateurs internationaux, anthropologues, chercheurs… Dans les deux cas les luttes

[131] Voir par exemple en annexe 4 le rapport de l'ONU présenté par de nombreuses associations le 22 mai 2015.

présentent des similitudes mais les réponses de la scène internationale et des gouvernants ont été différentes.

b) Le rôle des acteurs internationaux pour la prise en compte des revendications

L'État a longtemps eu du mal à s'imposer dans les territoires d'Amazonie, permettant la subsistance de nombreux vides juridiques et institutionnels au sein des ces territoires. Lorsque les politiques libérales décrites dans le premier chapitre ont été mises en place, les multinationales ont compensé cette faille de l'État. Les grandes firmes européennes s'accaparent les terres en Amazonie, vendues par l'État pour construire des routes, des ports, des barrages ou des mines[132]. C'est au sein d'un monde dirigé par la recherche du profit et du pouvoir qu'émergent les mouvements transnationaux indigènes. Les leaders prennent conscience du besoin de se tourner vers l'extérieur. Pour Garner, Les mouvements indianistes ont été typiquement des mouvements de l'ère moderne : ils sont basés sur l'identité de la communauté, ont le regard tourné vers l'international, sont composés de réseaux et d'organisations internationales, et ont une base culturelle très forte[133]. Les *advocacy networks* servent de pont entre les communautés locales et les réseaux transnationaux. Ces réseaux de plaidoyers sont nés à la fin des années 1970 avec l'organisation de conférence sur la cause indigène et se sont multipliés avec la fin des régimes autoritaires. Pour Sikkink[134], un réseau de plaidoyer transnational (*Advocacy Network*) est un groupe d'acteurs défendant la même préoccupation, qui ont des valeurs communes et échangent intensément des informations et des services. Les mouvements forment alors des alliances, échangent des informations et font la promotion des stratégies internationalistes. Dans le cas de barrages, les deux plus larges groupes de plaidoyer, Cultural Survival et International Rivers, ont joué un rôle fondamental. En organisant des événements, en finançant des projets d'auto-développement et en jouant le rôle de lobby à l'international, les fondations ont fait l'intermédiaire avec la Banque Mondiale, l'ONU et l'OIT. Finalement, à travers les luttes d'internationalisation et d'identité, les communautés affectées par le barrage sont devenus audibles dans le village global. Une tribu qui parvient à mobiliser au-delà des frontières, grâce aux *advocacy networks*[135], acquiert un poids non négligeable pour négocier son auto-determination.

---

[132] Anthony Hall (dir.), *Op. Cit.,* 2005.

[133] Roberta Garner, "Transnational Movements in Post Modern Society", *Peace Review 6, n°4,* pp. 427-434, 2009.

[134] Kathryn Sikkink, «Human Rights, Principled Issue-Networks, and Sovereignty in Latin America», *International Organization 47,* 2009, pp. 411-441.

[135] Margaret Keck, Kathryn Sikkink, *Op. Cit.,* 1998.

C'est notamment grâce à l'appui de Cultural Survival que les caciques Munduruku et Kayapo se sont rendus à Washington en 1988.

Dans le cas de Belo Monte, les avocats internationaux, anthropologues, traducteurs, scientifiques et membres de l'église ont joué un rôle clé dans la formulation des recommandations aux organisations internationales, la promotion de l'autonomie ou de la participation. Les mobilisés transnationaux se chargent de collecter des faits ou idées des riverains et associations locales pour les transmettre au village global. Ils sont, à cette époque, les portes-drapeaux, le lien entre le village tribal et le village global[136]. Grâce à ces acteurs transnationaux, les groupes indigènes sont parvenus à créer leurs propres mouvements transnationaux, à l'image des confédérations régionales, comme la COICA (Coordination des Organisations Indigènes de la Basse-Amazonie) ou la COIAB (Coordination des Organisations indigènes de l'Amazonie brésilienne), qui se sont soulevées contre Belo Monte lors de sommets internationaux. En 1992, les populations touchées par le barrage parviennent à prendre la parole au Sommet de la Terre de Rio, ce qui mobilisera d'autant plus l'opinion internationale, les grandes organisations internationales et les *advocacy networks*. Ils ont pu acquérir un capital social, au sens de Putnam : des réseaux, des normes, et de la confiance, qui facilitent la coordination et la coopération pour un bénéfice mutuel[137]. La pression des organisations internationales et de l'opinion publique génèrent un effet d'imitation dans les pays voisins et jouent un grand rôle de persuasion dans les changements de politiques publiques[138]. Pour Risse, Ropp et Sikkink, il existe de nombreux exemples où les violations des droits de l'homme ont été prises en compte car les dirigeants voulaient soigner leur image auprès des autres dirigeants et sur la scène internationale. Cet effet d'imitation peut obliger les États à faire évoluer leurs politiques publiques pour améliorer leur réputation. L'opinion publique demande aux États, aux firmes multinationales et aux grands organismes financiers une politique *d'accountability*. Ainsi, les acteurs mobilisés contre le projet de barrage sur la rivière Xingu sont parvenus à faire d'un mouvement local une contestation transnationale. Cette transformation a aidé les opposants au barrage de Belo Monte à faire rapidement changer les politiques publiques dans leur sens.

---

[136] Notion définie en 1967 par Mac Luhan (The medium is the message) selon laquelle les moyens de communication modernes et la communication instantanée ont unifié le monde, faisant de toutes les micro-sociétés une seule, où se confondent les cultures et les espaces en un seul village.

[137] Robert Putnam, *Making Democracy works,* Princeton University Press, 1993.

[138] Thomas Risse, Stephen Ropp, Kathryn Sikkink, *The Power of Principles : International Human Rights Norms and domestic Change,* Cambridge University Press, 1999.

c) La transnationalisation des luttes, de véritables effets sur la transformation des politiques publiques ?

La transformation de l'État et la nature du régime influencent largement la façon dont les groupes sociaux vont pouvoir se mobiliser. C'est pourquoi la montée des mouvements indianistes coïncide largement avec l'ouverture des régimes autoritaires. C'est une des conditions de l'internationalisation des luttes indigènes selon Alison Brysk. Mais les mouvements sociaux autour des barrages en Amazonie brésilienne, bien qu'ayant lieu sous un régime démocratique, doivent également être étudiés sous le regard de la *contentious politics,* l'étude du mouvement social comme un mouvement de contestation, une relation conflictuelle avec l'autorité. Selon Tarrow et Tilly[139], une contestation est "*une action sociale et politique concertée dans laquelle les participants se rassemblent pour défier les systèmes dominants d'autorité*". L'étude de la répression est alors importante pour étudier cette relation entre autorités et mouvements. Les mobilisés tentent de communiquer avec les gouvernants pour leur faire part de leurs revendications. Dans le cas de Belo Monte, ceux-ci y parviennent grâce à la mobilisation des acteurs internationaux et à l'entrée de leurs luttes sur la scène internationale. Seulement, dans le cas de Jirau, les autorités publiques et multinationales ne subissent pas ces pressions, elles choisissent alors comme réponse la répression afin de fragiliser la contestation à court terme. La répression est une action menée par les autorités pour empêcher la mobilisation, harceler ou intimider les activistes, diviser les organisations et pour attaquer physiquement, arrêter, emprisonner ou tuer les participants d'un mouvement. Les acteurs du mouvement social franchissent alors le pas vers un acte violent puisque cette solution apparaît comme la seule viable. Le passage à l'acte violent s'explique selon Duyvendak[140] en fonction de la nature du régime. Ici, le régime est fermé puisqu'il refuse toute interaction avec les mouvements sociaux. Les acteurs s'insurgent et transforment leur lutte en mouvement violent, en réponse au maintien de l'ordre public par la violence. En 2011, les ouvriers de l'usine de Jirau, ne parvenant pas à négocier avec les autorités à travers les syndicats avec les autorités, se révoltent, mettent feu aux baraquements et entrent dans une grève contestataire. Les autorités en charge du barrage réagissent de manière encore plus violente et veulent faire intervenir la police, l'État fédéral se charge d'envoyer les militaires pour mater la révolte. Des dizaines de personnes sont arrêtés, 10 sont emprisonnées, et 14 sont portées

---

[139] Sidney Tarrow, Charles Tilly, *Contentious Politics,* Oxford University Press, 2006.

[140] Jan Willem Duyvendak, « Le poids du politique. Nouveaux mouvements sociaux en France », C*ultures et Conflits,* 1994.

disparus[141]. Les manifestations et contestations n'ont jamais revêtu de caractère violent à Belo Monte.

L'analyse des différents types de mobilisation autour des barrages de Belo Monte et de Jirau, montre que ces groupes, pourtant marginalisés et manquant de poids politique sont parvenus à se constituer en tant que mouvements sociaux, à construire une identité commune pour faire valoir leurs droits. Cependant, les acteurs de Belo Monte et de Jirau n'ont pas adopté la même stratégie de mobilisation. À Belo Monte, les acteurs se sont rapidement construits une identité commune et ont désigné des leaders pour transmettre leurs griefs aux autorités et au village global. Les activistes ont profité des failles de l'État dans ce projet et de la lenteur administrative pour attirer de très nombreux acteurs internationaux, ce qui leur a permis de s'assurer de la surveillance des organisations internationales, grandes organisations non gouvernementales, et mobilisés transnationaux contre les mégaprojets. Cette contestation transnationale a fait ralentir les processus de construction. Sur le barrage de Jirau, les activistes environnementaux ou indigènes n'ont pas pu faire face à la pression du gouvernement qui voulait démarrer le projet le plus vite possible. Les groupes n'ont pas pu se constituer en véritable communauté unifiée et n'ont pas réussi à attirer l'opinion internationale et les activistes transnationaux.

Dans les mobilisations indigènes, on observe que les mouvements qui ont fait appel à des campagnes internationales ont plus rapidement réussi construire leur légitimité pour défendre leur cause, notamment grâce aux campagnes de pression contre les grandes organisations internationales, comme la Banque Mondiale. Cela a été le cas notamment lors du massacre de la tribu Yanomami ou lors des manifestations contre le projet de Carajás. Les projets industriels, financés par la Banque Mondiale ont mobilisé les ONGs de l'hémisphère Nord et autres groupes de pression Etats-Uniens qui ont demandé à la banque d'étudier les conséquences sociales et environnementales de tels projets. Suite à ces pressions, l'organisme a créé un département de surveillance sur la protection des indigènes et un comité de surveillance environnementale des projets qu'elle finance.

Alors que les mobilisations ont été plus violentes et meurtrières à Jirau, les revendications des riverains du projet Belo Monte ont été mieux entendues par le gouvernement et la FUNAI. Les *advocacy networks* du site de Belo Monte ont réussi à faire de leur cause une contestation transnationale et à faire évoluer rapidement les politiques publiques.

---

[141] Caio Cavechini, Carlos Juliano Barros, « Jaci – Sete Pecados De Uma Obra Amazônica », Repórter Brasil, 2015, 102 minutes.

C - Conflits sociaux et perte de souveraineté dans l'État du Pará, l'évolution des politiques publiques en question

> « Qu'en reste-t-il aujourd'hui, à l'heure de la mondialisation, de la société post-moderne et de la globalisation, lorsqu'on sait que les flux transnationaux découpent les territoires et recomposent les espaces, font fi des frontières tout en dessinant, au gré des dynamiques sociales, instables et mobiles, des géométries variables de la communication, du commerce, des investissements, des migrations ? Le territoire offre évidemment encore à l'État des modes de contrôle souverain sur les hommes et sur les biens, mais sur de moins en moins de biens et tout en en retirant de moins en moins d'allégeance citoyenne ». Marie-Claude Smouts et Bertrand Badie, « Introduction », *Cultures & Conflits*, 21-22, 1996.

a) La souveraineté territoriale remise en cause

La notion d'État est intrinsèquement liée à celle de souveraineté territoriale. L'usage du territoire et sa régulation politique et économique est le fondement de la souveraineté de l'État. La légitimité du pouvoir de l'État vient de son habilité à contrôler son territoire et à y exercer le monopole de la violence légitime. L'appropriation du territoire permet de délimiter les usages politiques et juridiques du contrôle de l'État permettant de parler de souveraineté. L'usage des ressources, le développement des politiques publiques et le contrôle des populations sont les conditions du pouvoir coercitif[142]. Pour définir la notion de souveraineté, nous reprendrons celle développée par José Eduardo Faria[143] : « La souveraineté, dans son sens moderne, concerne un pouvoir de commandement irrévocable, indépendant, suprême et inaliénable, capable d'établir des normes et des comportements pour tous les habitants d'une société politique donnée. L'État-nation s'est construit autour de l'existence du principe de la souveraineté, de la séparation des pouvoirs, des droits individuels, de l'autonomie politique et des garanties fondamentales. Pourtant, ces préceptes ont été de plus en plus contestés par la diversité, l'hétérogénéité et la complexité du processus de transnationalisation des marchés, de la production, des capitaux, des finances et de la consommation».

---

[142] Mónica Arroyo, *Território, mercado e Estado : uma convergência histórica, Geographias,* v.6, n.12, 2004, pp. 49 - 56.

[143] José Eduardo Faria, *O Direito na Economia Globalizada,* São Paulo, Malheiros. 2004. 358 p.

Le juriste brésilien Paulo Bonavides[144] montre comment cette souveraineté nationale est soumise à la souveraineté des marchés dans les temps de mondialisation économique. Avec le développement des politiques de RSE et les obligations des firmes multinationales à développer les régions dans lesquelles elles s'installent, l'État perdrait alors de sa souveraineté territoriale. Il se désapproprie les ressources essentielles de pouvoir par la privatisation des ressources énergétiques par exemple. N'exerçant plus les fonctions de régulation territoriale, les instances étatiques perdent leurs instruments de régulation sociale et n'ont que très peu de pouvoir pour éviter le déclenchement de contestations sociales. D'après Milton Santos[145], la coopération entre l'État et les firmes fait perdre le lien de souveraineté de l'État sur sa population. Les populations perdent les repères de responsabilité, et perçoivent mal quels sont les acteurs en charge des nouvelles configurations de politiques publiques. Les politiques publiques développementalistes ont apporté la promesse d'une inclusion de l'Amazonie dans le territoire national et de développement de la région. Cependant, les habitants observent plutôt une désintégration territoriale, augmentant de plus en plus les disparités, une modernisation incomplète et l'impression d'être utilisés comme ressource mercantile. L'incohérence des pouvoirs publics et les disparités dans le développement des régions augmentent ce sentiment de défiance.

L'État, par l'exercice de la fonction coercitive, devrait jouer un rôle majeur de régulation des conflits et de recherche d'équilibre dans les tensions sociales. La mondialisation et l'importance croissante de la recherche de rentabilité économique ont fragilisé les notions de démocratie et de justice sociale. L'usage du territoire national pour les intérêts privés dans les secteurs essentiels comme l'énergie, les transports, la communication ou l'assainissement ont affaibli les liens de confiance entre l'État et la population. C'est lorsque le territoire amazonien a été ouvert aux capitaux privés et aux PPP que se sont cristallisés les mouvements sociaux. L'État est vu comme soumis aux contraintes des marchés internationaux et à la recherche de rationalité économique[146]. L'élaboration des lois et des politiques publiques ne relève plus exclusivement du pouvoir législatif et les gouvernements ont de moins en moins d'influence sur les firmes multinationales, qui prennent des décisions en considérant leurs propres intérêts économiques et leur propre agenda. La globalisation des territoires amazoniens a profondément bouleversé l'exercice de la souveraineté territoriale.

---

144 Paulo Bonavides, *Os poderes desarmados,* São Paulo, Malheires, 2002.

145 Milton Santos, *O país distorcido : O Brasil, a globalização e a cidadania,* São Paulo, Publifolha, 2002.

146 Glaucia Cardoso Teixeira Torres, Tânia Lobo Muniz, O enfraquecimento do estado nacional diante do fenómeno da globalização, *Revista da universidade de Londrina,* 2013.

b) Les politiques publiques de développement au Pará remplacées par les politiques de compensation et de responsabilité sociale des entreprises ?

En 1994, la Banque Mondiale publie un rapport sur les politiques de réinstallation après la construction de mégaprojets. Dans ce rapport, elle définit ces «réinstallations involontaires» : «Les réinstallations involontaires ont été un compagnon de voyage du développement à travers l'histoire et st inscrites de manière indélébile dans l'évolution des pays industrialisés et des pays en développement. Les déplacements forcés résultent de la nécessité de construire des infrastructures pour de nouvelles industries : irrigation, autoroutes ou production d'électricité, ou développement urbain avec des hôpitaux, des écoles et des aéroports. Ces projets sont indiscutablement nécessaires. Ils améliorent la vie de nombreuses personnes, créent des emplois et de meilleurs services».

Dans un livre édité par la Banque Mondiale, qui a étudié de près les quartiers construits pour dédommager les populations après la construction du barrage des Trois-Gorges en Chine, Michael Cernea[147] établit une liste de huit objectifs que les firmes doivent respecter :

- De la privation de la terre au rétablissement de la terre
- Du chômage au réemploi
- De l'itinérance à la reconstruction d'un domicile
- De la désarticulation communautaire à la reconstruction
- De la marginalisation à l'inclusion sociale
- De l'expropriation à la restauration des biens et services communautaires
- De l'insécurité alimentaire à une nutrition adéquate
- D'un taux de mortalité élevé à de meilleurs soins de santé

Image 23 : Image des quartiers reconstruits par le consortium Belo Monte pour indemniser la population. Source : Site internet du consortium.

Cette liste établit donc une liste de problèmes à éviter lors des déplacements de populations et décrit les objectifs à poursuivre. Cependant, les objectifs affichés par la Banque Mondiale dans la définition des réinstallations ne relèvent-ils pas de politiques publiques ? Ici, ne voit-on pas un remplacement des fonctions

[147] Michael Cernea, Chris McDowell, *Risks and reconstruction: experiences of resellers and refugees,* World Bank Editions, 2000

étatiques, remplacées par des objectifs de marché ? La restauration des services communautaires par exemple ne devrait-elle pas provenir de politiques publiques élaborées nationalement ou régionalement ?

Les observations de terrain que j'ai pu mener en 2017 dans les villes d'Altamira et d'Itatituba ont montré les transformations causées par les investissements étrangers dans les politiques publiques. Afin d'apaiser les tensions sociales liées aux violations récurrentes de droits humains[148], les firmes transnationales ont, dans le cadre des partenariats public-privés, mis en place des politiques de compensation et des programmes de responsabilité sociale. Ces programmes poursuivent l'objectif de compenser les impacts de la construction des usines hydroélectriques sur l'environnement, sur les populations locales et sur les conditions de vie des ouvriers. À Altamira, où ces politiques ont en partie été mises en place, cela s'observe particulièrement par les programmes d'éducation. La construction de nouvelles écoles dans les nouveaux quartiers était une des conditions de réalisation du projet de barrage, inscrite dans le PBA. Ces écoles, aujourd'hui en fonctionnement, affichent les couleurs d'Eletronorte, le consortium en charge du barrage. Les logos de la firme sont sur la devanture, mais c'est aussi l'entreprise qui organise les concours de professeurs et donc choisit par qui va être dispensée la politique éducative.

Ces politiques de dédommagement tendent à remplacer les politiques publiques locales, le développement des régions isolées étant considéré comme relevant de la responsabilité des entreprises mettant en oeuvre les mégaprojets. Peu à peu, l'agenda politique du développement repose sur le secteur privé et les multinationales, qui investissent là où le potentiel énergétique est le plus fort. Pour Carlos Luiz Bresser-Pereira[149], économiste et plusieurs fois ministre, l'État perd alors son rôle de promoteur de la croissance et de garant de l'intégration sociale en acceptant ces compromis avec les firmes. L'État n'a plus le contrôle sur les potentielles contestations sociales, et n'est plus en mesure de développer son territoire comme il le souhaite. Il perd peu à peu de sa souveraineté face aux firmes multinationales. Cette perte de contrôle de la souveraineté devrait entraîner des contestations, affaiblies par le manque de moyen des mobilisés, comme le souligne David Hachfeld[150], *« la privatisation constituerait fondamentalement un processus d'instauration de nouvelles formes de domination capitaliste, contre lesquelles les populations*

---

[148] Alfredo Wagner Berno de Almeida, *Op. Cit.,* 1994.

[149] Carlos Luis Bresser-Pereira, *Op. Cit.,* 2009.

[150] David Hachfeld (dir.), « Vers une gestion publique et progressiste de l'eau en Europe : quelques cas remarquables », Amsterdam/Bruxelles, Transnational Institute (TNI) & Corporate Europe Observatory (CEO), 2009, p. 24.

auraient toutes les bonnes raisons (matérielles, de principe, etc.) de se révolter. Leur mobilisation, toutefois, serait entravée par la faiblesse des ressources à leur disposition, alors même que la clé du retrait des opérateurs privés résiderait précisément dans l'aptitude « des mouvements pour l'eau, des syndicats, des groupes politiques et écologistes [...] à se mobiliser de façon cohérente et sur un temps suffisamment long ».

Cependant, d'autres chercheurs tendent à atténuer la portée des effets de ce remplacement des politiques publiques par les programmes de RSE. Dès 1999, Harvey Feigenbaum, Jeffrey Hening et Chris Hamnet[151], souhaitent nuancer les théories du rétrécissement du pouvoir de l'État au profit du secteur privé. Leur analyse montre que les privatisations des secteurs essentiels ne sont pas forcément synonymes d'affaiblissement des liens de l'État. Tout dépend alors, selon eux, des modalités, des motivations du gouvernement, de leurs contextes politique et économique et de l'histoire nationale. Le public et le privé ne sont pas alors deux domaines complètement distincts, mais forment une sorte de continuum. Le choix de mettre en place des PPP par exemple dépend de l'histoire économique et politique du pays. Il ne s'agit donc pas d'un rétrécissement du rôle de l'État mais bien d'une transformation de ses modes d'intervention. La thèse de l'affaiblissement des pouvoirs régaliens de l'État dans les politiques néo-libérales ne saurait prendre en considération les redéfinitions des contours de la souveraineté. Au lieu d'un affaiblissement du pouvoir de l'État, il faudrait alors parler de transformation de son intervention dans les politiques publiques.

Doris Buu-Sao, montre que dans les programmes de privatisation de l'énergie et des mines au Pérou, les entreprises permettent de repenser la participation citoyenne[152]. Plutôt que de voir les politiques de RSE comme des mécanismes affaiblissant la souveraineté de l'État, les firmes favorisent le « dialogue interculturel » avec les populations susceptibles de s'opposer aux projets extractifs et souligne les bienfaits du lien existant entre mécanismes participatifs et acteurs privés. Les entreprises extractivistes de l'Amazonie péruvienne ont un service de « relations communautaires », qui pourrait être comparé au service du Diálogo Tapajós décrit dans le second chapitre. Ces services réunissent anthropologues, médiateurs professionnels et avocats spécialisés. En faisant participer les populations impactées au Pérou par des mécanismes de représentatifs, les organisations contestataires se trouvent affiliées au service de RSE de la firme. Ces stratégies au Pérou ont de grandes similitudes avec ce que j'ai pu observer à Itaituba et les nouvelles stratégies d'acceptabilité. Les techniques gouvernementales pour imposer la

---

151 Harvey Feigenbaum, Jeffrey Hening, Chris Hamnet, *Shrinking the State. The Political Underpinnings of Privatization,* Cambrigde, Cambridge University Press, 1999.

152 Doris Buu-Sao, « Perúpetro est ton ami » : un gouvernement des contestataires en Amazonie péruvienne », *Participations* 2013/2 (N° 6), p. 119-139.

constitution d'indemnisation via le PBA par exemple, peuvent être alors analysées non comme un retrait de l'État mais comme une forme de participation moins coûteuse, et permettant, grâce aux ressources privées, de s'appuyer sur des logiques spécifiques aux populations locales, qui peuvent converger avec les intérêts des acteurs des mégaprojets. Béatrice Hibou évoque alors le « gouvernement indirect », qui permet aux États de se redéployer dans le territoire en se déchargeant sur des acteurs privés mieux à mêmes d'agir sur son territoire. Davantage qu'un changement radical dans les politiques publiques, les mécanismes de responsabilité sociale développés dans le cadre des partenariats public-privé constituent plutôt un nouveau répertoire d'action des gouvernements venu se superposer aux précédents[153]. Béatrice Hibou propose de recourir au concept de décharge pour rendre compte de ces politiques de privatisation de certains services incombant, par nature, à l'État. Pour définir cette notion de décharge, elle emprunte l'expression utilisée par Max Weber à propos des sociétés féodales : « une modalité d'exercice du pouvoir qui évite le coût d'un appareil administratif important. L'usage d'intermédiaires et du gouvernement indirect caractérise également le mode dominant de la gouvernementalité contemporaine. Le passage actuel à la « décharge » se traduit par une modification des relations entre « public » et « privé », une modification des relations entre « politique » et « économique », une modification des logiques d'extraction et de redistribution qui légitiment le politique, une modification aussi des dosages et des relations entre valeurs, normes, règles différentes, autrement dit une modification des subjectivités ». Finalement la décharge, consiste pour le pouvoir politique à confier à un tiers privé la fourniture des prestations qui, par nature, lui incombent. Certains théoriciens voient dans ces transformations un processus de démantèlement ou de déliquescence de l'État mais dans le cas de l'État du Pará, nous pourrions plutôt y observer de nouvelles modalités d'action prenant la forme du gouvernement indirect utilisant des intermédiaires privés pour parvenir à ses fins.

Conclusion du chapitre 3

Comme nous avions pu le constater dans le deuxième chapitre, les acteurs mobilisés parviennent assez faiblement à établir le dialogue avec les différents acteurs en charge des politiques d'investissements hydroélectriques et des programmes de développement au Pará. Les populations impactées et les acteurs mobilisés ont un accès différencié aux arènes de négociation. Les populations indigènes conservent l'acteur privilégié de la FUNAI, tandis que les populations riveraines n'ont qu'une marge de manoeuvre étroite pour faire constater les impacts dont ils sont

[153] Pierre-Louis Mayaux, Yves Surel« Amérique latine : les réformes de marché en question », *Revue internationale de politique comparée* 2010/3 (Vol. 17), p. 7-22.

les victimes. Le seul acteur public pouvant défendre l'intérêt public est le MPF, qui souffre également d'un manque de moyens humains et financiers pour défendre la totalité des citoyens. Le rôle des *advoccacy networks* a été décisif dans les revendications contre le barrage de Belo Monte. La comparaison avec les mouvements sociaux ayant eu lieu à Jirau est révélatrice des effets différenciés que peuvent apporter ces acteurs transnationaux à la contestation. Les mobilisations contre Belo Monte ont eu une portée transnationale, faisant émerger le débat des impacts des usines hydroélectriques sur la scène internationale, et ainsi permettre aux impactés une meilleure reconnaissance de leurs droits. À Jirau, les mobilisations régionales ou nationales n'ont eu que très peu d'effets sur les programmes d'indemnisation et sur les politiques publiques. Que ce soit dans les mobilisations ou dans les programmes de compensation, on observe alors une tendance à la décharge de l'État, à un retrait progressif de ses modalités de contrôle territorial. Peu à peu, les politiques publiques et les pouvoirs de coercition sont remplacés par un pouvoir privé émanant des firmes transnationales faisant privilégier avant tout la recherche de rentabilité. L'État, faisant appel aux firmes transnationales pour répondre à ses besoins de développement énergétique fait appel à des intermédiaires privés pour répondre à des besoins qui, par nature, lui incombent. L'État perd le monopole de ses politiques publiques, mais aussi son rôle de médiateur dans les contestations sociales et leurs portées, tandis que les populations voient l'État comme un acteur parmi d'autres pour faire revendiquer leurs droits. Dans le développement des grandes usines hydroélectriques, les acteurs publics et privés sont interdépendants et aucun acteur n'a le monopole du développement social, ni même celui d'acteur responsable privilégié pour adresser les oppositions.

CONCLUSION

La recherche en science politique n'est pas unanime sur l'impact de la privatisation des marchés publics sur la forme de l'État. Tandis que certains constatent un effacement, un retrait de l'État, d'autres au contraire, y voient un gouvernement indirect, permettant aux État de se redéployer sur le territoire dans un contexte géographique et financier défavorable. Les politiques libérales développées depuis trois décennies au Brésil visent à une privatisation du secteur des services. Le Brésil, comme d'autres pays d'Amérique Latine ou d'Afrique, fait l'experience de politiques spécifiques visant à confier à des prestataires privés la fourniture de certains services qui, par nature, incombent à l'État. La banalisation des modes de gouvernement indirect au Brésil produit cependant des effets différenciés. Cette forme privée de développement peut avoir une portée émancipatrice puisqu'elle permet un accès à des programmes de développement dont le gouvernement n'a pas les moyens, mais le risque d'aggravation des inégalités due à la dérive minimaliste de l'État doit être considéré. L'État s'appuie sur des intermédiaires privés pour appliquer ses obligations de service public et d'agent principal de développement. Mais plutôt que de nous conformer aux thèses d'effacement de l'État et de remise en cause de sa légitimité et de sa souveraineté, nous analysons ici le retrait de l'État dans les politiques de développement comme une transformation, une décharge volontaire de ses modalités régulatrices. Béatrice Hibou[154] défend la thèse du gouvernement indirect, qui nous parait être plus appropriée quand on observe que l'État brésilien laisse de plus en plus de place à la délégation des services régaliens. Dans un contexte de multiplication des contraintes, l'appel aux firmes multinationales peut être vu comme la réponse logique de l'État pour satisfaire ses prérogatives. L'État brésilien exerce effectivement de moins en moins lui-même sa capacité de contrôle sur la population et son mode de régulation est altéré, au profit d'un remplacement par un mode de contrôle par les firmes transnationales, un remodelage des conditions d'exercice du pouvoir politique et économique.

Cependant, cette décharge de l'État n'a pas été involontairement subie, mais relève plutôt d'un volontarisme de la part des gouvernements brésiliens successifs. Comme nous avons pu le détailler dans le premier chapitre, la promotion du potentiel énergétique et financier des

[154] Béatrice Hibou, *Op. Cit.*, 1999

ressources d'Amazonie a été développée dès la fin des années 1980. Il s'agissait alors de répondre aux besoins de développement et d'industrialisation, tout en palliant aux manques de moyens financiers du Brésil, suite à la chute de sa balance commerciale. Ainsi, les portes de l'Amazonie ont été ouvertes aux firmes transnationales, pouvant développer à leurs grés des grands plans d'investissements en partenariat avec les entreprises publiques dans le cadre de partenariats public-privé. Souhaitant répondre aux revendications socio-environnementales de plus en plus relayées dans le monde, le gouvernement brésilien s'est intéressé aux conséquences de ces grands plans d'investissement sur la déforestation et l'environnement que très tardivement. Toujours dans le cadre de ces partenariats public-privé, les gouvernements successifs, à travers les agences indépendantes de la FUNAI, de l'IBAMA ou d'une certaine manière du MPF, ont alors établi des normes à respecter lors d'une construction ayant inévitablement des impacts sur l'environnement et sur les populations locales. Les entreprises investissant dans ces zones sont alors obligées de mettre un place un plan de développement de la région, compensant les impacts indéniables sur l'environnement et sur la vie locale. Cependant, ces programmes de responsabilité sociale des entreprises tendent à suppléer le rôle de l'État et d'opérer un remplacement de l'agenda politique par l'agenda des multinationales. Bien que ces politiques tendent à developper les regions impactées, la dérive d'une intervention minimale de l'État est considérable.

C'est cette dérive que j'ai pu observer dans mon étude de terrain en 2017. Plus particulièrement, c'est dans la ville d'Altamira, ville principalement touchée par le barrage hydroélectrique de Belo Monte, que s'observent les consequences néfastes de cette décharge de l'État. Les programmes de développement et d'indemnisation décrits dans le PBA n'ont été qu'en partie mis en place, et donnent l'impression d'avoir été développés dans l'unique but d'obtenir un accord de l'IBAMA. Malgré le peu de conformité aux annonces du PBA, la firme n'est que très peu condamné, en recevant seulement des amendes financières pour des manquements aux règles fondamentales de préservation de l'environnement. Les populations délogées ne sont elles aussi que partiellement indemnisés, et les impacts indirects de la construction de mégaprojets ne sont pas considérées. De plus, la difficile interaction des acteurs responsables renforce ce sentiment d'impunité et d'irresponsabilité des violations aux droits humains dans le cadre des constructions de barrages.

Ce sentiment d'inefficacité des pouvoirs étatiques et d'irresponsabilité des firmes transnationales ne fait que cristalliser les mouvements contestataires. Les individus impactés par les grandes constructions de barrages ont mis du temps à faire converger leurs revendications, et à construire un mouvement social unifié. Les conflits de justice sociale concernant les mégaprojets ne sont pas

nouveaux, mais les populations impactés ne sont parvenus à se mobiliser et à négocier leur indemnisation que dans très peu de cas. La comparaison entre plusieurs cas de mobilisations contre les mégaprojets hydroélectriques est intéressante puisqu'elle permet de comprendre la manière dont certaines interactions contestataires parviennent à négocier avec les décisionnaires, tandis que d'autres ne parviennent qu'à se mobiliser localement et sans retombées majeures. Dans le premier chapitre, nous avons pu retracer l'historique des mobilisations contre le projet Kararaô puis Belo Monte, soutenues à la fois par les caciques indigènes, les populations riveraines et les réseaux transnationaux de luttes socio-environnementales. Ces interactions contestataires à Altamira ont fait l'objet de mobilisations transnationales, qui ont dans ce cas, été utiles pour la perception des risques liés aux constructions de mégaprojets hydroélectriques et pour la prise en compte de l'indemnisation des populations impactées. L'effet des transnationalisation a été détaillé dans le chapitre 3 de ce compte-rendu d'enquête et compare la transnationalisation des mobilisations contre Belo Monte aux luttes ouvrières sur le site de Jirau dans le Rondônia, qui se sont cantonnées à une mobilisation interne ou régionale. Dans le chapitre 2, nous avons pu détailler l'organisation actuelle des mobilisations à Altamira, et analyser les parcours du militantisme. Même si les militants sont en premier lieu les populations les plus touchées par les barrages, les effets indirects de la construction de mégaprojets ne font qu'augmenter le nombre d'impactés qui font grossir les rangs de la mobilisation. Au fur et à mesure de l'avancement du chantier et de la perception des effets des mégaprojets, les mobilisations se sont intensifiées pour inclure tous les habitants d'Altamira. Cependant, avec l'inauguration partielle de l'usine, j'ai pu observer à Altamira une forme de dépit, un désintérêt provoqué par ce que nous évoquions plus tôt, à savoir du sentiment d'impuissance face à des acteurs décisionnaires difficilement identifiables.

Mon observation de terrain à Itaituba a été fondamentale pour comprendre l'évolution de la prise de conscience sur les risque liés aux constructions d'usines hydroélectriques et à ses contestations. En effet, le barrage sur le fleuve Tapajós, le barrage de São Luiz n'est pour le moment qu'au stade de projet. Il est donc possible d'observer à Itaituba la formation pro-active des interactions contestataires, le parcours initiatique des militants et les inquietudes montantes des habitants face aux risques auxquels ils pourraient s'exposer. Cependant, les stratégies du consortium en charge du projet sont bien différentes de celles que l'on a pu retracer et observer à Altamira ou Jirau. Les techniciens et ingénieurs ont premièrement imaginé de nouveaux dispositifs pour construire des barrages avec une retenue d'eau moins importants et des innovations permettant le passage des animaux à travers le barrage. Ces progrès technologiques permettent alors au consortium de présenter un projet de barrage qui aura un impact

environnemental bien moins important. En plus de ces innovations environnementalistes, le consortium du Tapajós a produit une politique d'acceptabilité du projet basée sur une équipe de communication et de mediation spécialisée. Le consortium a investi en moyens humains et financiers pour faire accepter le projet et pour contrôler les interactions contestataires qui auraient pu se former. Une fois de plus, ce constat nous amène à repenser les contours des fonctions de l'État au Brésil dans le cadre des partenariats public-privé. L'État se décharge d'une partie de ses fonctions et préfère laisser la charge de l'acceptation de la transformation des villes à des firmes multinationales. La prise en compte pro-active des interactions contestataires qui pourraient se former indique une volonté de maîtrise de la part des pouvoirs décisionnaires privés.

Cette recherche permet alors de comprendre dans quelle mesure l'instauration de politiques publiques libérales a transformé l'action publique et les pouvoirs de l'État au Brésil. Elle permet de comprendre la reconfiguration des espaces de négociation et des interactions entre acteurs décisionnaires, mobilisations sociales et pouvoirs publics.

Les grands barrages hydroélectriques au Brésil rassemblent des interactions aux caractéristiques identifiables : entre influence des organisations internationales dans les politiques hydrauliques et énergétiques au Brésil, accusations régulières de violations des droits humains, financements transnationaux de grandes firmes, mobilisations de moyens humains, financiers et politiques au niveau national, migrations des ouvriers en fonction de la demande de main d'œuvre, mobilisations identitaires qui peinent à se constituer en mouvement unifié, faible poids des politiques publiques locales face aux programmes de compensation des multinationales... Finalement, la construction de barrages au Brésil apparait comme un schéma aux particularités comparables. Un véritable «monde des barrages» s'est formé, mobilisant des acteurs sans cesse en interactions : entreprises transnationales aux capitaux internationaux; ouvriers se déplaçant sur le territoire au fil des besoins; groupes mobilisés et activistes organisant les revendications sociales; organes gouvernementaux régulant les interactions et organisant les voies de protestation réglementaire.

La généralisation de cette recherche à d'autres cas d'usines hydroélectriques est alors envisageable, permettant de comprendre la manière dont les populations locales organisent des actions collectives pour protester contre ces violations supposées, alternant les alliances et les oppositions avec les organes institutionnels et agents publics locaux, les firmes transnationales et les activistes internationaux. Cette recherche approfondie à la comparaison avec d'autres constructions de mégaprojets pourrait permettre une meilleure compréhension de

l'interdépendance de chacun des acteurs et une analyse approfondie de la reconfiguration de l'action publique dans le cas des usines hydroélectriques brésiliennes. L'approfondissement montrerai comment les grands débats de la science politique sur la structure de l'Etat peuvent être actualisés à la lumière de ce cas brésilien, où l'action publique se transforme au fil des interactions contestataires, des partenariats situés à des échelles multiples, et des remises en cause du monopole de l'Etat sur les politiques publiques.

Les récentes déclarations des institutions publiques cherchant à dédouaner le pouvoir public de toute construction d'usines hydroélectriques sont particulièrement intéressantes pour étudier les reconfigurations de ces actions publiques. En effet, comme évoqué au cours de ce compte-rendu, le gouvernement a annoncé au début du mois de janvier 2018 la fin des politiques de mégaprojets hydroélectriques au Brésil. Plutôt que de construire ces usines hydroélectriques par un consortium en partie public, les réformes libérales proposent d'aller plus loin dans ces partenariats public-privé, laissant la charge des usines hydroélectriques à l'entière responsabilité des firmes multinationales. Les instances étatiques telles que l'IBAMA seraient encore chargées d'accorder les licences de construction, et de faire appliquer les programmes, mais l'État se libérerait de la charge des constructions et des responsabilités en cas de violations de droits humains. Pour aller plus loin, il serait alors intéressant d'analyser la manière dont les acteurs interagissent, bouleversant les structures de l'action publique et comment la conflictualité se crée contre les entreprises privés, devenues acteurs privilégiés des jeux de pouvoir dans la construction des politiques publiques. Une recherche plus approfondie permettrait alors de dépasser le constat de « gouvernement indirect », en actualisant cette théorie à la lumière des réformes néo-libérales récentes au Brésil dans le cas des mégaprojets hydroélectriques.

BIBLIOGRAPHIE

Développement de l'Amazonie

Brito Rodrigues E., *Território e soberania na globalização: Amazônia, jardim de águas sedento*, São Paulo, Forum, 2012.

Bunker S., *Underdeveloping the Amazon. Extraction, unequal exchange, and the failure of the Modern State,* Chicago, The University of Chicago Press, 1985.

Caubet C., "Peuples autochtones sous la coupe du croissancisme. Usurpation de terres en Amazonie brésilienne au nom du fardeau hydroélectrique de l'homme blanc", *Ecologie et politique,* 51, 2015, pp. 121-137.

Droulers M., *L'Amazonie. Vers le développement durable,* Paris, A. Colin, 2004.

Droulers M., Broggio C., « Chapitre III. L'Amazonie à l'heure du développement durable », *in Le Brésil,* Paris, Presses Universitaires de France, « Que sais-je ? », 2017, p. 103-120.

Hall A., *Developping Amazonia, Deforestation and social conflict in Brazil's Carajás programme*, Manchester, Manchester University Press, 1989.

Hall A., *Development without progress*, Manchester University Press, 1989.

Hall A., Goodman D., *The future of Amazonia: Destruction or sustainable development?*, Basingstoke, Palgrave Macmillan, 1990.

Hall A., "Peopling the environment: A new agenda for research, policy and action in Brazilian Amazonia.", *Revista Europea de Estudios Latinoamericanos y del Caribe*, 62, 1997, pp. 9-31.

Hall A., "Disentangling Eden: Getting Development Right in the Amazon", *European Review of Latin America and Caribbean Studies, n 73,* 2002, pp. 113-117.

Hall A., « Introduction », *in* Antony Hall (dir.), *Global impact local action, New environmental Policy in Latin America,* Londres, Institute for the study of Americas, 2005.

Pinto L.F., « Chapitre 10. Politique sur la frontière », *in* Jean-François Tourrand *et al.*, *L'Amazonie*, Paris, Editions Quæ « Hors collection », 2010, pp. 141-150.

Ozorio De Almeida A.N., Vellosodos Santos C., *A Colonização oficial Amazônia nos anos 1980,* Instituto de pesquisa econômica aplicada, IPEA, 1990.

Slater C., *Entangled Edens: Visions of the Amazon*, University of California Press, 2002.

Tsayem Demaze M., Fotsing J.M., « La déforestation tropicale dans le contexte de mondialisation des risques écologiques : outils d'évaluation et de suivi », *in* Gilbert David (dir.), *Espaces tropicaux et risques. Du local au global*, Orléans, Presses universitaires d'Orléans et IRD, 2004, pp. 431-444.

Tsayem Demaze M., « Quand le développement prime sur l'environnement : la déforestation en Amazonie brésilienne », *Mondes en développement n.3* (n° 143), 2008, p. 97-116. Barrages, énergie et politiques de l'eau

Broggio C. *et al.*, « Les barrages hydroélectriques amazoniens, un enjeu de géopolitique interne au Brésil », *Hérodote,* n.2 (N° 165), 2017, pp. 185-203.

Feteira Soares D., Andrade de Paulo D., *Para não esquecer: a destruição da cidade de São João Marcos (1941-43), Encontro Ciências Sociais e Barragens,* UFBA..

Hachfeld D. (dir.), « Vers une gestion publique et progressiste de l'eau en Europe : quelques cas remarquables », Amsterdam/Bruxelles, Transnational Institute (TNI) & Corporate Europe Observatory (CEO), 2009, p. 24.

Lamballe, A., « Une cartographie mondiale de la géopolitique de l'eau », *Sécurité globale*, 2012/3 (N° 21), p. 69-86.

Le Tourneau F.M., « Fiabilité, propreté, coût : les défis du secteur de l'électricité au Brésil », *Problèmes d'Amérique latine* n.4 (N° 95), 2014 pp. 57-78.

Papst E., "Viabilidade financeira ou econômica: estamos avaliando os custos sociais e ambientais de projetos de usinas hidrelétricas no Brasil?", Brasília, *Revista da Universidade de Brasília,* 2014.

World Commission on Dams, *Dams and development : a New framework for decision-making,* 2000.

Zhouri A., Oliveira R., « Développement et violence sociale dans le Brésil rural : le cas des barrages hydroélectriques », *Ecologie & politique* n.1 (N°35), 2008, pp. 133-145.

Usine hydroélectrique de Belo Monte

Almeida J., Cândido Fleury L., "A construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte: conflito ambiental e o dilema do desenvolvimento", *Ambiente & Sociedade*, 16(4), 141-156, 2013.

Carlos Magalhães A., « Índios e barragens: a complexidade étnica e territorial na região do médio Xingu », *in,* Oswaldo Sevá (dir.) *Tenotã-Mõ. Alertas sobre as consequências dos projetos hidrelétricos no Xingu,* São Paulo, International Rivers Network, 2005, pp. 255-265.

Flavio Pinto L., « Grandezas e misérias da energia e da mineração », *in,* Oswaldo Sevá (dir.) *Tenotã-Mõ. Alertas sobre as consequências dos projetos hidrelétricos no Xingu,* São Paulo, International Rivers Network, 2005, pp. 95-113

Junior Pontes F., Beltrão J., « *Xingu, barragens e nações indígenas » in,* Oswaldo Sevá (dir.) *Tenotã-Mõ. Alertas sobre as consequências dos projetos hidrelétricos no Xingu,* São Paulo, International Rivers Network, 2005, pp. 74-90.

Queiroz de Miranda Neto J., Antônio Herrera J., « Altamira-PA: novos papéis de centralidade e reestruturação urbana a partir da instalação da UHE Belo Monte », *Confins* [En ligne], 28 | 2016, mis en ligne le 01 octobre 2016.

Zugman D., « O Dever de Consulta aos Povos Indígenas e a Construção Da Usina De Belo Monte», *Revista Discente GV,* n. 03, 2013, pp. 94 - 106.

Considérations environnementales

Acselrad H., « Grassroots Reframing of Environnmental Struggles in Brazil», *in* David Carruthers, *Environnmental justice in Latin America*, London, MIT Press, 2008, pp.75-97.

Aubertin C., Vivien F.D. (dir.), *Le développement durable : enjeux politiques, économiques et sociaux,* Paris, La Documentation française et IRD Éditions, 2006.

Aykut S., Dahan A., *Gouverner le climat ? Vingt ans de négociations internationales,* Paris, Presses de Sciences Po (P.F.N.S.P.), « Références », 2015.

Milani C., « Les rapports commerce-environnement et les dangers de l'écoprotectionnisme », *Cahiers des Amériques Latines,* n.20, Paris, IHEAL, 1995.

Waller-Hunter J., « La gouvernance au service du développement durable dans le contexte de la mondialisation», *Reflets et perspectives de la vie économique n.*1 (Tome XLI), 2002, p. 19-33

Mobilisations sociales

Aparecida de Mello N., Théry H., « L'État brésilien et l'environnement en Amazonie : évolutions, contradictions et conflits », *L'Espace géographique* 2003/1 (tome 32), p. 3-20.

Arditi B., « Les soulèvements n'ont pas de plans, ils sont le plan : politiques performatives et médiateurs fugaces en 2011 », *Raison publique*, 2014.

Brysk A., *From tribal village to global village,* Stanford University Press, 1998.

Buu-Sao D., « Ethnographie d'une organisation d'étudiants indigènes en Amazonie péruvienne : les ambivalences de la contestation », *Critique internationale,* (N° 57), 2012, pp. 37-52.

Buu-Sao D., « Perúpetro est ton ami » : un gouvernement des contestataires en Amazonie péruvienne », *Participations* 2013/2 (N° 6), p. 119-139.

Caubet C., « Comment peut-on se soulever contre des barrages ? », *Multitudes*, 2012/3 (n° 50), p. 149-153.

Duyvendak J.W., « Le poids du politique. Nouveaux mouvements sociaux en France », C*ultures et Conflits,* 1994.

Garner R., "Transnational Movements in Post Modern Society", *Peace Review 6, n*4,* pp. 427-434, 2009.

Goirand C., « Penser les mouvements sociaux d'Amérique latine. Les approches des mobilisations depuis les années 1970 », *Revue française de science politique*, 3 (60), 2010, pp. 445-466.

Hirschmann A., *Exit, voice and Loyalty: responses to Decline in Firms, Organizations and States,* Harvard University Press, 1970.

Hunt S., Benford R., «Collective Identity, Solidarity and Commitment», dans David S., *The Blackwell Companion to social movements,* Temple University Press, 2004.

Keck M., Sikkink K., *Activists beyond borders,* Cornell University Press, 1998.

Neveu C., « Qu'achève-t-on dans des mouvements sociaux ? », *L'Information géographique*, vol. vol. 78, no. 2, 2014, pp. 85-94.

Oberschall A., *Social Conflict and Social Movements,* 1975.

Schmink M., Wood C.H., « Contested Frontiers in Amazonia », *Journal of Latin American Studies,* Vol 26, 1994.

Sikkink K., «Human Rights, Principled Issue-Networks, and Sovereignty in Latin America», *International Organization 47,* 2009, pp. 411-441.

Siméant, J. *Contester au Mali. Formes de la mobilisation et de la critique à Bamako*, Paris, Karthala, 2014.

Stewart J., «When Local Troubles become transnational : The transformation of a guatemalan human rights movement», *Mobilization : an International Quaterly,* 1996.

Tarrow S., « La contestation transnationale », *Cultures et conflits,* n°38/39, pp. 187-223, 2000.

Turner T., *«* An Indigenous Peolple's struggle for socially Equitable and Ecologically Sustainable Production : The Kayapó Revolt against Extractivism », *Journal of Latin American Anthropology,* 1995.

Vainer C., « Águas para a vida, não para a morte: notas para uma história do movimento de atingidos por barragens no Brasil», *In* Henri Acselrad; Selene Herculano José Augusto Pádua (dir.), *Justiça Ambiental e Cidadania*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2003.

Berno de Almeida A.W., "Universalismo e localismo: Movimentos sociais e a crise dos padrões tradicionais de relação política na Amazônia", *A Amazônia e a crise da modernização,* Museu Paraense Emilio Goeldi, p. 521-537, 1994.

Action publique et transformations de l'État

Amichi H. *et al.*, « Encourager la subversion : recomposition de l'État et décollectivisation des terres publiques dans le Bas-Chéliff, Algérie », *Politique africaine,* (N° 137), 2015, p. 71-93.

Arroyo M., *Território, mercado e Estado : uma convergência histórica, Geographias,* v.6, n.12, 2004, pp. 49 - 56.

Bonavides P., *Os poderes desarmados,* São Paulo, Malheires, 2002.

Bouckaert G., Pollitt C., *Public Management Reform : a Comparative Analysis,* Oxford, Oxford University Press, 2004.

Bresser-Pereira C.L., *A Crise do Estado: Ensaios sobre a Economia Brasileira,* Editora Nobel, 1992

Bresser-Pereira C.L., «El asalto al Estado y al mercado : neoliberalismo y teoría económica», *Nueva Sociead,* n° 221, 2009, p. 83-99.

Teixeira Torres G.C., Tânia Lobo Muniz, O enfraquecimento do estado nacional diante do fenómeno da globalização, *Revista da universidade de Londrina,* 2013.

Dobry M., « Valeurs, croyances et transactions collusives. Notes pour une réorientation de l'analyse de la légitimation des systèmes démocratiques », *in* Javier Santiso (dir.), *À la recherche de la démocratie. Mélanges offerts à Guy Hermet*, Paris, Karthala, 2002.

Faria J.E., *O Direito na Economia Globalizada,* São Paulo, Malheiros. 2004. 358 p.

Feigenbaum H., Hening J., Hamnet C., *Shrinking the State. The Political Underpinnings of Privatization,* Cambrigde, Cambridge University Press, 1999.

Hibou B., «De la privatisation des économies à la privatisation des États : une analyse de la formation continue de l'État», *In* Béatrice Hibou (dir.), *La privatisation des États,* Paris, Karthala, 1999.

Larrouqué D., *Les politiques d'inclusion digitale en Amérique latine : de la rénovation éducative à la recomposition de l'état* , Thèse IEP de Paris, sous la direction d'Yves Surel, 2016.

Levy J.(dir.), *The State after Statism*. Cambridge : Harvard University Press, 2006.

Mayaux P.L., Surel Y., « Amérique latine : les réformes de marché en question », *Revue internationale de politique comparée* 2010/3 (Vol. 17), p. 7-22.

Mayaux P.L., « Du clientélisme au contrat : stratégies de changement et pérennité des privatisations dans les services d'eau des villes latino-américaines », *Revue internationale de politique comparée* 2010/3 (Vol. 17), p. 89-109.

Mayaux P.L., «La production de l'acceptabilité sociale. Privatisation des services d'eau et normes sociales d'accès en Amérique Latine», *RFSP,* (Vol 65), 2015, pp. 237-259.

Weiss L., « The Emergence of 'Catalytic' States », *The Myth of The Powerless State. Governing the Economy in a Global Era,* Oxford, Polity Press, 1998.

Responsabilité sociale des entreprises

Ballet J., De Bry F., *L'éthique et l'entreprise*, Paris, Seuil, 2001.

Bommier S., *Un développement défectueux :Accaparement des terres, mouvements sociaux transnationaux et régulation extraterritoriale des entreprises: Michelin au Tamil Nadu (Inde),* thèse du CERI, soutenue en 2016, sous la direction de Christophe Jaffrelot et Cécile Renouard.

Boudier F., Production mondialisée : du besoin d'un nouveau triptyque "concept, mesure, théorie", *La Mesure de la Mondialisation, Cahiers du GEMDEV,* (31), 2007, 99-114.

Boudier F., Bensebaa F., «Responsabilité des firmes multinationales : faut-il être propriétaire pour être responsable ?», *Mondes en développement, n.4,* (n144), 2008, p27-44.

Cernea M., McDowell C., *Risks and reconstruction: experiences of resellers and refugees,* World Bank Editions, 2000

Dubbink W., «Democracy and Private Discretion in Business», *Business Ethics Quarterly*, 15(1), 2005, pp. 37-66.

Mosse D., «A Relational Approach to Durable Poverty, Inequality and Power», *Journal of Development Studies,* no. 7, 2010.

Renouard C., « L'affaire de tous. Libéralisme et théories de la justice sociale et écologique », *Revue française des affaires sociales,* 2015, pp. 13-32.

Brésil

Chaves Jardim M., « L'État et le Marché dans le Brésil contemporain (2003-2012) : Le Programme d'Accélération de la Croissance (PAC) », *Problèmes d'Amérique latine*, (N° 94), 2014, pp. 11-24.

Bresser-Pereira C.L., *Development and Crisis in Brazil: 1930-1983,* Boulder, Westview press, 1984.

Droulers M., « Chapitre 6. Le projet national et ses contradictions spatiales », *in* Martine Droulers, *Brésil, une géohistoire.* Paris, Presses Universitaires de France, « Géographies », 2001, pp. 221-272.

Geffray C., *Chroniques de la servitude en Amazonie brésilienne : essai sur l'exploitation paternaliste,* Paris, Karthala, 1995.

Maud C., *in* « Fêtes nationales et régime dictatorial au Brésil », *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, 2006/2 (nº 90), p. 89-108.

Mereles C., « Ministério Público: Quais as suas funções ? », *Politize!,* 2017.

Morais L., Saad-Filho A., «Da economia política à política econômica : o novo-desenvolvimentismo e o governo Lula», *Revista de Economia Política*, vol. 31, no 4 (124), 2011, pp. 507-527.

Santos M., *O país distorcido : O Brasil, a globalização e a cidadania,* São Paulo, Publifolha, 2002.

Ouvrages généraux

Bellier I., 2007, « La participation des peuples autochtones aux Nations Unies. Intérêts et limites d'une présence institutionnelle », in C. Neveu (dir), *Cultures et pratiques participatives. Perspectives comparatives*, Paris, L'Harmattan, 2007, pp. 175-192.

Dezalay Y., Garth B., *La mondialisation des guerres de palais. La restructuration du pouvoir d'État en Amérique latine. Entre notables de droit et « Chicago boys »*, Paris, Seuil, 2002.

Putnam R., *Making Democracy works,* Princeton University Press, 1993.

Risse T., Ropp S., Sikkink K., *The Power of Principles : International Human Rights Norms and domestic Change,* Cambridge University Press, 1999.

Tarrow S., Tilly C., *Contentious Politics,* Oxford University Press, 2006.

Weber M., *Economie et société,* 1921.

FILMOGRAPHIE

* Caio Cavechini, Carlos Juliano Barros, “Jaci – Sete Pecados De Uma Obra Amazônica”, Repórter Brasil, 2015, 102 minutes.

* André d’Elia, “Belo Monte: Anúncio de uma guerra”, 2012, 105 minutes.

* François-Xavier Pelletier, “Les disparus de Belo Monte”, Ushuaïa TV, 2014, 59 minutes.

TABLES DES MATIÈRES

Chapitre 1 - Une histoire longue des controverses sur l'action publique et les investissements étrangers en Amazonie 12

A - Le développementalisme et l'ouverture des portes de l'Amazonie aux transnationales européennes 13

a) Le désenclavement de l'Amazonie sous la période autoritaire 14

b) Le programme d'accélération de la croissance et les PPP 16

c) Rio 1992 et la prise de conscience du développement durable 18

B - Belo Monte, épicentre de la controverse sur les constructions en Amazonie 21

a) Le projet Kararaô à l'étude sous le régime autoritaire 21

b) La reprise du projet sous le nom de Belo Monte 24

c) Un passage en force 25

C - Conflits permanents de distribution des richesses dans les projets de barrages 28

a) Les conflits de justice sociale contre les grands barrages 29

b) Des acteurs qui peinent à se constituer en tant que mouvement social 32

Conclusion du chapitre 1 34

Chapitre 2 - Une observation de l'impact social des barrages au Pará 35

A - Altamira, ville rurale transformée en ville la plus meurtrière du pays36

a) Transformations progressives de la ville 36

b) Les politiques de compensation : une illusion du dédommagement 40

c) La formation des contestations 46

B - Itaituba, une ville en phase de transformation ? 48

a) Le projet et les enjeux du projet sur le Tapajós 49

b) Une formation des contestations proactive 51

C - Quels interlocuteurs pour les actions contestataires ? 53

a) Difficile identification des interlocuteurs 53

b) Production de l'acceptabilité 55

c) La désillusion du pouvoir d'action des organes gouvernementaux 56

Conclusion du chapitre 2 58

Chapitre 3 - L'impact global de l'arrivée des multinationales sur l'action publique et les conflits sociaux 59

A - La responsabilisation des acteurs à l'ère des partenariats public-privé60

a) Quel est l'acteur responsable ? 60

b) Le rôle du ministère public fédéral (MPF) dans la régulation de la responsabilisation 62

B - La transnationalisation des mouvements sociaux 66

a) Stratégies de mobilisation différentes à Altamira et Porto Velho 66

b) Le rôle des acteurs internationaux pour la prise en compte des revendications 69

c) La transnationalisation des luttes, de véritables effets sur la transformation des politiques publiques ? 71

C - Conflits sociaux et perte de souveraineté dans l'État du Pará, l'évolution des politiques publiques en question 73

a) La souveraineté territoriale remise en cause 73

b) Les politiques publiques de développement au Pará remplacées par les politiques de compensation et de responsabilité sociale des entreprises ? 75

Conclusion du chapitre 3 78

TABLE DES ILLUSTRATIONS

Page de garde :

Images 1 et 2 : Photographies de l'Acampamento Terra Livre, semaine de luttes indigènes à Brasília, lors de la manifestation contre les grands projets industriels. Le 26 avril 2017.

Chapitre 1 :

Image 3 : La membre de la tribu Caiapós, Tuíra, menace José Antônio Muniz Lopes à Altamira en 1989. Auteur inconnu.

Image 4 : Sting à la contestation contre le projet Kararaô à Altamira en 1989. Auteur inconnu.

Schéma 1 : Schéma des trois sites de Belo Monte et leurs considérations techniques. Source : Renée Pereira, « Hidrelétrica de Belo Monte divide aldeias no Xingu », Journal *Estadão,* 4 janvier 2015.

Carte 1 : Positionnement du barrage de Belo Monte et villes impactées. Source : Norte Energia.

Image 5 et 6 : La place centrale de São João Marco en 1930 à gauche, de nos jours à droite. Source : Danielle Feteira Soares, Dilma Andrade de Paulo, *Para não esquecer: a destruição da cidade de São João Marcos (1941-43), Encontro Ciências Sociais e Barragens,* UFBA.

Carte 2 : Positionnement du barrage de Jirau, Rondônia. Source : Journal *O Globo,* 3 avril 2012.

Image 7 : Révoltes ouvrières sur le barrage de Jirau, 2011. Source : Caio Cavechini, Carlos Juliano Barros, "Jaci – Sete Pecados De Uma Obra Amazônica", Repórter Brasil, 2015, 102 minutes.

Chapitre 2 :

Graphique 1 : Évolution de la population d'Altamira, de 1950 à 2010. Source : José Queiroz de Miranda Neto e José Antônio Herrera, « Altamira-PA: novos papéis de centralidade e reestruturação urbana a partir da instalação da UHE Belo Monte », *Confins,* 28, 2016.

Graphique 2 : Évolution de la population d'Altamira, de 2010 à 2015. Source : André d'Elia, "Belo Monte: Anúncio de uma guerra", 2012, 105 minutes.

Image 8 : Photographie d'une file d'attente devant le centre de travail de Norte Energie. Source : Photographies de Lalo de Almeida, publiée à de nombreuses reprises dans le journal *Folha de Sao Paulo.*

Graphique 3 : Nombre d'impactés par Belo Monte à Altamira. En bleu, nombre reconnu par Norte Energia, en rouge nombre estimé par le MAB. Photographie d'une file d'attente devant le centre de travail de Norte Energie. Source : José Queiroz de Miranda Neto e José Antônio

Herrera, « Altamira-PA: novos papéis de centralidade e reestruturação urbana a partir da instalação da UHE Belo Monte », *Confins,* 28, 2016.

Image 9 : Francinette et son petit-fils dans leur maison du quartier Laranjeiras. Source : Photographie prise à Altamira le 4 mai 2017.
Image 10 et 11 : Photographies du quartier Laranjeiras. Source : Photographies prises à Altamira le 4 mai 2017.

Schéma 2 : « Déplacements forcés et porte du mode de vie des populations riveraines ». Source : schéma réalisé par Bruno Fonseca pour l'Instituto Socioambiental en juin 2015.

Image 12, 13, 14 et 15 : Photographies dans le quartier *Independente II* montrant l'insalubrité des résidences. Les maisons ont été réaménagées pour permettre l'accès au dessus du mètre d'eau et des égouts à ciel ouvert. Avec la pluie, les déchets s'échouent et stagnent sous les maisons. Source : Photographies prises le 4 mai 2017.

Image 16 et 17 : Photographies dans le quartier *Independente II* montrant la vie des habitants du quartier et leurs tentatives d'échapper aux inondations incessantes. Source : Photographies prises le 4 mai 2017.

Image 18 : Photographie de ma rencontre avec Antônia Melo à Altamira le 5 mai 2017.

Carte 3 : Carte montrant l'emplacement des 5 barrages sur le fleuve Tapajós. Source : André d'Elia, "Belo Monte: Anúncio de uma guerra", 2012, 105 minutes.

Carte 4 : Carte montrant l'emplacement de l'usine hydroélectrique de São Luiz do Tapajós et la terre Munduruku reconnue *Sawré Muybu.* Source : André d'Elia, "Belo Monte: Anúncio de uma guerra", 2012, 105 minutes.

Image 19 : João Pedro Gonçalves da Costa lors de l'Acampamento Terra Livre 2017.

Chapitre 3 :

Image 20 : Thaís Santi, procureur de la République accompagnée à droite du président de la FUNAI Antonio Costa, à gauche du responsable de l'IBAMA à Altamira, Hugo Loss lors d'un débat public sur les conséquences de Belo Monte à Altamira en 2017. Source : Lilo Clareto pour le MAB.

Image 21 : Départ de feu dans les hébergements ouvriers du chantier de Jirau. Source : Caio Cavechini, Carlos Juliano Barros, "Jaci – Sete Pecados De Uma Obra Amazônica", Repórter Brasil, 2015, 102 minutes.

Image 22 : Tract du MAB pour protester contre l'assassinat de Nicinha.

Image 23 : Image des quartiers reconstruits par le consortium Belo Monte pour indemniser la population. Source : Site internet du consortium.

TABLE DES ANNEXES

Annexe 1 : Liste des entretiens réalisés entre mars et juin 2017

Annexe 2 : Lettre des caciques Bet Kamati Kayapó et Raoni Kayapó Yakareti Juruna pour lancer une pétition contre la construction de l'usine hydroélectrique Belo Monte. 17 juin 2010. Source : site internet www.raoni.com

Annexe 3 : Lettre des associations Mouvement Xingu, leaders Tupinambas, Alliance des Gardiens de Mère Nature, Association Kirinapan présentée le 4 mai 2016 à Dilma Rousseff à Altamira. Traduction Christian Caubet. Source : www.ihu.unisinos.br/noticias

Annexe 4 : Rapport de la Commission des droits de l'Homme de l'ONU dénonçant les violations de droits humains dans les constructions de barrages hydroélectriques du Brésil. Présentée le 22 mai 2015 par les associations suivantes : France Libertés : Fondation Danielle Mitterrand, American Association of Jurists, Cultural Survival, Emmaus International Association, Netherlands Centre for Indigenous Peoples (NCIV), Stichting Forest Peoples Programme, non-governmental organizations in special consultative status, Indian Council of South America (CISA), Mouvement contre le racisme et pour l'amitié entre les peuples. Source : www.un.org.

LISTE DES ENTRETIENS

Nom de l'enquêté	Fonction	Date	Durée	Lieu	Enregistré
Kaiah Akwira	Cacique Waiwai, militant contre les grandes constructions au Pará	27 mars 2017	3 heures	Nitéroi, RJ	Oui
Kaiah Akwira	Cacique Waiwai, militant contre les grandes constructions au Pará	29 mars 2017	1 heure	Nitéroi, RJ	Oui
Eduardo Val	Professeur de la UFF, juriste spécialisé dans la défense des peuples indigènes	30 mars 2017	1h30	Rio de Janeiro, RJ	Oui
Rogério Paulo Hohn	Secrétaire national MAB	31 mars 2017	2heures	São Paulo, SP	Oui
Carlos Juliano Barros	Journaliste, réalisateur du documentaire «Jaci»	3 avril 2017	1h30	São Paulo, SP	Oui
Verena Glass	Journaliste, militante contre Belo Sun	6 avril 2017	1 heure	São Paulo, SP	Oui
Paduà Fernandes	Militant chez Indío é nos. Historien spécialiste des massacres indigènes durant la dictature	6 avril 2017	3 heures	São Paulo, SP	Oui
Luiz Ernani Bonesso	Professeur à la UFSM, juriste environnementaliste	12 avril 2017	1 heure	Santa Mario, RS	Non
João Pedro Gonçalves da Costa	Sénateur de l'Etat d'Amazonie, ancien directeur de la FUNAI	25 avril 2017	2 heures	Brasilia, DF, Senado	Oui
Daniel Munduruku	Cacique Munduruku, écrivain	25 avril 2017	30 minutes	Brasilia, DF, Acampamento Terra Livre	Non
Sônia Guajajara	Cacique Munduruku, directrice de l'APIB	25 avril 2017	30 minutes	Brasilia, DF, Acampamento Terra Livre	Non
Kaka Werá	Cacique Munduruku, Thérapeuthe social	25 avril 2017	1 heure	Brasilia, DF, Acampamento Terra Livre	Non

Nom de l'enquêté	Fonction	Date	Durée	Lieu	Enregistré
Aleksandra Munduruku	Cacique Munduruku	26 avril 2017	30 minutes	Brasilia, DF, Acampamento Terra Livre	Non
Marta Tipuici	Cacique Manoki	27 avril 2017	1h30	Brasilia, DF, Acampamento Terra Livre	Non
Jackson Dias	Coordinateur MAB Altamira	3 mai 2017	3 heures	Altamira, PA	Oui
Elisa Estroniolo	Coordinatrice MAB Altamira	4 mai 2017	1 heure	Altamira, PA	Oui
Habitants du resssentamento Independente I	Impactés directement par le barrage de Belo Monte	4 mai 2017	3 heures	Altamira, PA	Non
Habitants du reassentamento Laranjeiras	Habitants indemnisés par le barrage de Belo Monte	4 mai 2017	3 heures	Altamira, PA	Non
Francinete	Habitante indemnisé, militante du MAB	5 mai 2017	2 heures	Altamira, PA	Oui
Antônia Melo	Fondatrice Rio Xingu Vivo	5 mai 2017	2 heures	Altamira, PA	Oui
Habitants du reassentamento Jatobá	Habitants indemnisés par le barrage de Belo Monte	5 mai 2017	3 heures	Altamira, PA	Oui
Thaís Santi	Procureur de la République, a lancé la procédure d'ethnocide contre l'Etat Brésilien	6 mai 2017	2 heures	Altamira, PA	Oui
Eliane Moreira	Procureur de la République, responsable juridique contre les crimes environnementaux commis dans l'Etat du Parà	8 mai 2017	3 heures	Bélèm, PA	Non
Luciana Fonseca	Professeure de la UFSM, spécialiste de la régularisation des crimes environnementaux	8 mai 2017	1 heure	Bélèm, PA	Non

Nom de l'enquêté	Fonction	Date	Durée	Lieu	Enregistré
Lise Tupiassu	Procureur de la République, responsable juridique pour la taxation des multinationales en Amazonie	10 mai 2017	3 heures	Bélèm, PA	Oui
Ozório Juvenil	Député de l'État du Pará	11 mai 2017	2h30	Bélèm, PA	Oui
Norbert Fenzl	Professeur de la UFSM, spécialiste des crimes environnementaux dans le Pará	14 mai 2017	2 heures	Bélèm, PA	Non
Fred Vieira	Coordinateur MAB Itaituba	21 mai 2017	3 heures	Itaituba, PA	Oui
SINTEPP	Directeur du syndicat des enseignants	21 mai 2017	30 minutes	Itaituba, PA	Non
Famille Munduruku	Militants contre l'arrivée du complexe du Tapajós	21 mai 2017	3 heures	Itaituba, PA, aldeia Praia do Indío	Non
Syndicat des travailleurs ruraux	Militants contre la concentration des terres	22 mai 2017	2 heures	Itaituba, PA	Non
Membres du MAB Itaituba	Militants contre l'arrivée du complexe du Tapajós	22 mai 2017	3 heures	Itaituba, PA	Oui
Edimilson Cloth	Directeur pour Itaituba de l'IPAM Amazônia	23 mai 2017	1 heure	Itaituba, PA	Non
Sandra Siqueira	Ancien employée du Dialogo Tapajós	24 mai 2017	2 heures	Itaituba, PA	Oui
Erik Jennings	Médecin alertant sur le haut taux de mercure dans le Tapajós	25 mai 2017	2 heures	Santarém, PA	Non
Luís de Camões Lima Boaventura	Procureur de la République, milite contre l'arrivée du complexe du Tapajós	26 mai 2017	1 heure	Santarém, PA	Non
Fernanda Ortolan	Membre du CIMI	26 mai 2017	1 heure	Santarém, PA	Non

Nom de l'enquêté	Fonction	Date	Durée	Lieu	Enregistré
Antonio Maués	Professeur de la UFSM, spécialiste des crimes indigènes	30 mai 2017	2 heures	Bélèm, PA	Non
Antonio Souza Prudente	Professeur à l'université de Brasilia, a dénoncé les scandales de corruption dans l'affaire Belo Monte	6 juin 2017	30 minutes	São Paulo, SP Congrès scientifique de droit environnement al Planeta Verde	Non
José Lourival Magri	Responsable developepment durable chez Engie Brésil	7 juin 2017	1 heure	São Paulo, SP Congrès scientifique de droit environnement al Planeta Verde	Non
Silvia Pompeia	Responsable du Dialogo Tapajos	13 juin 2017	3 heures	São Paulo, SP	Oui

Nós, indígenas do Xingu, não queremos Belo Monte
Cacique Bet Kamati Kayapó, Cacique Raoni Kayapó Yakareti Juruna

O presidente Lula disse na semana passada que ele se preocupa com os índios e com a Amazônia, e que não quer ONGs internacionais falando contra Belo Monte. Nós não somos ONGs internacionais.

Nós, 62 lideranças indígenas das aldeias Bacajá, Mrotidjam, Kararaô, Terra-Wanga, Boa Vista Km 17, Tukamã, Kapoto, Moikarako, Aykre, Kiketrum, Potikro, Tukaia, Mentutire, Omekrankum, Cakamkubem e Pokaimone, já sofremos muitas invasões e ameaças. Quando os portugueses chegaram ao Brasil, nós índios já estávamos aqui e muitos morreram e perderam enormes territórios, perdemos muitos dos direitos que tínhamos, muitos perderam parte de suas culturas e outros povos sumiram completamente. Nosso açougue é o mato, nosso mercado é o rio. Não queremos mais que mexam nos rios do Xingu e nem ameacem mais nossas aldeias e nossas crianças, que vão crescer com nossa cultura.

Não aceitamos a hidrelétrica de Belo Monte porque entendemos que a usina só vai trazer mais destruição para nossa região. Não estamos pensando só no local onde querem construir a barragem, mas em toda a destruição que a barragem pode trazer no futuro: mais empresas, mais fazendas, mais invasões de terra, mais conflitos e mais barragem depois. Do jeito que o homem branco está fazendo, tudo será destruído muito rápido. Nós perguntamos: o que mais o governo quer? Pra que mais energia com tanta destruição?

Já fizemos muitas reuniões e grandes encontros contra Belo Monte, como em 1989 e 2008 em Altamira-PA, e em 2009 na Aldeia Piaraçu, nas quais muitas das lideranças daqui estiveram presentes. Já falamos pessoalmente para o presidente Lula que não queremos essa barragem, e ele nos prometeu que essa usina não seria enfiada goela abaixo. Já falamos também com a Eletronorte e Eletrobrás, com a Funai e com o Ibama. Já alertamos o governo que se essa barragem acontecer, vai ter guerra. O Governo não entendeu nosso recado e desafiou os povos indígenas de novo, falando que vai construir a barragem de qualquer jeito. Quando o presidente Lula fala isso, mostra que pouco está se importando com o que os povos indígenas falam, e que não conhece os nossos direitos. Um exemplo dessa falta de respeito é marcar o leilão de Belo Monte na semana dos povos indígenas.

Por isso nós, povos indígenas da região do Xingu, convidamos de novo o James Cameron e sua equipe, representantes do Movimento Xingu Vivo para Sempre (como o movimento de mulheres, ISA e CIMI, Amazon Watch e outras organizações). Queremos que nos ajudem a levar o nosso recado para o mundo inteiro e para os brasileiros, que ainda não conhecem e que não sabem o que está acontecendo no Xingu. Fizemos esse convite porque vemos que tem gente de muitos lugares do Brasil e estrangeiros que querem ajudar a proteger os povos indígenas e os territórios de nossos povos. Essas pessoas são muito bem-vindas entre nós.

Nós estamos aqui brigando pelo nosso povo, pelas nossas terras, pelas nossas florestas, pelos nossos rios, pelos nossos filhos e em honra aos nossos antepassados. Lutamos também pelo futuro do mundo, pois sabemos que essas florestas trazem benefícios não só para os índios, mas para o povo do Brasil e do mundo inteiro. Sabemos também que sem essas florestas, muitos povos irão sofrer muito mais, pois já estão sofrendo com o que já foi destruído até agora. Pois tudo está ligado, como o sangue que une uma família.

O mundo tem que saber o que está acontecendo aqui, perceber que destruindo as florestas e povos indígenas, estarão destruindo o mundo inteiro. Por isso não queremos Belo Monte. Belo Monte representa a destruição de nosso povo.

Para encerrar, dizemos que estamos prontos, fortes, duros para lutar, e lembramos de um pedaço de uma carta que um parente indígena americano falou para o presidente deles muito tempo atrás: " Só quando o homem branco destruir a floresta, matar todos os peixes, matar todos os animais e acabar com todos os rios, é que vão perceber que ninguém come dinheiro ".

17/06/2010

Signatures originales et empruntes digitales de Raoni et des autres chefs Kayapos, premiers signataires de la pétition.

Hors-Champ
Prises de position autochtones
Mouvement Xingu, leaders Tupinambas, Alliance des Gardiens de Mère Nature, Association Kirinapan

Lettre d'adieu à Dilma Roussef

Mouvement Xingu

À l'occasion de la présence de Dilma Roussef, à Altamira le 4 mai 2016, le Mouvement Xingu Vivo para Sempre/Xingu Vivant pour Toujours a rendu publique la note suivante.

Dilma,

Aujourd'hui vous êtes venue jusqu'à notre rivière Xingu inaugurer Belo Monte[1], notre cauchemar majeur. Vous êtes venue, en ces temps où l'on parle tant de violation de l'État Démocratique, dire que vous avez une immense fierté des choix que vous avez faits, entre autres la construction de cette usine.

Vous ne nous avez jamais écoutés ni compris, et nous, qui savions que, pour faire votre choix, vos motifs étaient autres, bien différents de l'« intérêt du Pays », aujourd'hui nous ne vous comprenons pas.

Vous êtes venue jusqu'à notre territoire pour inaugurer une œuvre corrompue dans sa racine. Une œuvre qui a enrichi de manière criminelle vos ex-alliés (aujourd'hui ennemis). Vous avez vendu chèrement nos vies à des canailles qui aujourd'hui crachent dans les plats de porcelaine chinoise où ils ont mangé ce que vous leur avez servi, tandis que nous commencions à sentir la faim et le froid. Quel type de personne sent une immense fierté de cela ?

Vous dites aujourd'hui « je suis victime d'une injustice » et vous plaignez des rites illégaux qui vous atteignent ; mais vous avez traité avec dédain des dizaines de procès juridiques contre Belo Monte, y compris à la Commission Interaméricaine des Droits Humains de l'Organisation des États Américains, à laquelle vous en avez appelé quand vous vous êtes sentie menacée dans votre pouvoir. Vous parlez de coup d'État contre votre personne au Congrès, mais avez fait le nécessaire pour que toutes nos fragiles possibilités de défense judiciaire soient annulées par l'Advocacia General da União – AGU –, grâce à de néfastes interdictions de recours par mesures de sécurité. Entre vous et

1 Belo Monte, gigantesque barrage électrique sur le Rio Xingu. Un tribunal brésilien a ordonné mardi 14 août 2016 l'arrêt des travaux du barrage, au motif que les indiens de la région n'avaient pas été préalablement consultés.

Document téléchargé depuis www.cairn.info - Université Paris 1 - Sorbonne - - 193.55.96.119 - 06/04/2018 14h18. © Association Multitudes

nous, nous n'avons aucun doute sur le fait de savoir qui a été le plus privé de Justice.

Aujourd'hui vous avez survolé notre rivière, Dilma, mais évidemment vous n'avez ni vu ni senti la pourriture de centaines de tonnes de poissons morts que votre usine produit chaque jour et qui ont engendré une amende millionnaire contre votre Norte Energia[2]. Comme c'est sans intérêt pour vous, vous vous en êtes tenue à raconter des âneries sur la préservation de l'environnement.

Vous avez aussi parlé de croissance et de prospérité; et invité la pire des espèces d'entreprise – les minières – à s'installer dans notre cour, en leur promettant généreusement des conditions adéquates et de l'énergie. Vous ne vous êtes même pas préoccupée du fait que nous souffrons déjà à cause de l'entreprise minière canadienne Belo Sun[3], qui essaie de nous arracher ce qui reste de territoire et de rivière pour faire la plus grande mine d'or à ciel ouvert du pays dans la grande boucle du Xingu.

Mais sur quoi basez-vous votre discours optimiste, Dilma? Ne vous paraît-il pas significatif, par hasard, que la BNDES[4] elle-même ait déclaré Belo Monte économiquement inviable? Ne vous paraît-il pas important que cette usine ne pourra être terminée que si l'Eletrobras[5] achète son énergie à des prix exorbitants bien plus élevés que ceux du marché?

À notre avis, vous vous êtes aujourd'hui rabaissée à inaugurer la plus néfaste des œuvres du gouvernement pétiste, celle qui a entaché l'image du Brésil dans le monde entier. Une initiative dont vous avez hérité des mêmes esprits malades qui vous ont torturée en prison. Même ainsi, Dilma, vous ne vous êtes pas disposée à montrer quelque clémence pour notre douleur. Même au moment où vous sentez dans votre peau ce que c'est que d'être déchirée par des forces qui vous dépassent, forces qui n'ont pas le moindre respect pour la justice ou les lois, vous n'avez pas été capable d'empathie avec nous. Même pas comme ça, Dilma…

Que les Enchantés aient pitié de nous, parce que vous n'en avez jamais été capable.

PS/ Nous profitons de cette lettre à Dilma pour rendre publics notre rejet et notre indignation contre le groupe qui, représenté par M. João Batista Uchôa, Coordonnateur Général de la Fondation Viver, Produzir e Preservar (FVPP), s'est attribué le droit de vanter le « Belo Monte du gouvernement » au nom de la société civile d'Altamira. Nous ignorons si ce Monsieur, qui a fait son lamentable discours sur l'estrade de Dilma, a réellement parlé au nom du Front Brésil Populaire, du Mouvement des Victimes des Barrages (MAB), de la CUT (Central Única dos Trabalhadores) et de la CONTAG[6], comme il l'a déclaré. Nous respectons ceux qui s'opposent au coup d'État parce que nous respectons les libertés démocratiques de tout citoyen ou organisation. Mais nous ne respectons pas les lèche-bottes du gouvernement dans un acte d'inauguration de cette réalisation horrible de Belo Monte. Certains secteurs ont-ils bénéficié de politiques publiques? Eh bien, ceci est notre Droit. Ceci n'a rien à voir avec Belo Monte. Une politique publique est un Droit, pas un pot-de-vin. Faire l'apologie d'un projet qui a arraché le sol de tellement de gens, c'est petit, très petit.

Source : www.ihu.unisinos.br/noticias
Traduction par Christian G. Caubet

2 Consortium d'entreprises qui construit Belo Monte.

3 Belo Sun, complexe canadien qui extrait l'or à quelques kilomètres de Belo Monte.

4 BNDES : Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. Banque d'État qui finance de grands travaux et chantiers, au Brésil et à l'extérieur.

5 Eletrobrás : Entreprise d'État pour l'Énergie électrique.

6 Contag : Confédération des Travailleurs de l'Agriculture.

Document téléchargé depuis www.cairn.info - Université Paris 1 - Sorbonne - - 193.55.96.119 - 06/04/2018 14h18. © Association Multitudes

United Nations A/HRC/29/NGO/24

General Assembly

Distr.: General
4 June 2015

English and French only

Human Rights Council
Twenty-ninth session
Agenda item 3
Promotion and protection of all human rights, civil, political, economic, social and cultural rights, including the right to development

Joint written statement* submitted by France Libertés : Fondation Danielle Mitterrand, American Association of Jurists, Cultural Survival, Emmaus International Association, Netherlands Centre for Indigenous Peoples (NCIV), Stichting Forest Peoples Programme, non-governmental organizations in special consultative status, Indian Council of South America (CISA), Mouvement contre le racisme et pour l'amitié entre les peuples, non-governmental organizations on the roster

The Secretary-General has received the following written statement which is circulated in accordance with Economic and Social Council resolution 1996/31.

[22 May 2015]

* This written statement is issued, unedited, in the language(s) received from the submitting non-governmental organization(s).

GE.15-10216 (E)

1510216

Please recycle

Hydroelectric dams and violations of indigenous peoples' right to free, prior and informed consent in the Brazilian Amazon*

In its rush to build an unprecedented number of hydroelectric dams on major Amazon rivers, the Brazilian government has repeatedly violated international human rights agreements to which the country is party, such as ILO Convention 169 and the UN Declaration on Rights of Indigenous Peoples (UNDRIP) concerning the right of indigenous and tribal peoples to previous consultation and Free, Prior and Informed Consent (FPIC). As such violations intensified, the devastating human and environmental consequences of these dam projects have become increasingly visible. This statement provides a brief update on violations of indigenous peoples' right to previous consultation and FPIC regarding dam projects in the Brazilian Amazon, highlighting the Belo Monte dam complex on the Xingu River and a series of large dams, planned and under construction, in the Tapajós basin.[1]

In Brazil, systematic violations of indigenous peoples' rights to FPIC in the planning, licensing and construction of Amazonian dams are largely the result of: 1) the lack of a consistent position of the Brazilian government regarding how the rights of indigenous peoples to consultation and FPIC, as determined by ILO Convention 169 (ratified in 2002), UNDRIP, the Inter-American System on Human Rights, and the Brazilian Constitution must be applied to hydroelectric dams and similar projects that directly impact indigenous territories and livelihoods;[2] and 2) the willingness of the Brazilian government to undermine the rule of law and democratic institutions, catering to powerful interests of a longstanding alliance between the Ministry of Mines and Energy (MME), political parties and private construction companies. As demonstrated in recent investigations by the Federal Police and Public Prosecutors, this alliance is closely linked to massive corruption schemes.[3]

The planning and licensing of hydroelectric dams in the Brazilian Amazon has been characterized by: a) the use of basin inventory studies conducted by MME and private companies that focus narrowly on identification of sites with maximum potential for energy generation - regardless of social and environmental consequences of individual projects and dam cascades – as a basis for political decisions on dam construction, with no FPIC process; b) incomplete environmental impact and economic viability studies carried out by dam proponents without independent and objective analysis, and thus, results, c) denial of the existence of downstream and other impacts, largely as a means to justify the absence of FPIC; d) political strong-arming of institutions responsible for environmental protection to approve environmental licenses, and e) lack of independent monitoring of dam impacts and implementation of required mitigation and compensation measures.

A striking example of disregard for indigenous rights in the planning, licensing and construction of dam projects is the repeated use of a legal tool known as "Security Suspension" (*Suspensão de Segurança*) that allows chief justices, upon request from the federal government, to unilaterally suspend legal decisions in favor of indigenous peoples' rights, based on vaguely-alleged threats to national security and the country's "social and economic order". According to current legislation, a "Security Suspension" remains in effect until the last possible phase of appeals, allowing dam construction to become a *fait accompli*, while gross violations of human rights continue. As denounced by civil society

[1] See joint statement A/HRC/25/NGO/43 (14 February 2014):
http://ap.ohchr.org/documents/alldocs.aspx?doc_id=22780

[2] See: Memorando no. 244/2013/FUNAI-MJ, from ex-President Maria Augusta Assirati of the Federal Indian Agency (FUNAI) to Minister of Justice José Eduardo Cardozo, which never received a response. Within this context of ambiguity, a particular problem has been the Rousseff administration's refusal to acknowledge situations in which the *consent* of indigenous peoples should be a prerequisite for project approval.

[3] See: http://www.bloomberg.com/news/features/2015-05-08/brazil-s-massive-corruption-scandal-has-bitterness-replacing-hope http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2014/12/costa-diz-que-esquema-de-propina-e-superfaturamento-funciona-sempre.html See also: http://www.internationalrivers.org/resources/8595

organizations and legal experts in Brazil, the *Suspensão de Segurança* constitutes an obstacle to Brazil's compliance with international human rights agreements, such as ILO Convention 169 and UNDRIP.[4]

Belo Monte

The Belo Monte Hydroelectric Complex, under construction since mid-2011 on the Xingu River, one of the Amazon's major tributaries, is arguably the world's most notorious example of a mega-dam project that involves blatant disregard for both national and international human rights and environment law. Since 2001, Belo Monte has been the object of at least twenty Civil Action Lawsuits filed by the Federal Public Prosecutors' Office (MPF).

In 2006, MPF filed a lawsuit questioning approval by Brazil's National Congress of Legislative Decree no. 788/2005 that authorized construction of Belo Monte despite a lack of prior consultations with affected indigenous peoples, as mandated by article 231 of the Federal Constitution and ILO Convention 169. In August 2012, a federal appeals court (TRF-1) ruled on the merits of the case, suspending Decree 788 and the construction of Belo Monte. In a matter of days, outgoing Chief Justice of the Supreme Court (STF), Carlos Ayres Britto, upon request from the Attorney General's Office (AGU), unilaterally suspended the court decision, via *Suspensão de Segurança*, ignoring arguments concerning the case's merits and postponing a final judgment. Subsequently, STF has neglected to consider appeals from the Federal Public Prosecutor's office to reconsider Britto's decision.[5]

In November 2010, a coalition of Brazilian and international organizations filed a petition with the IACHR on behalf of affected indigenous communities from the Xingu, calling attention to the absence of FPIC among indigenous peoples threatened by Belo Monte, and threats to groups in voluntary isolation. In April 2011, the Commission issued precautionary measures (PM 382-2010), requesting the Brazilian government, among others, to suspend licensing and construction of Belo Monte prior to conducting a process of FPIC among local indigenous peoples, while taking special actions to ensure the physical integrity of tribes in voluntary isolation. The response of the Brazilian government was an aggressive denial of any violations of indigenous rights and a refusal to implement the precautionary measures. While questioning the authority of the IACHR, the Brazilian government withheld its financial contributions to the OAS, and candidates to the Inter-American Commission in retaliation.[6] The IACHR subsequently issued an amended version of the precautionary measures in July 2011 (still in place).[7]

Tapajós

The Tapajós basin is currently the main focus of the Brazilian government's ambitious dam-building plans for the Amazon, which is on a collision course with indigenous territories and other protected areas. In the case of the São Luiz do Tapajós dam, the largest of the planned hydro-projects in the basin, the Federal Public Prosecutors Office in the state of Pará (MPF-PA) filed a Civil Action Lawsuit in September 2012, demanding a process of FPIC with threatened indigenous peoples, prior to granting a first phase environmental license for the project. The lawsuit also demanded an evaluation of cumulative impacts of the São Luiz do Tapajós dam, together with other projects slated for construction in dam cascades on the Tapajós and a major tributary, the Jamanxim. Following a favorable decision from a federal judge in November 2012, the Secretary General of the Presidential office announced that it would coordinate consultations with the Munduruku people, directly threatened by São Luiz do Tapajós and other planned dam projects on the Tapajós

[4] See: http://www.icjp.pt/sites/default/files/papers/o_terror_juridico_completo.pdf
[5] At least six other lawsuits on Belo Monte have been similarly undermined via "Security Suspension": http://www.prpa.mpf.mp.br/news/2014/arquivos/Tabela_de_acompanhamento_atualizada_Mar_2014.pdf/at_download/file
[6] http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-nao-paga-oea-por-causa-de-belo-monte-imp-,787892
[7] http://www.oas.org/en/iachr/decisions/precautionary.asp

main stem. Paradoxically, the Secretary General, Minister Gilberto Carvalho, simultaneously declared that the process of consultation with the Munduruku would not deter the government's plans for constructing São Luiz do Tapajós and other dam projects.[8]

Meanwhile, as foreseen in relevant legislation, the Munduruku people prepared a "protocol" on procedures for ensuring a culturally-appropriate process of FPIC.[9] In January 2015, the protocol was personally delivered to incoming Secretary General of the President's office, Miguel Rossetto, but has yet to receive a formal response from the government.[10] In April 2015, incoming Minister of Mines and Energy, Eduardo Braga, declared that the auction for São Luiz do Tapajós will take place in November 2015, while ignoring pending needs for FPIC.[11]

On the Teles Pires River, a major tributary of the Tapajos, the construction of a cascade of four large dams, with no process of FPIC, has already provoked major social and environmental consequences. In April 2015, an alliance of four indigenous tribes denounced the Brazilian government for initiating a process of cultural and physical genocide.[12]

We urge the Brazilian government to:

• Observe international commitments to human rights and implement a culturally appropriate process of prior consultations and FPIC;

• Respect the independence of the Judiciary and eliminate the use of the "Security Suspension" to undermine legal decisions in favor of indigenous rights to FPIC.

We call upon the Human Rights Council to request information to the State and closely monitor violations of indigenous rights associated with hydroelectric dams in the Brazilian Amazon, through the applicable mechanisms, including field visits to meet with affected communities and the Federal Public Prosecutors, involving the following relevant special procedures:

• Special Rapporteur on rights of indigenous peoples

• Special Rapporteur on human right to safe drinking water and sanitation

• Special Rapporteur on independence of judges and lawyers

• Working group on business and human rights

---

[8] See: http://racismoambiental.net.br/2014/11/12/ele-e-um-canalha-lideranca-munduruku-responde-entrevista-de-gilberto-carvalho/

[9] http://amazonwatch.org/assets/files/2014-12-14-munduruku-consultation-protocol.pdf

[10] http://www.prpa.mpf.mp.br/news/2015/indios-e-ribeirinhos-entregam-ao-governo-federal-protocolo-para-consulta-previa-da-usina-sao-luiz-do-tapajos

[11] http://www.xinguvivo.org.br/2015/04/17/munduruku-desmentem-eduardo-braga-sobre-dialogo-com-indigenas-e-exigem-consulta-e-demarcacao/

[12] http://www.internationalrivers.org/files/attached-files/manifesto_da_alianca_dos_povos_indigenas-protocolos-assinaturas.pdf
http://www.internationalrivers.org/files/attached-files/manifesto_indigenous_alliance_teles_pires_24abril2015.pdf